

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
HISTÓRIA DAS SOCIEDADES IBERO-AMERICANAS
MESTRADO EM HISTÓRIA**

**SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA: RAÍZES DO BRASIL, DIÁLOGOS COM A
POLÍTICA E A HISTÓRIA DO BRASIL.**

JÚLIA SILVEIRA MATOS

PORTO ALEGRE
2005

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

JÚLIA SILVEIRA MATOS

**SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA: RAÍZES DO BRASIL, DIÁLOGOS COM A
POLÍTICA E A HISTÓRIA DO BRASIL.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História das Sociedades Ibero-americanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, para obtenção do título de mestre em História das Sociedades Ibero-americanas, sob a orientação do Prof^o. Dr. Moacyr Flores. Linha de pesquisa: Sociedade, Urbanização e Imigração.

PORTO ALEGRE
2005

DEDICATÓRIA

À minha mãe por toda luta, fé e empenho dedicados para o cumprimento de mais uma etapa da minha vida, dentre as muitas que ainda enfrentarei.

AGRADECIMENTOS

Algumas pessoas foram infinitamente importantes para a concretização deste curso de mestrado. Após muita luta e empenho, embora ciente de minhas limitações e dificuldades, diversos obstáculos foram vencidos. Sem dúvida alguma, a contribuição de muitos professores, que com paciência e dedicação instruíram-me no caminho que deveria andar, foi essencial para a conclusão deste trabalho. Agradeço a todos, que mesmo não citados aqui, de alguma forma me ajudaram.

Agradeço a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e ao Programa de incentivo a pesquisa científica do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, pelo apoio, sem o qual esta pesquisa não teria se desenvolvido.

Ao professor Dr. Moacyr Flores, que com suas aulas repletas de informações, contagiou-me com o desejo de pesquisar, além de seu empenho, como orientador; dando-me o exemplo concreto de luta, obstinação e vitória.

Agradeço a Márcia Aparecida e à UNICAMP, que tanto me auxiliaram nesta pesquisa, digitalizando documentos e indicando leituras.

Ao professor Dr. Edgar de Decca que apoiou meu trabalho, com confiança e carinho.

Às professoras Sandra Brancato e Núncia Santoro Constantino por suas inúmeras indicações de leitura que muito me auxiliaram neste percurso de formação.

À Rita de Cássia do Solar dos Câmaras que não titubeou em doar-me seus livros para realização deste trabalho. Também a Ana Cristina da Biblioteca do Solar dos Câmaras que tanto me auxiliou com as bibliografias necessárias para esta pesquisa.

Aos professores da UNIOESTE, que de uma forma ou de outra participaram de minha formação pessoal e me incentivaram a percorrer os caminhos da pesquisa. Em especial, ao professor Marcos Antônio Lopes, que desde logo me atraiu para um mundo que não conhecia, os caminhos da leitura.

À Raquel Padilha, por agüentar meus dias de mau humor e por sua sincera amizade.

À Cristine Fortes Lia pelo estímulo, amizade e confiança que dedicou a mim, sem os quais este percurso teria sido bem mais árduo.

À Francisca Carla Ferrer, mais do que amiga, pelas palavras de incentivo, paciência, dedicação, companheirismo, orientação e tantas outras infinitas coisas que me inspiraram e ajudaram a chegar até aqui.

À minha querida Maria Josilma que com abnegação me auxiliou com a correção ortográfica desta dissertação, além das muitas conversas sobre análise semântica que muito me iluminaram nos caminhos escuros da obra de Sérgio Buarque de Holanda.

Como não poderia esquecer, agradeço a Maria Aparecida, (Cida), com quem pude travar diálogos instigantes, contar com sua amizade e confiança, suportes importantes para esta caminhada.

Agradeço em especial à minha mãe e à irmã que sempre apoiaram e acreditaram em mim.

“...não atentando nós nas cousas que se vêem, mas nas que se não vêem; porque as que se vêem são temporais, e as que se não vêem são eternas”.

Paulo de Tarso II Co: 4:18

RESUMO

Sérgio Buarque de Holanda é considerado um dos maiores historiadores do nosso tempo e sua obra, principalmente *Raízes do Brasil*, em seu conjunto se tornou referência na historiografia nacional. No entanto, Sérgio Buarque Holanda ao produzir *Raízes do Brasil*, não se propôs a fazer um livro de história, mas, uma obra que dialogasse com seu tempo e problemas sociais, fazendo assim, uma história do tempo presente.

PALAVRAS-CHAVE: Brasil – nacionalismo – Alemanha

ABSTRACT

Sérgio Buarque de Holanda is considered one of the most historians of our time and his work, mainly *Roots of Brazil*, in his work became reference in the national historiography. However, Sérgio Buarque de Holanda to produce *Roots of the Brazil*, propose more than a history book, he achieved a work that dialogued with his time and social problems, a present's history.

KEY WORD: Brazil – Nationalism – Germany

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

I. A CONCEPÇÃO DO HOMEM CORDIAL

1.1.O intelectual e a obra Raízes do Brasil: uma discussão historiográfica

II. O ESTRANHAMENTO: O NASCIMENTO DO HOMEM CORDIAL

2.2.O Contexto

2. 2. Sérgio Buarque na Alemanha: as reportagens

2.3. Sérgio Buarque e o Jornal

III.RAÇA, CULTURA E NACIONALISMOS: A HERANÇA INTELECTUAL DO HOMEM CORDIAL.

3.1.A Herança Intelectual: primeira fase

3.2. Herança intelectual: Segunda fase

CONCLUSÃO

BIBLIOGRAFIA

1. Fontes Primárias: livros e artigos
2. Fontes Primárias: reportagens
3. Bibliografia Auxiliar

ANEXOS

INTRODUÇÃO

Inúmeras foram as obras publicadas dentre as primeiras décadas do século XX, voltadas a discutir a nacionalidade brasileira, seu caráter, seus vícios e males. Como exemplo, podemos citar as obras de Alberto Torres “*O Problema Nacional Brasileiro*” e “*A Organização Nacional*”, ambas de 1914, Oliveira Vianna “*Pequenos Estudos de Psicologia Social*”, 1921, Paulo Prado “*Retrato do Brasil*” de 1928, Afonso Arinos de Mello Franco “*Conceito da Civilização Brasileira*”, 1936 e Sérgio Buarque de Holanda “*Raízes do Brasil*” de 1936, entre outras de tanta relevância quanto às citadas. Conforme nos disse Lúcia Lippi Oliveira “*A intelectualidade brasileira já vinha, desde os anos 20, se ocupando em diagnosticar as causas dos males brasileiros*”.¹

Sérgio Buarque de Holanda em *Raízes do Brasil* foi buscar nas fundações ibéricas de nossa cultura as justificativas para o nosso modo de ser. No entanto, seu discurso não parou no diagnóstico, o autor criticou nossas instituições e propôs mudança. Dentre as muitas interpretações que buscaram definir “quem somos nós”, Sérgio Buarque propôs uma

¹ OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *Introdução*. In: --- Lúcia Lippi Oliveira *et al.* **Estado Novo: Ideologia e Poder**. Rio de Janeiro. Zahar Editores S.A., 1982, p.14.

tipologia do ser nacional, herdeiro das instituições ibéricas, provido de uma cultura luso-espanhola “*mal formada nessa terra*”², ou seja, desprovido de cultura própria. Sua crítica as instituições brasileiras abriu uma nova forma de ver o Brasil.

Essa questão de “quem somos nós” foi levantada no século 19, com a consolidação do Estado Nacional, e permaneceu como nossa indagação mais urgente, tornando-se a partir dessa época uma verdadeira obsessão da intelectualidade no Brasil. Evidentemente, a questão tem uma conotação absolutamente política, porque ao definir “quem somos”, definimos também os agentes legitimamente reconhecidos pela ação política.³

Sérgio Buarque se contrapôs aquela velha ordem excludente imposta pela República Velha. Por isso, em sua obra desenvolveu um discurso político, apoiado na análise histórica. Segundo Andréa Sanhudo Torres, “*O discurso político é o discurso por excelência do sujeito em todos os sentidos, seu local de enunciação é a luta política, seu objetivo é vencer a luta através do jogo da desconstrução*”.⁴ Como veremos, *Raízes do Brasil* é uma obra de desconstrução da imagem idealizada do brasileiro. Sérgio Buarque dialogou diretamente com o “mito das três raças”, combatendo o romantismo do século XIX e as teorias deterministas que apresentavam o brasileiro como fruto da mistura de brancos, índios e negros. Sérgio Buarque apresentou o ser nacional como fruto de uma determinada cultura, assim é um ser cultural, mutante e, não como consequência de mistura biológica, imutável.

Conforme nos disse Edgar de Decca, os intérpretes do Brasil almejavam subordinar a ação política à ordem do modo de ser nacional. No entanto, Sérgio Buarque dialogou com a

² HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. 7 ed. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1973, p.135.

³ DECCA, Edgar Salvadori de. *Ensaio de cordialidade em Sérgio Buarque de Holanda*. In: *Intérpretes do Brasil*. Gunter Axt & Fernando Luís Schüler. Porto Alegre, RS, Artes e Ofícios, 2004, p. 214.

⁴ TORRES, Andréa Sanhudo. *Imprensa: política e cidadania*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 1999, p.21.

tradição historiográfica nacional e se opôs a esta idéia, afirmou que o brasileiro era fruto de uma estrutura importada, mas que isso não impedia que construísse uma cultura original e extinguisse essa estrutura política personalista, plutocrática, a qual poderia ser substituída, através da revolução se preciso, por um governo democrático e forte, que organizaria o Brasil, para proporcionar ao povo a participação política devida.

Em *Raízes do Brasil* Sérgio Buarque apresentou seu conceito de “Homem Cordial”. Para ele, este é um ser social fruto de nossa história, mas que ao mesmo tempo está preso ao passado, conforme nos fala Edgar de Decca. Este conceito segundo Sérgio Buarque foi apropriado de Ribeiro Couto. No entanto, o autor de *Raízes do Brasil* foi buscar “... na história de nossa formação social a essência desse um ser cordial que, segundo ele, está desterrado em sua própria terra”.⁵ Concordando com Brasília Sallum Jr⁶, para Sérgio Buarque a identidade brasileira ainda estava por ser feita, algo em aberto.

Para afirmar seu posicionamento Sérgio Buarque apoiou-se sobre conceitos expostos em clássicos da História do Brasil. Sobre sua famosa frase “*desterrados em nossa terra*”, encontramos referência na página 104 de *Raízes do Brasil*, na qual o historiador citou Capistrano de Abreu, “*Transplantados para longe do país, muito jovens, ‘os filhos aterrados’ de que falava Capistrano de Abreu...*”.⁷ Assim vemos como Sérgio Buarque reelaborou idéias e conceitos. Na frase de Abreu encontramos jovens portugueses que lançados na aventura de colonizar um novo mundo receberam terras aqui e reproduziram

⁵ Id. DECCA, Edgar Salvadori de. 2004, p. 219.

⁶ SALLUM, Brasília jr. *Raízes do Brasil*. In: **Introdução ao Brasil. Um banquete no trópico**. Mota, Dantas (org.). 4 ed. São Paulo, Editora Senac São Paulo, 2004, p. 238.

⁷ HOLANDA, Sérgio Buarque. *Op. cit.* 1973, p.135.

assim, suas formas de convívio⁸ e instituições, tornando-se aterrados nos trópicos. Para Sérgio Buarque este aterramento de lusos nestas terras tropicais fez de nós “*desterrados*”, pois não somos lusos e nem brasileiros.

O presente tema surgiu em decorrência destas discussões e questionamentos sobre a afirmação da identidade nacional e as devidas transformações que esta sofreu dentre os anos de 1900 a 1930. Na última década do século XX e primeira deste XXI, foi cada vez maior o núcleo de historiadores que voltaram seu foco de análise para o estudo de como se deu a formação intelectual dos historiadores pós Proclamação da República e como exemplo podemos citar: Ângela de Castro Gomes e Lúcia Lippi Oliveira, entre outros. No entanto, para nós estudarmos a todos os intelectuais, das primeiras décadas do século XX, seria algo geral, demasiado e impossível para uma pesquisa que almeja olhar o indivíduo enquanto sujeito ativo na sociedade. Portanto, pareceu mais conveniente a eleição do intelectual.

Entre tantos pensadores, Sérgio Buarque de Holanda, a princípio, despertou interesse por seu início literário e posterior migração para análise histórica, por sua vivência na Alemanha em contato com influências rankeanas e principalmente por sua grande atuação como professor do ensino superior. Após leituras atentas de sua obra inaugural *Raízes do Brasil*, observamos à profundidade e crítica do pensamento de Sérgio Buarque. Ele não foi somente fruto de seu tempo, mas também agente ativo formador de opiniões, sobre as gerações futuras. Por isso, notamos a importância de se estudar a obra e personalidade de Sérgio Buarque de Holanda.

⁸ Sobre nossas formas de convívio, Sérgio Buarque na primeira página de *Raízes do Brasil* disse: “...*O certo é que todo o fruto de nosso trabalho ou de nossa preguiça parece participar de um sistema de evolução próprio de outro clima e*

Muitos já o estudaram, analisaram influências e pontos centrais de sua obra, mas, há muito a ser revelado sobre seu pensamento, que com certeza influenciou a intelectualidade posterior a ele. Algumas lacunas, como o caráter político da obra, ainda pareciam existir. “*A nossa arte, os nossos monumentos literários, estão cheios de ecos do passado; os nossos homens de ação tem a boca cheia de lições do passado, reais ou imaginárias*”.⁹

Neste sentido, entendemos que a história produzida no Brasil é fruto de seu passado, de suas heranças, seja em conceitos ou teoria. Por isso, esta análise de Sérgio Buarque de Holanda e sua obra é importante não só para entender seu tempo e produção, mas também a história que é feita hoje. Estudar este historiador possibilitou uma compreensão, mesmo que em partes, do processo de construção da historiografia atual. *Raízes do Brasil* é um dos trabalhos “... que registram expressivas mudanças no pensamento social brasileiro, e que, ao lado de outras transformações sociais, políticas e econômicas, conferem enorme riqueza e significado histórico à década de 1930”.¹⁰

Portanto, a presente pesquisa analisou o tema já exposto, enfatizando a teoria historiográfica¹¹ desenvolvida por Sérgio Buarque de Holanda em suas obras, mas principalmente em *Raízes do Brasil*. “*Sérgio Buarque de Holanda foi um pioneiro deste modo de desvendar o passado dentro de um prisma engajado, que visava uma redefinição do político, a preeminência do social e as possibilidades de transformação da sociedade*

de outra paisagem. Assim, antes de perguntar até que ponto poderá alcançar bom êxito a tentativa, caberia averiguar até onde temos podido representar aquelas formas de convívio, instituições e idéias de que somos herdeiros”.

⁹ BLOCH, Marc. *Introdução à história*. 5 ed. Portugal, Publicações Europa-América, 1987, p. 12.

¹⁰ VELOZO, Mariza & MADEIRA, Angélica. *Leituras Brasileiras*. São Paulo, Editora Paz e Terra, 1999, p.135.

¹¹ Chamamos de Teoria Historiográfica porque Sérgio Buarque de Holanda, de forma cartesiana, fundou uma nova forma de ver o Brasil e de escrever sobre ele.

brasileira".¹² Sua dupla trajetória literária e histórica possibilitou uma originalidade própria de Sérgio Buarque. Comparado com outros intelectuais brasileiros, ele se destaca por inovação dos métodos de pesquisa históricos no país.

Graças à sua obra, escrita entre as décadas de 1930 e 1970, a historiografia brasileira pôde transcender enquadramentos de formação do Estado nacional e descortinar diferenças. Grupos sociais "outros" apareciam, contudo, ainda inseridos numa perspectiva globalizante, vistos como desordeiros ou subordinados ao todo da nação, do poder, da ordem dominante. (...) Ao desvendar deste modo o sincrônico e o diacrônico, apegado à elaboração dos diferentes ritmos de tempo, Sérgio Buarque de Holanda abriu o caminho da historiografia social e da cultura para a noção da pluralidade de sujeitos e de múltiplas temporalidades.¹³

Ao mesmo tempo em que a historiografia francesa se renovou para abrir uma nova era para a investigação histórica, Sérgio Buarque de Holanda também reelaborou os métodos de pesquisa e visão de tempo no Brasil, com sua obra *Raízes do Brasil*. A historiografia nacional sofreu uma grande reformulação após os anos 20 e Sérgio Buarque foi um dos grandes responsáveis por essa inovação.

Este estudo, portanto, ao analisar sua personalidade visou "olhar", mesmo que em pequeno fragmento, a forma como se reelaborou o pensamento histórico nacional após 1930.

O redescobrimento do Brasil pode ser registrado na própria sucessão das produções historiográficas posteriores à Revolução de 1930. (...) A Historiografia da elite oligárquica, empenhada na valorização dos feitos dos heróis da raça branca, e representada pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (fundado em 1838), vai ser contestada de maneira radical por um conjunto de autores que representarão os pontos de partida para o estabelecimento de novos parâmetros no conhecimento do Brasil e de seu passado. Esse momento é marcado pelo surgimento das obras de

¹² DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Política e Sociedade na Obra de Sérgio Buarque de Holanda*. In: CANDIDO, Antônio (org). **Sérgio Buarque Holanda e o Brasil**. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 1998, p. 18.

¹³ Id. p. 21.

Caio Prado Júnior (1933), Gilberto Freyre (1933), Sérgio Buarque de Holanda (1936) e Roberto Simonsen (1937).¹⁴

Sérgio Buarque juntamente com um grupo de intelectuais de sua época, de maneiras diferentes, construiu uma nova identidade nacional, uma nova maneira de ver-se. Sendo assim, não é apenas mais uma pesquisa debruçada sobre historiografia que se empreendeu, mas, uma análise dos processos fundadores dos métodos de pesquisa e pensamento histórico nacional, dos quais a história produzida hoje no Brasil é herdeira.

Entretanto, não foi através de uma história quantitativa ou historicista que se propôs tal análise, mas através do estudo do indivíduo e sua obra, estabelecendo assim, a “dicotomia indivíduo-sociedade”.¹⁵

Na presente pesquisa, nos detivemos ao período de produção da obra *Raízes do Brasil*, do historiador Sérgio Buarque de Holanda, ou seja, os anos entre 1920 e 1930. O foco principal de análise foi o início dos anos 30, período no qual o historiador viveu na Alemanha, enviado por Assis Chateaubriand, como correspondente do *Diário de São Paulo* e de *O Jornal*. Esta delimitação foi devido ao fato de que Sérgio Buarque produziu grande parte de *Raízes do Brasil* durante sua estada na Alemanha. Entendemos assim, que o texto está intrinsecamente ligado ao seu ambiente de produção, ao tempo e ao contexto, por isso,

¹⁴ MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da Cultura Brasileira: 1933-1974*. 9 ed. São Paulo, Editora Ática 1994, p. 28.

¹⁵ Conceito criado por Lucien Febvre.

olhamos para *Raízes do Brasil* como uma obra rica em estilo e heterogeneidade discursiva¹⁶, o que inspirou o interesse desta pesquisa.

Dr. Sérgio desembarcou em Hamburgo, mas fixou residência em Berlim. (...) Atuou como correspondente do *Diário de São Paulo*, de *O Jornal* e da Agência Internacional de Notícias. (...) Empenhou-se na elaboração de *Raízes do Brasil*. Dois dos capítulos ele trouxe prontos da Alemanha.¹⁷

Justamente pelo relato da citação acima, primordialmente foram analisados dois contextos: o Brasil do fim dos anos 20 e a Alemanha dos anos 30. O objeto de estudo foi o pensamento retratado em *Raízes do Brasil* (1936) e a trajetória intelectual do historiador, seus diálogos com a tradição histórica brasileira e seus posicionamentos políticos frente as transformações vividas no país. Também, foram observadas as influências do contexto de vida do autor na produção da respectiva obra. Este trabalho visou fazer um balanço da formação intelectual de Sérgio Buarque de Holanda e analisou a forma como articulou as diversas influências teóricas em seu trabalho, seu pensamento histórico e posicionamento frente os problemas de seu tempo.

A jovem intelectualidade que florescia no início dos anos 20 clamava por originalidade, por algo brasileiro, por um referencial nacional, davam basta ao estrangeirismo. Este panorama estimulou alguns questionamentos para esta pesquisa.

¹⁶ Conceito de análise do discurso em MAINGUENAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. 2 ed. Campinas, SP, Pontes Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1989. Nesta obra, Mainguenu apresenta o discurso como algo heterogêneo composto pela linguagem escrita e o interdiscurso como as idéias insinuadas no texto pelo autor.

¹⁷ NOGUEIRA, Arlinda Rocha. *Sérgio Buarque de Holanda, o Homem*. In:--- *Sérgio Buarque de Holanda: vida e obra*. São Paulo, Secretaria de Estado da Cultura: Arquivo do Estado, Universidade de São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros, 1988, p. 21.

A personalidade de Sérgio Buarque de Holanda, de certa forma, explicou este caráter eclético da historiografia brasileira. Com formação em Direito tornou-se literato e historiador por vocação e paixão. Sua obra demonstra como articulou influências, de correntes de pensamento histórico, diversas e enriqueceu a história nacional. Ao ler mais atentamente a obra de Sérgio Buarque, os questionamentos que tínhamos se fortaleceram e tomaram forma: Seria *Raízes do Brasil*, sua primeira produção em história, uma obra política? Ou apenas de crítica ao sistema que se instaurava? Estes são alguns dos questionamentos que guiaram esta pesquisa.

Neste trabalho, analisamos os objetivos de produção e a mensagem central da obra, o interdiscurso. O questionamento central desta pesquisa foi ligado ao seu ano de publicação. Alguns fatores não se ajustavam com o período, os anos entre-guerras, visto que estes foram extremamente conturbados. A Europa passava por um momento de reconstrução de sua economia. Os diferentes Estados buscavam legitimar-se e firmar suas fronteiras. As nações atingidas pela guerra precisavam do apoio de suas populações, para isso foi de extrema necessidade o despertar nacionalista.

Quando lemos pela primeira vez *Raízes do Brasil*, procurávamos críticas ao Governo ditatorial de Getúlio Vargas, isto porque projetávamos a análise sobre o ano de publicação, 1936, e não ao período de produção da obra, 1929-30. No decorrer da pesquisa observamos os vínculos políticos de Sérgio Buarque e a impossibilidade da primeira análise.

É assim que esta obra se apresenta para o leitor desprevenido ou inocente. Com sua sutileza literária a obra envolveu-nos e várias leituras foram feitas. Ao retomar leituras

realizadas nas aulas de Teoria e Metodologia da Pesquisa¹⁸, nos encontramos novamente com os pressupostos da história nova, oriunda da *Escola dos Annales* fundada por Lucien Febvre e Marc Bloch, os quais pregavam que o historiador deveria buscar no passado respostas para o presente. Assim, começamos a ficar intrigados.

Um problema passou a assombrar-nos, quais respostas estaria Sérgio Buarque de Holanda buscando nas *Raízes* da história nacional para o seu século? Quanto mais relíamos a obra, mais intrigados ficávamos. Passamos a buscar leituras em teoria da história, na tentativa de encontrar alguma ligação entre o presente do historiador e o conteúdo da obras. Leituras sobre o contexto brasileiro, europeu e sobre a vida do autor, referentes ao seu método inovador de pesquisa histórica, foram feitas. Nada, no entanto, conseguia responder ao problema. Por que Sérgio Buarque de Holanda estudou a personalidade do brasileiro em meio a tantos conflitos nos anos entre-guerras? Por que não estudou temas mais contemporâneos a ele? Como tantos outros literários fizeram na época. Como o próprio Assis Chateaubriand que escreveu *Terra Desumana*, uma crítica implacável ao ex-presidente Arthur Bernardes. Foi então que após leituras sobre análise de conteúdo¹⁹ e análise literária, voltamos nossa atenção aos detalhes de redação, ao discurso do autor. Os prefácios foram os primeiros a apresentarem os indícios do caminho que deveríamos percorrer para então responder a este problema.

¹⁸ Disciplina da Graduação em História na Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

¹⁹ Leituras realizadas na disciplina História e Imprensa ministrada pela prof^ª Dr. Sandra Brancato, no curso de pós-graduação em História das Sociedades Ibero-americanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Ao final, apoiados sobre a produção jornalística de Sérgio Buarque de Holanda, de 1930, suas cartas e artigos, começamos a decodificar sua crítica e diálogo em *Raízes do Brasil*.

O período de pesquisa foi pequeno diante das questões que pretendíamos trabalhar e não permitiu que avançássemos além. Procuramos esclarecer o melhor que pudemos ao leitor nossas conclusões a respeito dos objetivos do autor. Por isso distribuímos os capítulos desta forma: primeiramente fizemos uma discussão historiográfica dos intérpretes da obra de Sérgio Buarque, analisando como estes viram *Raízes do Brasil*; depois fizemos uma análise comparativa das reportagens produzidas na Alemanha, coetâneas a produção de *Raízes do Brasil*, juntamente com um estudo do perfil do jornal, e de seu proprietário Assis Chateaubriand, o qual enviou Sérgio Buarque para sua estada berlinense. Neste demonstramos os eixos de ligação entre a participação de Sérgio Buarque no *O Jornal*, seu posicionamento nas reportagens e o discurso empregado em *Raízes*. No terceiro capítulo nos detivemos na análise das heranças intelectuais de Sérgio Buarque e conseqüentemente seus diálogos com a tradição histórica brasileira.

Observamos que estudar Sérgio Buarque de Holanda é algo infinitamente complexo, como deve ser qualquer ser humano, cheio de contradições e intenções não claras nas fontes, coisas pensadas, mas não escritas. Michel de Certeau, em *A Escrita da História*, escreveu a respeito de “*uma história do não dito*”, a história das coisas não escritas, insinuadas, implícitas. Considero que esta é a história feita por Sérgio Buarque de Holanda nesta obra, na qual ele não escreveu claramente sua tese, mas leva o leitor a concluí-la.

Sérgio Buarque leu suas fontes nas entrelinhas, ateve-se aos seus interdiscursos e produziu sua obra da mesma forma. Muitas questões ainda precisam ser respondidas. Para o momento, observar em *Raízes do Brasil* a profundidade e intencionalidade das palavras, suas dimensões ideológicas cheias de significado para cada tempo e leitor, foi algo revelador e instigador aos caminhos da pesquisa histórica.

O presente trabalho não pretendeu analisar o discurso de Sérgio Buarque em seu texto, como a maioria dos trabalhos já realizados, mas analisar os significados da mensagem impressa em uma obra de síntese histórica, seu alcance, para aquele presente. Como seu diálogo com a época está repleto de questões ligadas à política e as relações de poder e como ele usou a história para dialogar com o seu tempo?

O percurso que fizemos ainda não é definitivo, muitas questões ficaram em aberto, como: Sérgio Buarque alcançou o esperado? Seu discurso cumpriu a finalidade? Quais influências esta obra exerceu? Nesta obra aparentemente inocente, Sérgio Buarque de Holanda teria exercido uma forma de poder através de seu texto? Um “Saber disciplinador”²⁰? Entre outras. Estas são apenas algumas das questões que pretendemos desenvolver nas futuras etapas desta pesquisa.

²⁰ Conforme, Michel Foucault em *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro. Edições Graal, 1979.

Neste trabalho, fazendo das palavras de Carlo Ginzburg as nossas, *“Não sabia se preferia ampliar o âmbito do conhecimento histórico ou reduzir seus limites, se preferia resolver as dificuldades ligadas ao meu trabalho ou criar continuamente novas”*.²¹

²¹ GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989, p. 11.

I. A CONCEPÇÃO DO HOMEM CORDIAL

“Um país se faz com homens e livros (...) Nos livros está fixada toda a experiência humana. É por meio deles que os avanços do espírito se perpetuam”.

Monteiro Lobato

Os anos 20 e 30 do século XX foram anos de transformações no Brasil, não somente na política como também na sociedade, na cultura e principalmente nas mentalidades. É neste processo de transformação das estruturas mentais que surgiu *Raízes do Brasil* de Sérgio Buarque de Holanda. Muito mais do que uma obra de síntese da História do Brasil ela se apresenta como um estudo cultural e psicológico da sociedade brasileira, além de todas as críticas internas que carrega sobre as estruturas sociais e políticas do Brasil. Esta obra representa a ansiedade dos intelectuais e da sociedade em entender-se enquanto brasileiros, ver-se, julgar-se, narrar-se, definir quem realmente são.

Em 1982 morreu Sérgio Buarque de Holanda. Após a sua morte foi grande o movimento que se formou em torno de sua obra. Mais do que nunca diversos intelectuais, como ex-alunos, amigos e admiradores se debruçaram em uma análise historiográfica de *Raízes do Brasil*, assim como de outros de seus livros. Sendo assim, a maioria destes intelectuais entendeu que *Raízes do Brasil* é um dos trabalhos “... que registram expressivas mudanças no pensamento social brasileiro, e que, ao lado de outras transformações

*sociais, políticas e econômicas, conferem enorme riqueza e significado histórico à década de 1930*²² e por isso merece maior atenção.

Logo que publicada *Raízes do Brasil* já foi um sucesso e diversos amigos como Mário de Andrade elogiaram Sérgio Buarque de Holanda por seu trabalho. No decorrer dos anos, esta obra se tornou um clássico e foram inúmeras suas edições. Assim, entendemos que o sentido desta obra não foi obscuro aos leitores dos anos de 1930, pelo contrário, seu sucesso comprova isto.

Maria Odila Leite da Silva Dias afirma: “*Sérgio Buarque de Holanda foi um pioneiro deste modo de desvendar o passado dentro de um prisma engajado, que visava uma redefinição do político, a preeminência do social e as possibilidades de transformação da sociedade brasileira*”.²³ Sua dupla trajetória literária e histórica possibilitou uma originalidade própria de Sérgio Buarque. Comparado com outros intelectuais brasileiros, ele se destaca por inovação dos métodos de pesquisa históricos no país.

Graças à sua obra, escrita entre as décadas de 1930 e 1970, a historiografia brasileira pôde transcender esquadrinhamentos de formação do Estado nacional e descortinar diferenças. Grupos sociais “outros” apareciam, contudo, ainda inseridos numa perspectiva globalizante, vistos como desordeiros ou subordinados ao todo da nação, do poder, da ordem dominante. (...) Ao desvendar deste modo o sincrônico e o diacrônico, apegado à elaboração dos diferentes ritmos de tempo, Sérgio Buarque de Holanda abriu o caminho da historiografia social e da cultura para a noção da pluralidade de sujeitos e de múltiplas temporalidades.²⁴

²² VELOZO, Mariza & MADEIRA, Angélica. *Leituras Brasileiras*. São Paulo, Editora Paz e Terra, 1999, p.135.

²³ DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Política e Sociedade na Obra de Sérgio Buarque de Holanda*. In: CANDIDO, Antônio (org). **Sérgio Buarque Holanda e o Brasil**. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 1998, p. 18.

²⁴ Ibid. CÂNDIDO, Antônio (org.). 1998, p. 21.

Raízes do Brasil, além de ser uma obra de história é uma obra de arte, que conforme Antônio Cândido Mello e Souza²⁵, não pode ser explicada apenas por seu contexto, mas pelo conjunto de fatores sociais e psíquicos que são decisivos para a análise literária.

1.1. O intelectual e a obra *Raízes do Brasil*: uma discussão historiográfica

Como já dito, muitos já estudaram Sérgio Buarque de Holanda, analisaram influências e pontos centrais de sua obra, mas, nem tudo foi revelado sobre suas idéias sociais, políticas e econômicas, que com certeza influenciaram a intelectualidade posterior a ele. Lacunas, como o caráter político da obra e seu entrecruzamento com clássicos do início do século XX, ainda existem.

Portanto, no presente trabalho propomo-nos a analisar esta obra, enfatizando seu contexto de produção, influências e engajamento político do autor, pois nosso objetivo é voltar ao texto de Sérgio Buarque de Holanda, armados com um tipo de informação histórica que nos possibilite re-significar, desvendar o sentido de *Raízes do Brasil* em seu momento de produção, descobrir o que pretendeu fazer Sérgio Buarque de Holanda com o que disse, pois entendemos que “... *um discurso, além de ter um significado, é também uma ação*”.²⁶

²⁵ CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade: estilos de teoria e história literária*. 8 ed. São Paulo. T. A. Queiroz, 2000, p. 13.

²⁶ SKINNER, Quentin. Entrevista. In: PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *As Muitas faces da história: nove entrevistas*. São Paulo, Editora UNESP, 2000, p. 332.

Neste capítulo demonstraremos como *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, foi interpretada pelos principais estudiosos de sua obra e como muitas vezes estas interpretações foram feitas de forma descontextualizada.

Quando falamos em Sérgio Buarque de Holanda e sua obra alguns nomes logo nos vêm à mente como Antônio Cândido de Mello e Souza²⁷, Maria Odila Leite da Silva Dias²⁸ e Francisco de Assis Barbosa²⁹, por seus pioneiros e marcantes trabalhos de análise da obra do historiador. Aqui, não poderíamos nos esquivar de discutir um pouco o que estes ex-alunos, amigos e admiradores disseram de *Raízes do Brasil*.

Em 1965 Antônio Cândido publicou sua *Literatura e Sociedade*, obra que se tornou um clássico. Na dedicatória encontramos: “A Maria Amélia e Sérgio Buarque de Holanda”, através deste gesto vemos a forte ligação entre ambos. Nesta obra Antônio Cândido expôs seu método de análise intertextualista da obra literária, e em seu antepenúltimo capítulo fez um panorama da *Literatura e Cultura* brasileiras de 1900 a 1945. Para Antônio Cândido a literatura brasileira pode ser dividida em dois momentos decisivos que mudaram os rumos do pensamento no Brasil: o Romantismo (1836-1870) e o Modernismo (1922-1945). Ao discutir o Modernismo o estudioso apresenta sua visão sobre vários intérpretes do Brasil,

²⁷ Professor titular aposentado do Departamento de Letras da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, amigo de Sérgio Buarque de Holanda e autor de “O significado de *Raízes do Brasil*”, introdução da obra para a edição de 1969, entre outros trabalhos.

²⁸ Professora Titular de História do Brasil do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, ex-aluna de Sérgio Buarque e organizadora da obra *Sérgio Buarque de Holanda*. São Paulo, Ática, 1985.

²⁹ Diretor do Centro de Estudos Históricos da Fundação Casa de Rui Barbosa e organizador da obra *Raízes de Sérgio Buarque de Holanda*. Rio de Janeiro, Rocco, 1988, entre outros trabalhos.

um deles Sérgio Buarque de Holanda. Este é incluído como um dos protagonistas do movimento modernista.

Segundo Antônio Cândido é uma característica da geração de Sérgio Buarque a busca por explicações, através das sínteses e ensaios históricos. “*Com recuo no tempo, vemos agora que se tratava de redefinir a nossa cultura à luz de uma avaliação nova de seus fatores*”.³⁰ Antônio Cândido diz que nestes anos se multiplicaram os ensaios do gênero de *Raízes do Brasil*, que para ele é uma síntese psicológica do caráter brasileiro, a maioria com a intenção de interpretar o Brasil.

Não poderíamos negar a afirmação de Antônio Cândido, uma vez que a obra inaugural de Sérgio Buarque se apresenta, até para as análises mais superficiais, como um estudo que traça características psicológicas do brasileiro: o “Homem Cordial”.

No entanto, a análise mais profunda sobre *Raízes do Brasil*, só encontraremos em 1969, na 5ª edição da obra. Antônio Cândido inicia esta “*Introdução*” falando do modo como as obras de Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior ensinaram sua geração a refletir e a se interessar pelo Brasil. Seguindo seu raciocínio o historiador afirma: *São estes os livros que podemos considerar chaves, os que parecem exprimir a mentalidade ligada ao sopro de radicalismo intelectual e análise social que eclodiu depois da Revolução de 1930 (...)*”.³¹

³⁰ CÂNDIDO, Antônio. *Op. cit.* 2000, p. 123.

³¹ CÂNDIDO, Antônio. *O significado de Raízes do Brasil*. In: Sérgio Buarque de Holanda. *Raízes do Brasil*. 7 ed. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1973, p. xi.

Nesta afirmação, comum à maioria dos estudiosos da obra de Sérgio Buarque de Holanda, vemos que Antônio Cândido partiu de pressuposto diferente do nosso. Ele situou a obra em seu ano de publicação (1936) e, por isso delega à Revolução de 1930 o caráter influenciador, como se esta obra e tantas outras somente tivessem alcançado o *radicalismo* de seus temas graças à transformação social brasileira iniciada por esta Revolução. Nós não partimos deste pressuposto. Ao contrário, vemos *Raízes do Brasil* como uma obra descontextualizada, pois a teoria ali apresentada não pertence a 1936 e sim a 1929-1930, ela antecede a Revolução de 1930 e não é posterior. Seu conteúdo é fruto de uma insatisfação que gerou a Revolução e não vice-versa. Por isso, muitos dos intérpretes da obra de Sérgio Buarque se equivocam e não comparam *Raízes* aos textos produzidos por ele em fins de 1929 e início de 30. Neste trabalho procuramos comparar as idéias contidas na obra aos textos jornalísticos produzidos por Sérgio Buarque, como correspondente de *O Jornal*, em fins de 1929-30. Não deixaremos também de analisar as possíveis influências e similaridades em idéias de alguns clássicos do início do século XX, que versam sobre a identidade brasileira.

Antônio Cândido em sua análise apresenta *Raízes do Brasil* como uma obra de resposta a problemas do presente. “*A atitude do autor, aparentemente desprendida e quase remota, era na verdade condicionada por essas tensões contemporâneas, para cujo entendimento oferecia uma análise do passado*”.³²

³² Id. CÂNDIDO, Antônio. 1973, p. xii.

É justamente neste ponto que nos encontramos, pois *Raízes do Brasil* foi o instrumento encontrado pelo autor, de forma nada despreendida e remota, para discutir os problemas sociais, culturais e econômicos brasileiros, chegando a propor soluções para a crise que vivia o Brasil. Em um movimento quase direto, ao mesmo tempo em que Antônio Cândido apresenta o engajamento com o presente da obra, a associa ao movimento da Nova História dos franceses. “*O seu respaldo teórico prendia-se à nova história social dos franceses, à sociologia da cultura dos alemães, a certos elementos de teoria sociológica e etnológica também inéditos entre nós*”.³³

Esta associação entre Sérgio Buarque de Holanda e a Nova História social dos franceses, feita por Antônio Cândido em 1969, tornou-se palavra dada quase inquestionável entre os demais estudiosos buarquianos. No entanto, precisamos observar algo, apesar de Sérgio Buarque de Holanda estar em Berlim nos anos de 1929, data que coincide com a fundação da Revista dos *Annales*, não veremos na obra de Sérgio Buarque de Holanda influência destes ou mesmo citação. A marcante influência européia é a alemã, com inúmeras citações de Max Weber , além de outros intelectuais alemães.

Precisamos observar que a preocupação com o presente não é algo criado pela Nova História francesa³⁴, na verdade, poderíamos citar grandes nomes da literatura e da história que construíram seus trabalhos de forma engajada. Jacques Le Goff em sua obra *A História Nova*, reivindica nomes como Voltaire, Guizot e Jules Michelet, por considerar que em seus trabalhos estes escritores e estudiosos já apresentavam as mesmas inquietações com o

³³ Ibid. CÂNDIDO, Antônio. 1973, p. xii.

presente que o grupo da Nova História francesa possuía. Da mesma forma, Sérgio Buarque ao analisar a obra de Leopold von Ranke, afirmou: “*E a arte consumada do escritor (...) o que faz com que, depois de apreender os fatos particulares, saiba revivê-los em suas amplas pulsações, (...) Ao menos por esse lado, não se pode dizer que consiga omitir-se ou apagar-se no que escreveu*”.³⁵ Sérgio Buarque não aprendeu com os franceses a “olhar o passado com olhos do presente”, mas, com seu próprio contexto político-social.

...ainda que isso seja uma redundância é necessário lembrar que uma leitura do passado, por mais controlada que seja pela análise dos documentos, é sempre dirigida por uma leitura do **presente**. Com efeito, tanto uma quanto a outra se organizaram em função de problemáticas impostas por uma situação”.³⁶

Principalmente naquele momento olhar o passado com olhos do presente, justificar os problemas e propor soluções parecia mais do que nunca a função do historiador. “... *todos desejavam reaproximar as humanidades, os povos, e uma nova finalidade aparece, portanto no discurso do historiador, o qual é então considerado como instrumento possível de paz, após ter sido arma de guerra*”.³⁷

No Brasil poderíamos citar inúmeras obras escritas dentro de problemáticas impostas pelo contexto social, cultural e político brasileiro. O encontro de Sérgio Buarque de Holanda com a Nova História francesa ocorreu mais tarde em 1958, em sua tese *Visão do Paraíso*,

³⁴ Não negamos que grandes foram as inovações dos métodos de pesquisa histórica propostas por este grupo de intelectuais professores da Universidade de Estrasburgo, que nos anos de 1929 fundou a *Revista dos Annales*.

³⁵ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *O Atual e o Inatual na obra de Leopold von Ranke*. Revista de História, ano XXV, Volume L, nº 100, outubro-dezembro, 1974, p.437.

³⁶ CERTEAU, Michel de. *Fazer história*. In:--- **A escrita da história**. 2 ed. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2000, p. 34.

³⁷ DOSSE, François. *História em migalhas. Dos Annales à Nova História*. São Paulo: Editora da Universidade E. de Campinas, 1950. p. 15.

obra inteiramente dirigida por forte influência do historiador Lucien Febvre. O mesmo não se aplica a *Raízes do Brasil*, em que, naquele momento, Sérgio Buarque de Holanda estava ainda debruçado sobre os modelos weberianos.

É claro que em 1934 com a fundação da Universidade Estadual de São Paulo e com a estada no Brasil de muitos historiadores, como Fernand Braudel e Lucien Febvre, não podemos descartar a possibilidade de Sérgio Buarque ter realizado algumas leituras destes franceses. Mas, acreditamos que foi em 1949 com sua estada em Paris, para uma série de três conferências na Sorbonne, que Sérgio Buarque tenha definitivamente se encontrado com textos febvrianos e braudelianos. O que nos parece mais plausível, pois foi somente com as publicações de *O problema da descrença no século XVI: a religião de Rabelais* de Lucien Febvre e *O Mediterrâneo* de Fernand Braudel, que estes historiadores se consagraram. Em sua apresentação a *Tentativas de Mitologia*, 1979, Sérgio Buarque de Holanda falou sobre a lição aprendida com Febvre “*Deve-se ainda ao mesmo Febvre a observação, que outro autor de sua linhagem pôde resumir concisamente, ao afirmar que o perfeito historiador precisa ser um grande escritor*”.³⁸ Lição, ao que nos parece, Sérgio Buarque de Holanda já havia aprendido desde muito cedo.

Em dois outros pequenos trabalhos *Sérgio, o Radical*³⁹ e *A Visão Política de Sérgio Buarque de Holanda*⁴⁰, Antônio Cândido reforçou sua visão de que em *Raízes do Brasil* “...

³⁸ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Tentativas de Mitologia*. São Paulo, Editora Perspectiva, 1979, p. 31.

³⁹ Artigo publica em *Sérgio Buarque de Holanda: vida e obra*. São Paulo, Secretaria de Estado da Cultura: Arquivo do Estado: Universidade de São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1988.

⁴⁰ Artigo publicado em Cândido, Antônio (org.). *Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil*. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 1998.

existem sementes de um ponto de vista radical".⁴¹ Em ambos os trabalhos o autor menciona o ineditismo da obra de Buarque de Holanda e afirma "*Ora, eu penso cada vez mais que em pelo menos Raízes do Brasil Sérgio Buarque de Holanda foi um dos expoentes do pensamento radical brasileiro*".⁴² Para Antônio Cândido pensamento radical é aquele que visa a transformação social em sentido de igualdade e "*... justiça social, implicando a perda de privilégios das camadas dominantes*".⁴³ No segundo artigo, Antônio Cândido fala sobre a refutação de Sérgio Buarque de Holanda à explicação comunista e a fascista para a história.

Este radicalismo da obra de Sérgio Buarque que Antônio Cândido menciona nestes dois artigos nos levou a refletir, pois o autor fala sobre "democracia radical", "justiça social" e "perda de privilégios". Sobre esta afirmação de Antônio Cândido é bom observarmos que Sérgio Buarque desde muito cedo posicionou-se de forma radical frente a temas que acreditava injustos, como o decreto de banimento da Família Real, o constante plágio entre os escritores, o problema do café brasileiro, as eleições de 1930, enfim, sua postura sempre foi bem definida sobre esses assuntos. Mas que tipo de democracia Sérgio Buarque defendia em fins de 1929? Em seu artigo *Nacionalismo e monarchismo na Alemanha*⁴⁴, Sérgio Buarque discutiu os perigos que oferece um ditador autoritário ao país. Ele cita o então Secretário da Fazenda do Reich o sr. Hjalmar Schacht, que liderava uma inédita ditadura financeira, e afirma:

⁴¹ CÂNDIDO, Antônio. *Sérgio, O Radical*. In: **Sérgio Buarque de Holanda: vida e obra**. São Paulo, Secretaria de Estado da Cultura: Arquivo do Estado: Universidade de São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1988, p.63.

⁴² Id, 1988, p.63.

⁴³ Ibid, 1988, p.63.

⁴⁴ Publicado no O Jornal. Rio de Janeiro, 28 de fev. p. 01. (artigo escrito em Berlim).

Sua vontade é lei, as suas simples declarações valem quase por verdadeiras ordens. Ele pode comprometer com um gesto, a marcha uniforme dos negócios do Estado, como poderá produzir uma verdadeira remodelação ministerial e – quem sabe? – até uma queda de gabinete. Suas palavras são comparadas a certas orações do ex-Kaiser ou de Pilsudsk.

Como vemos neste trecho do artigo, Sérgio Buarque dirige um forte alerta ao povo sobre o perigo ao bem estar do Estado oferecido por governos totalitários como aquele do Reich no início dos anos de 1930. Esta crítica também encontramos em *Raízes do Brasil* quando o historiador diz:

O Estado, entre nós, não precisa e não deve ser **despótico** – o despotismo condiz mal com a doçura de nosso gênio – **mas necessita de pujança e compostura, de grandeza e solicitude**, ao mesmo tempo, se quiser adquirir alguma força e também respeitabilidade que os nossos pais ibéricos nos ensinaram a considerar a virtude suprema entre todas. Ele ainda pode conquistar por esse meio uma **força** verdadeiramente assombrosa em todos os departamentos da vida nacional. **mas é indispensável que as peças de seu mecanismo funcionem com certa harmonia e garbo. O Império brasileiro realizou isso em grande parte.**⁴⁵

A primeira frase deste parágrafo de *Raízes do Brasil*, traz a mesma idéia contida no artigo *Nacionalismo e monarchismo na Alemanha*, pois afirma que um governo não pode ser despótico. Despótico, palavra encontrada no dicionário como adjetivo próprio de déspota, tirânico e absoluto, do grego *despotes*, ou seja, aquele que domina tiranicamente. O tirano entre os gregos era aquele indivíduo que usurpava o poder, soberano, injusto e cruel, que abusava de sua autoridade, enfim, ditador. Esta é a imagem do Secretário da Fazenda da Alemanha, transmitida por Sérgio Buarque, pois este não fora eleito como governante, no entanto, exercia o poder como se o fosse, de forma despótica. Sérgio Buarque é radicalmente, como diria Antônio Cândido, contrário a este tipo de governo, pois para ele o

⁴⁵ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 7 ed. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, p. 131. (grifo nosso).

governo deve e precisa ter “*pujança e compostura, de grandeza e solicitude*”, atributos necessários para um governo forte capaz de “... *mudar o rumo da sociedade, salvando-a de supostos fermentos de dissolução*”.⁴⁶ No entanto, o poder do governante não pode emanar de seu próprio punho e sim “... *de uma predisposição espiritual emotiva particular, de uma concepção de vida bem definida e específica, que tivesse chegado à maturidade plena*”⁴⁷, ou seja das mãos de um povo emancipado intelectualmente. Este não pode assistir os acontecimentos, como vinha ocorrendo no Brasil, “... *bestializado, atônito, surpreso, sem conhecer o que significava*”.⁴⁸

Assim, como afirmado por Antônio Cândido, Sérgio Buarque defende a justiça social e a perda de privilégios dos grupos dominantes. Isto fica muito claro quando Sérgio Buarque chama nossa República de Plutocracia, ou seja, governo dirigido pelo poder do dinheiro, liderado por homens ricos, palavra do grego *ploutokratia*, *cracia* – governo, *pluto* – riqueza. Este governo militarizado da Primeira República que visava o bem de poucos “... *não criou nenhum patriciado, mas apenas uma **plutocracia**, se assim se pode dizer, (...) daí o melancólico silêncio a que ficou reduzida a casta de homens que no tempo do Império dirigia (...) as instituições, assegurando ao conjunto nacional certa **harmonia** que nunca mais foi restaurada*”.⁴⁹

⁴⁶ Ibid. HOLANDA, Sérgio Buarque de. 1973. p. 141.

⁴⁷ Ibid. HOLANDA, Sérgio Buarque de. 1973. p. 119.

⁴⁸ LOBO, Aristides, *apud* HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 7 ed. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1973. p. 119-120.

⁴⁹ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Op. cit.*. 1973 p. 131. (grifo nosso).

Sérgio Buarque defendia a participação popular no governo, entretanto, via na força do Estado a solução para o funcionamento harmônico dos diversos setores da economia e da sociedade, o que explica suas constantes citações ao governo imperial. Para ele o governo de Dom Pedro II havia instaurado no Brasil uma estrutura capaz de fazer com que “... *as peças de seu mecanismo funcionem com certa harmonia e garbo. O Império brasileiro realizou isso em grande parte*”⁵⁰, e ainda afirmou que esta harmonia destruída com o advento da República numa mais foi restaurada.

Desta forma, Sérgio Buarque criticou governos despóticos que não visam o bem comum e sim o de poucos pertencentes a sua predileção e diz :

Todo o pensamento liberal-democrático pode resumir-se na frase célebre de Bentham: “A maior felicidade para o maior número”. Não é difícil perceber que essa idéia está em contraste direto com qualquer forma de convívio humano baseada nos **valores cordiais**. Todo o afeto entre os homens funda-se forçosamente em preferências. Amar alguém é amá-lo mais do que a outros. Há aqui uma unilateralidade que entra em franca oposição com o ponto de vista jurídico e neutro em que se baseia o liberalismo. A benevolência democrática é comparável nisto a polidez, resulta de um comportamento social que procura orientar-se pelo equilíbrio dos egoísmos. O ideal humanitário que na melhor das hipóteses ela predica é paradoxalmente impessoal; sustenta-se na idéia de que o maior grau de amor está por força no amor ao maior número de homens, subordinando, assim, a quantidade a qualidade.⁵¹

Neste trecho podemos ver a preocupação com um dos princípios mestres da Democracia; a igualdade, valor que no pensamento do historiador é antagônico a cordialidade brasileira. Para ele um Estado não pode fazer acepção de pessoas. Por isso, ele afirma que “*A democracia no Brasil foi sempre um lamentável mal-entendido. Uma*

⁵⁰ Id, p. 131. (grifo nosso).

⁵¹ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Op. cit.* 1973, p. 139-140.

aristocracia rural e semifeudal importou-a e tratou de acomodá-la, onde fosse possível, aos seus direitos ou privilégios (...)".⁵² Um sistema de governo que não prima pela ordem e bem estar de todos não pode ser considerado democrático, pois democracia é o governo do povo, *demo* – povo, *cracia* – governo, soberania popular. Este é o conceito de democracia na obra de Sérgio Buarque de Holanda.

No entanto, divergimos de Antônio Cândido quando este afirma que Sérgio Buarque apresentou em sua obra uma *democracia radical*, pois na verdade, o historiador admite alguns subterfúgios necessários, segundo ele, à implantação de uma democracia e afirma:

... o Estado, criatura espiritual, opõe-se à ordem natural e a transcende. Mas também é verdade que essa oposição deve resolver-se em um contraponto para que o quadro social seja coerente consigo. Há uma única economia possível e superior aos nossos cálculos para compor um todo perfeito de partes tão antagônicas. O espírito não é **força normativa, salvo onde este pode servir à vida social** e onde lhe corresponde.⁵³

Nesta citação podemos ver a aceitação da força para implantar a ordem. Um pouco antes, Sérgio Buarque já afirmara "*É necessário algum elemento normativo sólido, inato na alma do povo, ou mesmo implantado pela tirania, para que possa haver cristalização social*".⁵⁴ Aqui temos a tese de Sérgio Buarque de Holanda, a *cristalização social*, a solidificação da nação brasileira formada por diversas etnias, assim como um cristal é formado por diversas substâncias minerais que foram fundidas adquirindo forma. É com a nacionalização do Brasil que o historiador estava preocupado. Mas para isso, diante do

⁵² Ibid. 1973, p. 119.

⁵³ Ibid. 1973, p. 142.

⁵⁴ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Op. cit.* 1973. p. 140.

contexto político-social brasileiro, onde todos vivem de baixo de um governo despótico sustentado por relações de cordialidade que visam o bem de poucos, era preciso um governo forte que forjasse na alma brasileira a compreensão de que “*As formas superiores da sociedade devem ser como um contorno congênito a ela e dela inseparável: emergem continuamente das suas necessidades específicas e jamais das escolhas caprichosas*”.⁵⁵

Na concepção de Sérgio Buarque é necessário que o povo alcance uma emancipação intelectual, para então poder dirigir o Estado a partir de suas “*necessidades específicas*”. Esta idéia encontramos em um texto muito anterior a *Raízes do Brasil*, datado de 1920, um artigo publicado no Correio Paulistano, onde afirma:

A emancipação intelectual de um povo não é, nem podia ser um corollário fatal da emancipação política. Esta é um fator secundário, se tanto, na evolução do espírito de um povo. Minstral, como a sua obra admirável na literatura provençal, demonstrou, à saciedade, que a independência intelectual de um povo não requer da emancipação política.⁵⁶

Sérgio Buarque iniciou este artigo com o cerne de sua tese “*a emancipação intelectual do povo*” como propiciadora da emancipação política, idéia que o acompanhou até o grande desfecho: sua obra *Raízes do Brasil*. Sérgio Buarque é realmente radical quando afirma que: para o Brasil alcançar sua independência precisa revogar a velha ordem colonial e patriarcal e deixar vir à luz um outro mundo⁵⁷. Mas, o que precisamos compreender é que Sérgio Buarque é um homem de seu tempo e assim ao defender uma

⁵⁵ Ibid. HOLANDA, Sérgio Buarque de. 1973, p. 142

⁵⁶ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Originalidade Literária*. São Paulo. Revista Fon-fon. 22 abr. 1920 p. 01.

⁵⁷ Conforme, HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Op. cit.* 1973, p.135.

democracia, não a concebe como a entendemos hoje. Ele consegue ver na política de privilégios brasileira o câncer do país e por isso apresenta como solução para dar fim a esta situação: um governo forte, chegando a citar a tirania como uma saída, não a melhor, mas uma alternativa para instaurar a ordem em “*nossa desordem*”.⁵⁸

Fica mais fácil compreender o conceito de democracia defendido por Sérgio Buarque, quando nos reportamos a Max Weber: “... *ele acreditava na democracia como um instrumento útil de minimização do poder, como o único freio eficaz ao autoritarismo do Kaiser e da burocracia alemã (...)*”.⁵⁹ No entanto, segundo alguns intérpretes de sua obra seu conceito de democracia não é nada democrático. Nós entendemos que realmente se analisarmos a democracia weberiana como a concebemos hoje poderíamos concluir também que Weber não era nada democrático, assim como Sérgio Buarque de Holanda. Através de um dos diálogos de Weber, citado por sua esposa, com o general Ludendorff, podemos observar isto: “*Numa democracia, o povo escolhe um dirigente que goza da sua confiança. Então o dirigente diz: ‘Agora é calar e obedecer’. A partir desse momento, o povo e o partido já não podem interferir nos seus assuntos*”.⁶⁰ Esta visão de democracia está intimamente ligada a preocupação com a ordem, para ele, indispensável ao bom funcionamento do Estado. Como afirmou, Sérgio Buarque: “*É claro que a necessidade de boa ordem entre os cidadãos e a estabilidade do conjunto social tornaram necessária a criação de preceitos obrigatórios e de sanções eficazes*”.⁶¹ Estas sanções e preceitos

⁵⁸ Conforme, supracitado. HOLANDA, Sérgio Buarque de. 1973, p.119-142.

⁵⁹ MARSAL, Juan F. *Conhecer Max Weber e sua obra*. Portugal, Editora Ulisseia, p. 18, s/d.

⁶⁰ WEBER, Max. *Apud* MARSAL, Juan F. *Conhecer Max Weber e sua obra*. Portugal, Editora Ulisseia, p. 18, s/d.

⁶¹ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Op. cit.* 1973, p.132.

obrigatórios seriam impostos pelo governo escolhido dentro da legitimidade, conceito também extraído de Weber, e assim “*Em tempos talvez mais ditosos que o nosso, a obediência àqueles preceitos em nada se parece com o cumprimento de um dever imposto. Tudo se faz, por assim dizer, livremente e sem esforço*”.⁶² Então, concluímos que na visão de Sérgio Buarque um Estado forte que impõe a ordem, desde que esteja preocupado com o bem estar geral, liberto das velhas chancelas da ordem patriarcal, seria seguido pelo povo, livremente e sem esforço.

Desta forma, quando Antônio Cândido afirma que Sérgio Buarque “*atribuiu à massa do povo a capacidade de iniciativa e criatividade política*” e que “*... foi o primeiro a dizer (...) que o próprio povo brasileiro tinha de assumir as rédeas do seu destino*”⁶³, não está totalmente equivocado, porque está é a idéia do historiador, no entanto, como já vimos, isto somente seria possível após a emancipação intelectual dessa ‘massa do povo’. Diferentemente, é claro de outros pensadores do início do século, que viam as elites esclarecidas como as únicas capazes de guiar o povo pobre e imaturo, incapaz de se governar. Sérgio Buarque outorga ao povo esta capacidade desde que este fosse instruído, *emancipado intelectualmente*. Nosso historiador não bebeu somente em Weber, também debruçou-se sobre clássicos, do pensamento político e ufanista, brasileiros do início do século XX, mas isto analisaremos mais adiante.

⁶² Ibid, 1973, p.119-133.

⁶³ CÂNDIDO, Antônio. *Sérgio, O Radical*. In: **Sérgio Buarque de Holanda: vida e obra**. São Paulo, Secretaria de Estado da Cultura: Arquivo do Estado: Universidade de São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1988,p.65.

Maria Odila Leite da Silva Dias, juntamente com Antônio Cândido de Mello e Souza, foi pioneira na análise da obra e do estilo de Sérgio Buarque de Holanda. Maria Odila, em 1985, organizou e publicou, pela editora Ática, uma coletânea de trabalhos intitulados *Sérgio Buarque de Holanda*. Cinco anos depois participou, com outros estudiosos, da Semana Sérgio Buarque de Holanda, instituída como homenagem ao historiador pela Secretaria de Estado da Cultura e pelo Arquivo Público do Estado de São Paulo, que juntamente com o Instituto de Estudos Brasileiros – IEB – da Universidade Estadual de São Paulo – USP, publicaram os trabalhos apresentados. Entre estes trabalhos encontramos *Estilo e método na obra de Sérgio Buarque de Holanda* de Maria Odila Leite da Silva Dias.

Neste artigo, a historiadora situou seu foco de análise sobre o estilo de redação e de construção de Sérgio Buarque de Holanda. Sua análise é centrada nas obras mais recentes de Sérgio Buarque, como: *Monções, Caminhos e Fronteiras, Visão do Paraíso, Do Império a República* e por fim *Raízes do Brasil*. Para ela o eixo que estrutura o trabalho de Sérgio Buarque é a linguagem e a forma de construção dos temas. “*O modo de Sérgio Buarque de Holanda construir em suas obras seu objeto de estudo, como historiador, árdua e sofisticadamente elaborado no ritmo de sua narrativa, envolve a urdidura de eixos ou conglomerados de temas em movimento no tempo*”.⁶⁴

Primeiramente, observamos a expressão “*temas em movimento no tempo*”. Este para Sérgio Buarque foi instrumento útil para, assim como Ranke, desempenhar a tarefa árdua de

⁶⁴ DIAS, Maria Odila da Silva. *Estilo e Método na Obra de Sérgio Buarque de Holanda*. In: *Sérgio Buarque de Holanda: vida e obra*. São Paulo, Secretaria de Estado da Cultura: Arquivo do Estado: Universidade de São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1988,p.73.

historiador, que “... *partindo da observação do único, em sua unicidade, deverá entretanto explicá-lo, o que só poderá fazer recorrendo aos meios que servem para se comunicarem os homens entre si, pois que são inteligíveis geralmente*”.⁶⁵ Sobre esta influência rankeana, relativizada por Sérgio Buarque em entrevista a Richard Graham, publicada em *The Hispanic American Historical Review*, *Raízes do Brasil* foi construída. Nesta entrevista, Sérgio Buarque afirmou que a influência alemã que recebeu foi puramente “*conjectural e acidental*” e quando aceitou escrever um ensaio sobre Ranke não foi devido a sua influência e sim por considera-lo um historiador mais genérico, o que vinha de encontro aos planos de Florestan Fernandes, o organizador da coleção.

No entanto, o recurso ao retrocesso histórico, às nossas raízes, como forma de compreensão do presente, utilizado por Sérgio Buarque, materializa o aprendizado rankeano. Para Leopold von Ranke, “*A atenção do historiador deverá dirigir-se (...) aos povos mesmos que representam um papel ativo na cena da história, às influências que exercem um sobre o outro, às lutas que sustentam entre si, às trajetórias que desenvolvem dentro dessas relações pacíficas ou guerreiras*”.⁶⁶ Este aprendizado veio com a declarada admiração por seu mestre alemão Meinecke, o qual lhe apresentou as bases do historicismo, por ser entusiástico discípulo de Leopold von Ranke.

Assim, podemos comparar a afirmação de Ranke a de Sérgio Buarque na primeira página de *Raízes do Brasil*: “*Assim, antes de perguntar até que ponto poderá alcançar bom êxito a tentativa, caberia averiguar até onde temos podido representar aquelas formas de*

⁶⁵ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Op. cit.* 1974, p.442-443.

convívio, instituições e idéias de que somos herdeiros".⁶⁷ Ranke em *Pueblos e Estados*, definiu qual deveria ser a centralidade da pesquisa do historiador: ou seja, as influências que os povos exercem uns sobre os outros e as trajetórias que estes desenvolvem dentro dessas relações. Podemos ver nas palavras introdutórias de Sérgio Buarque em *Raízes do Brasil*, a intenção de clarear, analisar as influências Ibéricas, e como estas estabeleceram as "formas de convívio" brasileiras. Sérgio Buarque, no entanto, fazendo bom uso da construção frasal, ao mesmo tempo que, esclarece seu objetivo, nesta citação apresenta sua problemática: teríamos nós alcançado "bom êxito" ao reproduzir as "formas de convívio" herdadas de nossos pais Ibéricos? Em torno desta problemática gira toda a discussão da obra. Para Sérgio Buarque a adaptação desta cultura importada nas terras tropicais produziu a distorção de nossas instituições, valores e relações sócio-políticas.

Desta forma, Sérgio Buarque se valeu da reconciliação com o passado, recurso utilizado por diversos historiadores no século XIX ,para explicar o presente, ou seja, a cultura, as instituições e as relações sociais brasileiras nos anos de 1920-30. O historiador recorreu, assim, as origens, não para legitimar o presente por meio do passado⁶⁸, mas para explicar o contexto em que vivia. Como vemos, Sérgio Buarque aprendeu bem a lição

⁶⁶ RANKE, Leopold von. *Pueblos y estados em la história moderna*. México, Fondo de Cultura Econômica, 1979, p.518-519.

⁶⁷ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Op. cit.* 1973, p.03.

⁶⁸ Durante muito tempo esta era entendida como a função primordial da história, que teve como seus representantes Jules Michelet ainda no movimento romântico, Ernest Lavisse e Gabriel Monod preocupados com as características científicas da disciplina. Ver, DOSSE, François. *A história a prova do tempo: da história em migalhas ao resgate do sentido*. São Paulo, Editora da UNESP, 2001.

rankeana de que a história “...*não consiste tanto em reunir e interligar os fatos, como em compreendê-los e explicá-los*”.⁶⁹

Ao retornarmos a problemática do tempo, Maria Odila diz: “*Pode-se dizer que toda a sua obra foi construída em torno do conceito de tempo, continuidade e mudança no processo de vir a ser*”.⁷⁰ Realmente, quando nos debruçamos sobre os principais trabalhos de Sérgio Buarque é o que encontramos, processos históricos explicados a partir de um prisma de longa duração. De forma alguma realizaremos qualquer aproximação delirante entre Sérgio Buarque e Marc Boch ou Fernand Braudel, não entre os anos de 1920-30, na verdade esta visão de tempo longo, lento, utilizado pelo autor de *Raízes* é resultado de sua percepção dos fenômenos, é um recurso concreto para explicar o presente. Desde logo compreendeu que “... *sempre se compreenderá melhor um fato humano, qualquer que ele seja, se possuímos já a inteligência de outros fatos da mesma espécie*”.⁷¹

De forma profunda, Maria Odila, atrai a atenção dos leitores da obra de Sérgio Buarque para sua central preocupação: a linguagem como instrumento principal para a construção de suas teses e o cita: “*A história digna de tal nome ... a história vigorosa, verdadeira, justamente porque quer exprimir a verdade, requer acurado trabalho de redação elaboração, que dificilmente admite a linguagem desleixada*”.⁷² As palavras para

⁶⁹ RANKE, Leopold von. *Apud* FONTANA i LÁZARO, Josep. *História: análise do passado e projeto social*. Bauru – SP, EDUSC, 1998, p. 129.

⁷⁰ DIAS, Maria Odila da Silva. *Estilo e Método na Obra de Sérgio Buarque de Holanda*. In: *Sérgio Buarque de Holanda: vida e obra*. São Paulo, Secretaria de Estado da Cultura: Arquivo do Estado: Universidade de São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1988,p.73

⁷¹ BLOCH, Marc. *Introdução à História*. 5 ed. Portugal, Publicações Europa-América, 1987, p. 128.

⁷² HOLANDA, Sérgio Buarque. *Doença infantil da historiografia*. Versão preliminar datilografada. *Apud* DIAS, Maria Odila da Silva. *Estilo e Método na Obra de Sérgio Buarque de Holanda*. In: *Sérgio Buarque de Holanda: vida e obra*. São Paulo, Secretaria de Estado da Cultura: Arquivo do Estado: Universidade de São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1988, p.75.

Sérgio Buarque, como bem cita Maria Odila, não são meros instrumentos de redação, mas verdadeiros atos, com intenção de transformação social. Sérgio Buarque tinha consciência da força de suas palavras, sabia o que queria fazer com elas e por isso as escolhe com cuidado. Um fator importante nesta análise é considerar que Sérgio Buarque, formado em Direito, é fruto de uma escola clássica, a qual ensinava latim. Ele não escolheu as palavras de forma a construir um discurso monológico⁷³, pelo contrário sua intenção foi estabelecer um diálogo com seus leitores e para isso atentou para os elementos estruturais e mórficos dos termos que utilizou. Sérgio Buarque, leitor de Wittgenstein e Nietzsche, bem sabia que “a linguagem vai além dos signos”. Esta preocupação com o sentido nato das palavras o autor de *Raízes* deixa claro ao exaltar o instinto aventureiro Ibérico, analisando a palavra “sobranceria”: “*Essa concepção espelha-se fielmente em uma palavra bem hispânica – ‘sobranceria’ – palavra que indica inicialmente a idéia de superação*”.⁷⁴ Conforme, veremos no último capítulo, o mesmo fez com o termo “Homem Cordial”.

Os anos em que Sérgio Buarque escrevia ainda estavam muito próximos daqueles em que a discussão sobre a língua nacional e suas transformações geravam desagrvos entre os intelectuais. A língua portuguesa vinha sofrendo alterações. Sendo assim, se apropriou de termos utilizados por intelectuais criticados por ele, o que veremos mais adiante, para se contrapor, apoiando-se sobre o significado nato das palavras. “*Para o historicismo, que*

⁷³ Segundo Todorov, um discurso monológico “... nega a existência fora de si de uma outra consciência (...) Não espera dela uma resposta tal que possa tudo modificar no mundo da minha consciência. O monólogo é completo e surdo à resposta do outro, não o espera e não conhece nele força decisiva (...)”.

⁷⁴ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Op. cit.* 1973, p.04.

*atraiu Sérgio Buarque de Holanda desde a década de 20, a relação entre as palavras e a realidade era uma questão de interpretação e não de dedução filosófica”.*⁷⁵

No texto de Sérgio Buarque são as palavras que denunciam as deformações da realidade social. Os títulos escolhidos para os capítulos de *Raízes do Brasil* demonstram a forma como construiu sua crítica. Através de um método dos contrários, ele contrapõe definições sobre os brasileiros existentes às características que considerava pertencentes aos brasileiros, como por exemplo: “Trabalho e Aventura”⁷⁶, título do segundo capítulo. Neste capítulo, utilizou a tipologia weberiana e definiu o tipo-ideal de trabalhador e de aventureiro. Depois, demonstrou como os colonizadores Ibéricos, portugueses e espanhóis se enquadravam no primeiro tipo: o aventureiro. No entanto, ele surpreendeu quando, ao contrário da tradição, qualificou o gosto pela aventura, a “ânsia de prosperidade sem custo” e “riquezas fáceis”, como qualidades dos desbravadores portugueses e não defeitos, que viabilizaram a “colonização em terras tropicais” e afirma: “*O trabalhador, ao contrário, é aquele que enxerga primeiro a dificuldade a vencer, não o triunfo a alcançar*” e esse seria o motivo pelo qual “*Na obra da conquista e colonização dos novos mundos coube ao ‘trabalhador’, no sentido aqui compreendido, papel muito limitado, quase nulo*”.⁷⁷ Enquanto que o ‘aventureiro’ ibérico conseguiu “*... enfrentar com denodo as asperezas ou resistências da natureza e criou-lhes as condições adequadas a tal empresa*”.⁷⁸

⁷⁵ DIAS, Maria Odila da Silva. *Estilo e Método na Obra de Sérgio Buarque de Holanda*. In: **Sérgio Buarque de Holanda: vida e obra**. São Paulo, Secretaria de Estado da Cultura: Arquivo do Estado: Universidade de São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1988, p.75.

⁷⁶ Este título permaneceu na obra desde sua primeira edição ao contrário do III e IV capítulos que após alterações tiveram seus títulos modificados, a partir da 2ª edição em 1947.

⁷⁷ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 7 ed. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1973, p.14.

⁷⁸ Id. HOLANDA, Sérgio Buarque de. 1973 p.14.

Diferentemente do que muitos pensam o historiador não estava criticando os brasileiros, chamando-os de preguiçosos. Na verdade a partir das *raízes* de características brasileiras, construídas por muitos intelectuais durante o século XIX e princípios do XX, Sérgio Buarque demonstrou a força de mudança dos nossos pais ibéricos, herdada pelo povo brasileiro. Este precisava tomar consciência de sua capacidade para mudar o ambiente inóspito no qual vivia. Assim, podemos ver como o autor de *Raízes* fez bom uso das palavras, mas não somente isso, utilizou-as como instrumento para a construção de sua tese. Como afirmou Maria Odila:

A perspectiva do historiador situado no tempo obriga-o a captar a alteridade do pensamento dos homens do passado e a procurar palavras adequadas a transmitir matizes da mudança do linguajar através do tempo. Sérgio Buarque de Holanda procurava em suas obras a **nitidez do enfoque** desta linha do horizonte entre o passado e o presente.⁷⁹

Sim, foi a “nitidez do enfoque” que Sérgio Buarque perseguiu em *Raízes do Brasil*, na tentativa de explicar o presente através do passado. O texto de Sérgio Buarque foi estruturado para afirmar o poder de mudança do povo brasileiro, contrariando as teorias deterministas que construíram uma imagem de homem hospitaleiro, indolente e preguiçoso. Como nos disse Maria Odila, o autor de *Raízes* foi em “... *busca das sobrevivências arcaicas do passado no presente*”.⁸⁰ Entretanto, isto foi apenas um recurso para conscientizar os leitores da necessidade de mudança, de busca de originalidade, de reconstrução da nação brasileira a partir de uma ótica moderna. É Maria Odila que nos diz:

⁷⁹ DIAS, Maria Odila da Silva. *Op. cit.* 1988, p.74. (grifo nosso).

⁸⁰ Ibid. DIAS, Maria Odila da Silva. 1988, p.78. (grifo nosso).

“O impasse da modernidade no Brasil contemporâneo foi o núcleo das preocupações de Sérgio Buarque de Holanda”.⁸¹

Em outro texto *Política e sociedade na obra de Sérgio Buarque de Holanda*, Maria Odila Leite da Silva Dias afirmou algo contraditório ao recurso histórico utilizado por Sérgio Buarque “Para ele o historiador nada podia aprender do passado, nem devia esperar dele soluções para problemas do presente”.⁸² Não compreendemos esta afirmação, pois Sérgio Buarque tornou-se historiador por entender que precisávamos compreender nosso passado para resolvermos nossos problemas do presente e por isso produziu uma obra de história do Brasil apoiado sobre uma noção de tempo longo. Ao analisarmos *Raízes do Brasil* podemos perceber que seu autor pretendia compreender as estruturas sociais e culturais brasileiras, para sustentar sua crítica e, para ele isto somente seria possível através de um grande retrocesso histórico. Realmente, o historiador não esperava encontrar soluções no passado, mas apenas compreender sua realidade momentânea. De fato, ele almejava libertar-se das estruturas do passado e isto somente seria possível compreendendo-o. Assim, conforme nos diz Maria Odila: para Sérgio Buarque, o historiador “Deveria empenhar-se em desvendar no passado forças de transformação que pudessem indicar os caminhos para libertar-se dele”.⁸³ Assim, vemos que as duas afirmações da autora são contraditórias.

Maria Odila prossegue em sua análise sobre a obra e a vida do historiador Sérgio Buarque de Holanda e diz : “Não foi propriamente um militante político, apesar de figurar,

⁸¹ Ibid. DIAS, Maria Odila da Silva. 1988, p.78. (grifo nosso).

⁸² DIAS, Maria Odila da Silva. *Política e sociedade na obra de Sérgio Buarque de Holanda*. In: Cândido, Antônio (org.). **Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil**. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 1998, p. 11.

⁸³ Id. DIAS, Maria Odila da Silva. 1998, p. 11.

em 1980, como um dos fundadores do Partido dos trabalhadores. O seu era um engajamento de militância intelectual”.⁸⁴

Novamente não concordamos com Maria Odila, pois Sérgio Buarque de Holanda seguiu em sua produção histórica engajado com a crítica política à cultura, sociedade, economia e ao Estado brasileiro. Claro que não nos detivemos, ainda, profundamente em analisar toda a trajetória intelectual do historiador, no entanto, no período que nos propomos aqui a analisar, podemos afirmar que Sérgio Buarque foi um militante pelas causas liberais, com conceitos de democracia e governo muito próprios, como já discutido.

Quando falamos em causas liberais não nos referimos a ideais defendidos por nenhum partido liberal, mas aos ideais do liberalismo que em seu cerne “... *defende a tolerância e o respeito à liberdade individual, principalmente a liberdade de pensamento*”.⁸⁵ Liberdade de pensamento, de escolha, esta era a grande causa da militância do historiador em fins dos anos 20. Em *Raízes do Brasil* afirmou Sérgio Buarque: “*É freqüente imaginarmos prezar os princípios democráticos e liberais quando, em realidade, lutamos por um personalismo ou contra outro*”. Sérgio Buarque criticava as estruturas excludentes da sociedade brasileira, que a poucas décadas havia proclamado a República cheia de ideais democráticos e cita:

Todo pensamento liberal-democrático pode resumir-se na frase célebre de Bentham: ‘A maior felicidade para o maior número’. Não é difícil perceber que essa idéia está em contraste direto com qualquer forma de convívio humano baseada nos valores cordiais. Todo afeto entre homens funda-se forçosamente em preferências. Amar alguém é amá-lo mais do que a outros. Há aqui uma unilateralidade que entre em franca oposição com o **ponto de vista jurídico e neutro que se baseia o liberalismo**. A benevolência democrática

⁸⁴ Ibid. DIAS, Maria Odila da Silva. 1998, p. 12.

⁸⁵ FLORES, Moacyr. *Dicionário de História do Brasil*. 2 ed. rev. ampl. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2001, p. 358.

é comparável nisto a polidez, resulta de um comportamento social que procura orientar-se pelo equilíbrio dos egoísmos. O ideal humanitário que na melhor das hipóteses ela predica é paradoxalmente impessoal; sustenta-se na idéia de que o maior grau de amor está por força no amor ao maior número de homens, subordinando, assim, a qualidade a quantidade.⁸⁶

Como vemos nesta citação o historiador criticava o privilégio de poucos em detrimento da maioria do povo e defendia a neutralidade do Estado, pois para ele um governo personalista que estabelece relações “cordiais” com um pequeno grupo orienta-se pelo “equilíbrio dos egoísmos”. Sérgio Buarque estava criticando a adaptação de forma personalista da liberal-democracia no Brasil. Na verdade, para ele estávamos longe dos ideais democráticos e vivíamos ainda orientados por espíritos caudilhistas.⁸⁷ O historiador afirmou: “*As Constituições feitas para não serem cumpridas, as leis existentes para serem violadas, tudo em proveito de indivíduos e oligarquias são fenômeno corrente em toda a história da América do Sul*”.⁸⁸ Nesta citação o historiador explicitou sua crítica ao governo despótico implantado no Brasil.

Diante de todo este contexto de ebulição da sociedade Brasileira, Sérgio Buarque propôs como solução a dissolução das velhas estruturas plutocráticas e personalistas do Estado Brasileiro e disse:

Essa vitória nunca se consumará enquanto não se liquidem, por sua vez, os fundamentos personalistas e, por menos que o pareçam, aristocráticos, onde ainda assenta nossa vida social. Se o processo revolucionário a que vamos assistindo, e cujas etapas mais importantes foram sugeridas nestas páginas, tem um significado claro, será este o da dissolução lenta, posto que irrevogável, das sobrevivências arcaicas, que o nosso estatuto de país independente até hoje não conseguiu extirpar. Em palavras mais precisas, somente através de um processo semelhante teremos finalmente revogada a velha ordem colonial e

⁸⁶ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Op. cit.* 1973 p.139-140. (grifo nosso).

⁸⁷ Conforme, HOLANDA, Sérgio Buarque de. 1973 p.134.

⁸⁸ Ibid. HOLANDA, Sérgio Buarque de. 1973 p.136-137.

patriarcal, com todas as conseqüências morais, sociais e políticas que ela acarretou e continua a acarretar.⁸⁹

Esse processo revolucionário a que Sérgio Buarque se referiu é o processo de transformações que o Brasil vinha sofrendo, as mudanças nas artes plásticas, literatura e música, mas principalmente ao vivido pelo Estado, as eleições de 1930 e a Revolução na qual Getúlio Vargas subiu ao poder. Nesta citação, vemos no historiador a crença de que as novas bases do governo brasileiro poderiam mudar a realidade brasileira extirpando os fundamentos personalistas e aristocráticos próprios da República Velha.

Neste ponto retornamos ao problema do engajamento político de Sérgio Buarque, para nós sua tão exaltada participação na fundação do Partido dos Trabalhadores não serve como exemplo de sua militância, até porque foi muito posterior a produção do corpo de sua obra. Nosso historiador foi militante e sua atividade ficou bem marcada em suas reportagens jornalísticas, como é o caso de *Paraíso dos bandidos e el dourado das epidemias*. São Paulo, *Diário de São Paulo*, 19/02/1930 e *O café brasileiro na Alemanha*. Rio de Janeiro, *O Jornal*, 29/01/1930.

Estas reportagens foram produzidas durante sua estada na Alemanha como correspondente do *O jornal* e do *Diário de São Paulo*, veículos de imprensa de propriedade de Assis Chateaubriand, colocados abertamente a serviço da campanha eleitoral getulista desde fins de 1929. O conteúdo das reportagens é declaradamente um ataque às políticas econômicas e sociais exercidas pelos governos brasileiros até então. O autor falou não

⁸⁹ Ibid. HOLANDA, Sérgio Buarque de. 1973 p.135.

somente da crise do café, mas também dos problemas do analfabetismo e da violência que assolavam o país. Interessante para nós é a exaltação da figura do candidato João Pessoa a vice-presidência da República ao lado de Getúlio Vargas para presidente. João Pessoa foi citado como homem honesto contrário às políticas corruptas exercidas no Brasil. Estas reportagens serão analisadas detalhadamente mais adiante. No momento é importante observarmos que esta atuação no interior deste jornal getulista nos mostra o posicionamento político de Sérgio Buarque em fins de 1929 e início de 1930.

Através destas reportagens o então jornalista deu suporte teórico aos argumentos da Aliança Liberal, partido de Getúlio Vargas, que defendia a anistia geral, a votação livre e a reforma política do Estado brasileiro.

A pacificação geral dos espíritos pela anistia. A verdade eleitoral pela votação consciente e livre. A reforma efetiva dos processos políticos vigorantes no país, da salvaguarda de deveres fundamentais inerentes ao livre exercício da soberania nacional.⁹⁰

É interessante observarmos que estas e outras reportagens não aparecem em nenhum dos inúmeros trabalhos de análise da obra de Sérgio Buarque, surgidos nesta “onda modista”⁹¹ desencadeada após a sua morte.

Uma rápida análise de algumas, não todas, as reportagens produzidas por Sérgio Buarque na Alemanha encontramos em dois trabalhos de Francisco de Assis Barbosa. Os

⁹⁰ Manifesto da Aliança Liberal publicado com a fotografia de Getúlio Vargas no O Jornal – 07/09/1929.

⁹¹ chamamos de “onda modista” o incrível e repentino interesse de inúmeros historiadores pela obra de Sérgio Buarque de Holanda e que produziram trabalhos de análise da mesma, após a sua morte e que pela superficialidade muitas vezes trazem análises errôneas e equivocadas.

dois trabalhos foram publicados entre 1988 e 1989. O primeiro chama-se *Verdes anos de Sérgio Buarque de Holanda: ensaio sobre sua formação intelectual até Raízes do Brasil*, publicado em *Sérgio Buarque de Holanda: vida e obra*, uma organização da Secretaria de Estado da Cultura juntamente com o Arquivo do Estado e pela Universidade do Estado de São Paulo. O outro trabalho é uma reunião de artigos de Sérgio Buarque de Holanda prefaciada pelo próprio Francisco de Assis Barbosa e por Antônio Cândido, chama-se *Raízes de Sérgio Buarque de Holanda* e foi publicada pela editora Rocco. Os dois trabalhos são extremamente biográficos, trazem pouca análise da obra de Sérgio Buarque e seus conteúdos diferem pouco.

No primeiro trabalho *Verdes anos de Sérgio Buarque de Holanda*, Francisco de Assis Barbosa informou os leitores da trajetória biográfica de Sérgio Buarque de Holanda, sua predileção à leitura desde a infância em São Paulo, sua adolescência, “*O prazer pela leitura, cedo despertado, não interferia no adolescente com outros interesses, próprios da idade, entre esses, a paixão pelo cinema e pela dança*”.⁹² Também valendo-se de inúmeros testemunhos de Sérgio Buarque, amigos e colegas, descreveu a juventude do historiador em São Paulo, sua participação em jornais e revistas, sua transferência para o Rio de Janeiro e o curso de Direito. Sobre a profissão de advogado Francisco de Assis Barbosa diz: “*Com relação a Sérgio, o curso de Direito jamais o interessou. Não tardaria aliás a demonstrar a*

⁹² BARBOSA, Francisco de Assis. *Verdes anos de Sérgio Buarque de Holanda: ensaio sobre a trajetória intelectual até Raízes do Brasil*. In: **Sérgio Buarque de Holanda: vida e obra**. São Paulo, Secretaria de Estado da Cultura: Arquivo do Estado: Universidade de São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1988, p. 29.

sua total incompatibilidade com as letras jurídicas, (...)”.⁹³ Seu ingresso no núcleo do *O Jornal* e sua participação como redator chefe de *O Mundo Literário* também foram citados.

O contexto cultural e político brasileiro foi apresentado por Francisco de Assis Barbosa simultaneamente a biografia de Sérgio Buarque, justificando e esclarecendo até algumas posturas do jovem jornalista. Conforme Francisco de Assis Barbosa demonstrou, Sérgio Buarque teve desde a juventude constante participação em jornais e revistas, no início com contos e críticas literárias e posteriormente com artigos de crítica à política nacional, como os anteriormente citados. Sua participação no movimento modernista e na fundação da Revista Estética em 1924 foi bem trabalhado por Francisco de Assis, assim como as amizades com Prudente de Moraes neto, Afonso Arinos de Melo Franco, Rodrigo M. F. de Andrade, Manuel Bandeira e Gilberto Freyre. Assim, afirmou Francisco de Assis, durante algum tempo Sérgio Buarque não havia encontrado seu caminho. *“Naquele instante, nem Gilberto, nem Sérgio, nem Prudente haviam encontrado o caminho. Todos estavam como que envolvidos num nevoeiro”*.⁹⁴

Como já falamos o texto de Francisco de Assis Barbosa traz pouca análise dos escritos de Sérgio Buarque, mas ao se referir ao seu posicionamento político e sua decepção com o partido comunista brasileiro, diz:

Para ele, os chamados construtivistas ‘desejam a criação de uma elite de homens inteligentes e sábios embora sem grande contacto com a terra e o povo’ ... – ‘gente bem intencionada e que esteja de qualquer modo à altura de nos impor uma hierarquia, uma ordem, uma experiência que estrangulam de vez nosso maldito estouvamento de povo moço e sem juízo. Carecemos de um arte, de uma literatura, de um pensamento em fim, que traduzam uma anseio qualquer de construção, dizem. E insistem sobretudo nessa panacéia

⁹³ Ibid. BARBOSA, Francisco de Assis. 1988, p. 32.

⁹⁴ BARBOSA, Francisco de Assis. *Op. cit.* 1988, p. 39.

abominável de construção'. Sérgio Buarque de Holanda é contra a pretensão de estabelecerem uma **ordem** que segundo ele, irá tolher nossa liberdade, que é o que temos de mais considerável', este o ponto central da controvérsia.⁹⁵

Neste trecho Francisco de Assis citou Sérgio Buarque, mas não o interpreta bem. Não é a Ordem que o historiador estava criticando. Sérgio Buarque estava criticando os intelectuais que tendiam para os regimes políticos autoritários ou destituídos de base popular, como por exemplo Oliveira Vianna a quem dirigiu crítica em 1949. Não concordamos com Francisco de Assis, pois Sérgio Buarque não era contrário à **ordem** e sim a tudo que viesse por imposição, sem legitimidade. Como já citado, para Sérgio Buarque as decisões políticas deveriam ter a participação da população e o governo não poderia ser despótico. Mas, a ordem, no pensamento buarquiano, se faz necessária para o bom andamento da nação. No trecho citado por Francisco de Assis Barbosa, não é a Ordem que Sérgio Buarque criticou, mas os modelos importados, mau implantados no país, acomodados aos desejos individuais e disse: *“Podemos ensaiar a organização de nossa desordem segundo esquemas sábios e de virtude provada, mas há de restar um mundo de essências mais íntimas que, esse, permanecerá sempre inato, irreduzível e desdenhoso das invenções humanas”*.⁹⁶ Este mundo de essências, são as velhas estruturas que permanecem e corroem os novos modelos. Sérgio Buarque criticava um grupo de intelectuais que acreditavam ter as respostas para os problemas brasileiros e propunham modelos importados. Estes modelos importados e testados em outras sociedades são para Sérgio Buarque os *esquemas sábios*, mas como está impresso na primeira página de *Raízes*, estes

⁹⁵ Ibid. BARBOSA, Francisco de Assis. 1988, p. 40.

⁹⁶ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Op. cit.* 1973 p.142.

esquemas são implantados “... em ambiente muitas vezes desfavorável e hostil (...)”.⁹⁷

Sendo assim, o historiador acreditava, como já mencionado, que o governo não poderia ser dirigido por “*escolhas caprichosas*”⁹⁸ e sim pelas necessidades específicas da nação.

Ao analisar o período de Sérgio Buarque na revista *Estética*, Francisco de Assis Barbosa disse: “*O esquema de Sérgio Buarque de Holanda seria bem diverso. Antes de tudo, não podia abdicar da sua liberdade, continuar como sempre um franco atirador (...)*”.⁹⁹ Esta qualidade Sérgio Buarque não perdeu, em *Raízes do Brasil* se colocou como um franco atirador contra as velhas estruturas corroídas do Estado brasileiro.

No restante do artigo Francisco de Assis Barbosa apresentou somente a continuação de dados biográficos de Sérgio Buarque, seu ateísmo, seu posicionamento radical na revista *Estética* que feriu muitos de seus colegas modernistas, sua viagem a Berlim e suas reportagens. Ao citar o artigo *Paraíso dos bandidos e el dourado das epidemias*, Francisco de Assis fez uma pequena síntese de seu conteúdo ignorando toda crítica de Sérgio Buarque ao governo daquele momento e seu declarado apoio aos candidatos da Aliança Lacional.

A mesma estrutura encontramos no outro trabalho de Francisco de Assis Barbosa sobre Sérgio Buarque. Repleto de dados biográficos, organizados cronologicamente e recheado de fatos contextuais, o texto apresenta um único comentário de análise da obra de Sérgio Buarque.

⁹⁷ Ibid. HOLANDA, Sérgio Buarque de. 1973 p.03.

⁹⁸ Ibid. HOLANDA, Sérgio Buarque de. 1973 p.142.

⁹⁹ BARBOSA, Francisco de Assis. *Op. cit.* 1988, p. 42.

Boêmio, toda a vida, Sérgio soube construir (é o milagre a que se refere Bandeira) uma obra admirável, como renovados da crítica literária e lançando as bases de uma nova historiografia que tinha como principais personagens o índio, o negro e o mameluco, numa palavra, as chamadas ‘classes baixas’ que jamais tinham sido sequer consideradas pelos autores tradicionais. A arraia-miúda marginalizada na sociedade e expulsa dos compêndios sisudos que só cuidam dos vencedores, esse vazio é que Sérgio sempre pensou em preencher.¹⁰⁰

Realmente segundo relatos de amigos e colegas, Sérgio Buarque foi um grande boêmio e um grande intelectual, no entanto, sua obra não tem como principais personagens o índio, o negro e o mameluco. Em *Raízes do Brasil* é sobre as heranças portuguesas em nossa terra que Sérgio Buarque tratou, o português é a figura central, é das elites que ele falou e dirigiu sua crítica. Sobre as demais obras apresentamos um quadro-síntese logo abaixo:

Raízes do Brasil – 1936	Trata sobre as heranças culturais portuguesas e apresenta forte crítica as estruturas políticas brasileiras. O português, o espanhol, em fim os colonizadores, são as figuras centrais da obra.
Cobra de Vidro – 1944	Esta obra é uma reunião de artigos de crítica literária, aonde encontramos profunda discussão sobre a cultura brasileira, publicados entre 1940-1 na seção semanal de crítica literária do <i>Diário de Notícias</i> do Rio de Janeiro. Reunidos de forma cuidadosa o primeiro artigo critica a onda de trabalhos sobre o negro no Brasil. Neste primeiro capítulo Sérgio Buarque afirmou “A Limitação que a meu ver encera esse interesse recente pelos estudos em torno do negro brasileiro

¹⁰⁰ BARBOSA, Francisco de Assis. *Introdução*. In: **Raízes de Sérgio Buarque de Holanda**. Rio de Janeiro, Rocco, 1988, p. 17.

	<p>vem do fato de encararem a questão não como um problema, mas antes como um espetáculo”. Nos demais artigos o autor tratou sobre o romance brasileiro, a sociologia, a filosofia e autores importantes da literatura brasileira. No entanto, não deixou de discutir o processo de americanização da cultura brasileira, o qual já o havia chamado atenção quando de sua estada na Alemanha, onze anos antes.</p>
Monções – 1945	<p>Esta obra publicada em 1945 não é um estudo, ao contrário do que pensaria a maioria dos leitores, das monções setecentistas, na verdade é em parte continuação das reflexões de Sérgio Buarque de Holanda expostas em <i>Raízes do Brasil</i>. Neste livro o autor escreveu em seu prefácio “<i>Nem era minha intenção separá-las de um estudo onde, em quadro mais amplo, se analisassem aspectos significativos da implantação e expansão, em terra brasileira, de uma civilização adventícia. Aqueles aspectos, precisamente, em que tal civilização, colocada perante contingências do meio, pode aceitar, assimilar e produzir novas formas de vida, revelando-se até certo ponto criadora e não somente conservadora de um legado tradicional nascido em clima estranho</i>”.</p>
Antologia dos poetas brasileiros – fase colonial – 1952-1953	<p>Nesta obra Sérgio Buarque fez uso de seu veio de crítico literário, prática que nunca abandonou e apresentou uma vasta análise da produção literária no Brasil colonial.</p>
Caminhos e Fronteiras – 1957	<p>Nesta obra, através dos indícios materiais, Sérgio Buarque buscou compreender o que é peculiar e diferente da colonização portuguesa no interior paulista, como o confronto entre as culturas indígena e portuguesa não se sobrepuseram, mas</p>

	lentamente se transformaram diante das necessidades e ambições imediatas dos primeiros sertanistas que chegaram à região.
Visão do Paraíso – 1958	Analisou as estruturas mentais européias e a projeção da imagem do Éden como propulsoras das grandes navegações e da ocupação do Novo Mundo, em particular a América Hispânica, como forma de compreender nosso passado brasileiro.
Do Império à República. In: História Geral da civilização Brasileira – O Brasil Monárquico. – 1972.	Neste volume Sérgio Buarque de Holanda tratou sobre as transformações sociais, econômicas e políticas brasileiras que culminaram com a Proclamação da República. Desta forma apresenta como e em que circunstâncias nasceu a República brasileira.
Tentativas de Mitologia – 1979	Reunião de artigos de cunho “polêmico” sobre o Brasil: sua cultura, política e literatura. Com uma estrutura autobiográfica, Tentativas de Mitologia é uma obra de esclarecimento a muitas posturas assumidas por Sérgio Buarque no decorrer de sua trajetória intelectual.
O Extremo Oeste – 1986	Uma publicação póstuma organizada pela Secretaria do Estado de São Paulo e pela brasiliense. Dividida em dois capítulos trata sobre a ocupação do Oeste Brasileiro.

Como podemos ver através deste pequeno quadro-síntese, o assunto central das principais obras de Sérgio Buarque de Holanda não é o índio, o negro e o mameluco, mas, a cultura brasileira, as raízes dos nossos hábitos e modos de viver. Sérgio Buarque não colocou na cena central de sua obra os grupos excluídos, na verdade são as heranças

culturais as verdadeiras estrelas, os objetos de sua análise, ao contrário do que Francisco de Assis Barbosa afirmou.

No entanto, não podemos uniformizar a obra de Sérgio Buarque de Holanda, com as mesmas opiniões encontradas em *Raízes do Brasil* pudessem ser encontradas em outras de suas obras ou vice-versa. A obra de Sérgio Buarque pode ser dividida em três grandes momentos ou influências. A primeira grande influência como já falamos é Max Weber, da qual nasceu *Raízes do Brasil*; “Os livros de Weber e um pouco as lições de Meinecke, em Berlim, indicando-me novos caminhos, deixarão sua marca em minha Teoria da América”.¹⁰¹ A segunda é Henri Hauser, seu colega e professor na Universidade do Distrito Federal, como nos disse o próprio Sérgio Buarque em *Tentativas de Mitologia*:

Nos dois casos eu havia lidado com matérias que se situavam de algum modo dentro de meu círculo de interesses e até de ocupações, relacionado principalmente com os estudos históricos, desenvolvidos em parte durante prolongada estada em Berlim, de onde traria cerca de vinte anos antes dois capítulos, quase completos, de meu livro de estréia. Estudos que havia apurado depois no Rio de Janeiro, durante estreito convívio que ali mantive com **Henri Hauser**, um dos mais notáveis historiadores de seu tempo, vindo da Sorbonne na leva de 16 professores convidados a ir lecionar na efêmera Universidade do Distrito Federal por iniciativa de Anísio Teixeira, organizador e primeiro reitor do estabelecimento. Esse convívio, somado às obrigações que me competiam, de assistente junto à cadeira de História Moderna e Econômica, sob a responsabilidade de **Hauser**, me haviam forçado a melhor arrumar, ampliando-os consideravelmente, meus conhecimentos nesse setor, e a tentar aplicar os critérios aprendidos ao campo de estudos brasileiros, a que sempre me havia devotado, ainda que com uma curiosidade dispersa e mal educada.¹⁰²

¹⁰¹ HOLANDA, Sérgio Buarque. *Tentativas de Mitologia*. São Paulo, Editora Perspectiva, 1979, p.30.

¹⁰² Ibid. HOLANDA, Sérgio Buarque. 1979, p.14

É interessante pensarmos que em 1936 quando Henri Hauser foi convidado a lecionar no Brasil sua cadeira na Sorbonne foi ocupada por Marc Bloc que novamente se uniu ao seu amigo e companheiro Lucien Febvre, transferido para Sorbonne desde 1933.

Assim, sob alguns direcionamentos propostos por seu colega e professor Hauser, Sérgio Buarque de Holanda, após 1936, repensou uma série de posições e idéias propostas em *Raízes do Brasil*, como nos afirmou no prefácio à Segunda edição da obra: “*Reproduzi-lo em sua forma originária, sem qualquer retoque, seria reeditar opiniões e pensamentos que em muitos pontos deixaram de satisfazer-me*”.¹⁰³

Como nos disse o historiador neste parágrafo, em 1947, já não concordava com as idéias que geraram *Raízes do Brasil*. Após sua primeira edição, Sérgio Buarque alterou bastante a primeira parte da obra, mudou até mesmo o nome de dois capítulos “*Dois capítulos, o II e o IV, que na 1ª edição traziam um título comum – O passado agrário – passara a chamar-se, respectivamente, Herança Rural e O Semeador e o Ladrilhador, denominações estas que melhor se ajustam aos conteúdos, pelo menos aos conteúdos atuais, dos mesmos capítulos*”.¹⁰⁴ E afirmou:

Entretanto, fugi deliberadamente à tentação de examinar, na parte final da obra, alguns problemas específicos sugeridos pelos sucessos deste último decênio. Em particular aqueles que se relacionam com a circunstância da implantação, entre nós, de um regime de ditadura pessoal de inspiração totalitária. Seria indispensável, para isso, desprezar de modo arbitrário a situação histórica que presidiu e de algum modo provocou a elaboração da obra, e isso não me pareceu possível, nem desejável.

¹⁰³ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Prefácio à segunda edição*. In: **Raízes do Brasil**. 7 ed. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1973.

¹⁰⁴ Id. HOLANDA, Sérgio Buarque de. 1973.

Sérgio Buarque não concordava com as idéias expostas em *Raízes do Brasil*, em fins de 1947, mas sabia muito bem que estas foram as motivadoras à produção desta obra e por isso não alterou o conteúdo da parte final, onde está contida toda a sua crítica e proposta de mudanças às instituições brasileiras. *Raízes do Brasil* apresenta até hoje a estrutura e conteúdo reformulado da Segunda edição.

O terceiro momento de sua obra é marcado pela publicação de *Visão do Paraíso: os motivos edênicos do Descobrimento do Brasil*, em 1958. Nesta obra como apresentado no quadro-síntese, Sérgio Buarque de Holanda estudou a mentalidade lusitana que impulsionou o “Descobrimento” do Brasil. Sob forte influência de Lucien Febvre e Fernand Braudel, após sua estada em Paris nos anos de 1949, Sérgio Buarque buscou compreender as estruturas mentais brasileiras a partir da mentalidade dos lusitanos que primeiro chegaram ao Novo Mundo. Consideramos, este o terceiro momento da obra do historiador, porque, sob nova roupagem, analisou as Raízes da cultura, modo de vida e hábitos brasileiros, diferentemente de sua obra inaugural, não estudou as instituições sócio-culturais e políticas, mas, como diria Lucien Febvre, a *outilagem mental* dos desbravadores europeus.

Sendo assim, demonstraremos neste trabalho que para compreender o significado de *Raízes do Brasil* em seu tempo devemos nos debruçar sobre os textos antecessores de Sérgio Buarque de Holanda e não posteriores a esta obra. Pois, como vimos o historiador mudou, repensou e reavaliou suas posturas políticas e metodológicas frente às transformações históricas vividas por sua geração.

Entretanto, a discussão da obra de Sérgio Buarque de Holanda não se fecha nestes três autores, como já dissemos, após a sua morte houve um despertar de estudos sobre sua personalidade e obra, são muitos os seus intérpretes. Alguns, entre os principais, iremos citar.

Chiara Vangelista professora da *Università degli Studi di Torino*, apresentou em 2001 no Seminário Internacional *Clíope* realizado na *Università degli Studi di Roma, "La Sapienza"*, comunicação intitulada "*Formas de Fabulação na construção do Passado: História e Memória em torno da Brasilidade*". Neste ensaio a historiadora procurou realizar um diálogo entre a obra de Sérgio Buarque e dois textos, na verdade transcrições de entrevistas "... abertas, na forma de histórias de vida e histórias de família, que coletei numa pesquisa sobre as relações e as intersecções entre história nacional, memória coletiva e memória individual no Brasil na segunda metade do século XX".¹⁰⁵ Neste ensaio, a historiadora não procurou analisar a mensagem implícita de Sérgio Buarque ou mesmo perceber como a partir de influências variadas construiu sua obra, na verdade, seu objetivo foi compreender através de *Raízes do Brasil* "... o papel do processo de ocupação do território, com suas implicações sociais e culturais, na explicação da formação do Brasil como nação".¹⁰⁶ Sendo assim, a historiadora prosseguiu em sua argumentação comparando o texto de Sérgio Buarque aos relatos de suas duas entrevistadas as quais chamou de Leila e Eunice, estabelecendo, desta forma, um diálogo do passado com o presente.

¹⁰⁵ VANGELISTA, Chiara. *Formas de Fabulação na construção do Passado: História e Memória em torno da Brasilidade*. Seminário Internacional *Clíope*, Itália, 2001, p.02.

¹⁰⁶ Id. VANGELISTA, Chiara. 2001, p.02.

Chiara Vangelista faz parte do grupo de pesquisa *Clíope* juntamente com Roberto Vecchi da *Università di Bologna* e Sandra Pesavento da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Entre os anos de 1998 e 2000, Roberto Vecchi publicou e apresentou dois ensaios sobre a obra de Sérgio Buarque de Holanda, o primeiro intitulado *Cruzando Sérgio Buarque e Dyonélio Machado: ratos cordiais e raízes daninhas*¹⁰⁷ e o segundo trabalho *A insustentável leveza do passado que não passa: sentimento e ressentimento modernistas*.¹⁰⁸

Em ambos os trabalhos Roberto Vecchi procurou perceber como:

... suas especificidades, proporcionam ambas elementos de problematização da história da década de Trinta, ou seja, de algum modo oferecem testemunhos de formas históricas próprias --um ensaio fundador que porém lança seu olhar no passado em função do presente e do futuro e um romance problematicamente inscrito na fase ideológico-estética de compromisso documentário com a redescoberta da realidade brasileira--, o que talvez ajude a repensar nas relações entre história e literatura a partir de um espectro de valores testemunhais comum, permitindo recuperar assim --se quisermos-- o sentido próprio do termo história, que, como se sabe, tem sua etimologia no grego "histor" (ístwr) que justamente significa testemunha, quem presenciou um evento e que portanto tem a autoridade para podê-lo relatar.¹⁰⁹

Roberto Vecchi, como vemos nesta citação, através de uma análise comparada das duas obras, buscou compreender a atmosfera contextual que instigou Sérgio Buarque e Dyonélio Machado a produzirem suas obras nos anos de 1930, como forma de responder aos problemas propostos por seu presente.

¹⁰⁷ Texto apresentado no seminário do grupo Clíope de história e literatura (Porto Alegre, de 2 a 4 de setembro de 1998) e publicado com o título "*Ratos cordiais e raízes daninhas: formas da formação*", In: Sandra J. Pesavento, **Leituras cruzadas. Diálogo da história com a literatura**, Porto Alegre, Ed. Da Universidade-UFRGS, 2000, p.77-105.

¹⁰⁸ Texto apresentado no Colóquio *Memória e (res)sentimentos: indagações sobre uma questão sensível* (UNICAMP, de 29/05 a 02/06/2000) com o título "*A insustentável leveza do passado que não passa: sentimento e ressentimento do tempo fora e dentro do cânone modernista*", publicado no volume homônimo organizado por Stella Bresciani e Márcia Naxara, Campinas, Editora da UNICAMP, 2001, pp.457-469.

¹⁰⁹ VECCHI, Roberto. "*Ratos cordiais e raízes daninhas: formas da formação*", In: Sandra J. Pesavento. **Leituras cruzadas. Diálogo da história com a literatura**, Porto Alegre, Ed. Da Universidade-UFRGS, 2000, p.78.

Nesse sentido, convém ressaltar que uma característica da produção cultural dessa época – que oportunamente foi posta em luz-- é justamente o interesse, até exacerbado, de esquerda e direita, de espiritualistas e materialistas pela "realidade brasileira"⁵. Uma realidade, porém, cuja estrutura complexa e articulada numa pluralidade de planos, um único discurso dentro da sua própria ordem talvez não consiga sozinho apanhar, iluminando só alguns pontos, alguns recantos dela: daqui a oportunidade de recorrer a textos diversos para tentar compreendê-la como matéria passada da forma mais pontual e iluminada possível.¹¹⁰

Vecchi nestes trabalhos não propôs uma análise da forma, estilo, método e conteúdo destas obras, seu olhar está como disse: nos elementos “extratextuais”, ou seja, no contexto, nas forças propulsoras do período, que despertou nestes autores preocupações com a identidade nacional.

Sandra Pesavento fecha o trio do grupo *Clíope*, produziu um trabalho intitulado *Paraísos cruzados: Diálogos do encantamento e desencantamento do Mundo (Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda)*. Neste trabalho comparou as obras *Visão do Paraíso: os Motivos Edênicos do Descobrimento do Brasil* de Sérgio Buarque e *Novo mundo nos trópicos* de Gilberto Freyre, com o objetivo de: “*Tendo como elemento central de análise o confronto e o possível diálogo entre duas visões que constróem e desconstróem o paraíso tropical, o trabalho busca encaminhar a discussão para o processo de encantamento e desencantamento do mundo que preside a construção das duas narrativas*”.¹¹¹

Neste trabalho Sandra Pesavento apresenta uma análise comparativa das posturas dos dois intelectuais, mas em seu texto não apresentou comentário algum sobre as suas

¹¹⁰ Id. VECHI, Roberto. 2000, p.78.

¹¹¹ PESAVENTO, Sandra. *Paraísos cruzados: Diálogos do encantamento e desencantamento do Mundo (Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda)*. Publicado no site www.unicamp.br

trajetórias tão diferenciadas e optou por não analisar suas influências, contexto de vida e possíveis aproximações. O texto de Gilberto Freyre, por exemplo, foi publicado pela primeira vez nos Estados Unidos em 1945 e sua publicação em português ocorreu somente em 1947, uma tradução do inglês produzida por Olivio Montenegro. Como vemos, não foi escrito em português e como qualquer tradução perde em muito sua originalidade e mensagem.

O livro de Sérgio Buarque, entretanto, foi publicado em outra década, em 1958, voltado ao grupo acadêmico, pois foi defendido como tese no Concurso de ingresso para professor da Universidade Estadual de São Paulo. Como vemos, estas obras estão separadas por mais de uma década, por histórias de vida e opções metodológicas diferentes. Os dois intelectuais foram amigos e com certeza compartilharam de muitas opiniões, mas é claro que suas argumentações são diferentes. Gilberto Freyre era fruto da academia americana, enquanto Sérgio Buarque tornou-se historiador devido às ironias do destino, um auto-didata.

São inúmeros os nomes de outros que se aventuraram como nós à análise da obra de Sérgio Buarque de Holanda. Podemos citar vários como: José Carlos Reis com “*Sérgio Buarque de Holanda: a recusa das raízes ibéricas*”, Edgar Salvadori de Decca com vários trabalhos “*Raízes do Brasil: um ensaio das formas históricas*” e “*Decifra-me ou te devoro: as metáforas de Raízes do Brasil*” entre outros, Marianne Reisewitz com duas resenhas sobre *Visão do Paraíso e Caminhos e Fronteiras*, Robert Wegner com “*Os EUA na obra de Sérgio Buarque de Holanda*”, Jacques Lenhart com *Raízes do Brasil de Sérgio Buarque de Holanda*, Pedro Meira Monteiro com “*Sérgio Buarque de Holanda e as Palavras*”, Brasília

Sallum Jr. com “*Raízes do Brasil*” In: **Introdução ao Brasil: um banquete no Trópico**, Berenice Cavalcante com “*Sérgio Buarque de Holanda e as raízes da moderna historiografia brasileira*”. Além das muitas organizações como *Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil* de Antônio Cândido, onde participaram Ronaldo Vainfas, Raymundo Faoro, Antônio Arnoni Prado, Ilana Blaj, Luiz Dulci e Maria Odila Leite Dias da Silva, e outros muitos colóquios como o 3º Colóquio da UERJ intitulado Sérgio Buarque de Holanda, no qual participaram Antônio Arnoni Prado, Antônio Cândido, Antônio Carlos Peixoto, Fernando Novais, Flora Süssekind, Francisco Iglésias e Luiz Antônio de Castro Santos, entre tantos outros estudiosos da historiografia nacional que não puderam passar sem citar, mesmo que seja por poucas linhas, a obra de Sérgio Buarque de Holanda.

Um dado importante e surpreendente para nós nesta análise sobre a discussão historiográfica da obra de Sérgio Buarque de Holanda foi a pequena variedade de informações sobre a obra, influências e estilo de Sérgio Buarque de Holanda. A maioria dos artigos que encontramos, que aqui apenas citamos os títulos, apresenta informações “clonadas”, muitos autores publicam os mesmos artigos com títulos diferentes, extremamente biográficos apresentam leituras superficiais.

Desta forma, textos importantes produzidos por Sérgio Buarque no início dos anos de 1930 ainda permanecem adormecidos. No capítulo seguinte, daremos voz a estes textos, por entendermos que são importantes testemunhas do momento de produção da obra inaugural *Raízes do Brasil*.

No terceiro e último capítulo, de forma comparativa, apresentaremos nossa análise da “Herança Rural”, ou melhor, “Herança Intelectual” de Sérgio Buarque de Holanda. A maioria de seus intérpretes, como analisado neste primeiro capítulo desta dissertação, analisaram suas influências estrangeiras como Max Weber, Meineck e outros, nós aqui analisaremos sua aproximação com escritores brasileiros que o antecederam. Com alguns, como Oliveira Vianna, Sérgio Buarque chegou a travar fortes debates.

Raízes do Brasil é resultado da história de vida de Sérgio Buarque de Holanda, suas escolhas, posições políticas e leituras de mundo. Desta forma, no capítulo seguinte, veremos que Sérgio Buarque antes de um literário e mesmo de um historiador, foi um ativo crítico das instituições políticas brasileiras.

II. O ESTRANHAMENTO: O NASCIMENTO DO HOMEM CORDIAL

Escrever foi uma tendência que desde muito cedo se revelou em mim. Como e por que me tornei escritor, não poderei dizer-lhe.

Sérgio Buarque de Holanda

(Revista do *O Jornal* 1-7-1945)

Desde muito cedo, Sérgio Buarque apresentou uma disposição para as letras e seu relacionamento com elas iniciou num ato de criação, sua Valsa “Victória Régia”.¹¹² Algum tempo depois, publicou seu artigo “Originalidade Literária”, um texto de crítica, conforme comentamos no capítulo anterior. Estava assim, de certa forma, traçada a trajetória do futuro historiador, criativo e crítico, habilidades que o levaram aos bastidores do *O Jornal*¹¹³ em meados dos anos de 1924.

Desta forma, consideramos no desenvolver desta pesquisa que os textos antecessores à obra *Raízes do Brasil*, como já citado, são instrumentos fundamentais para este trabalho de análise. Por isso, foi importante para nós analisarmos a grande produção interpretativa a respeito da obra de Sérgio Buarque de Holanda, conforme o apresentado no primeiro

¹¹² Esta Valsa foi composta por Sérgio Buarque de Holanda aos 9 anos de idade. Documento apresentado no capítulo III desta dissertação, p. 20.

¹¹³ O *O Jornal* foi fundado em 1919 por Renato de Toledo Lopes juntamente com outros jornalistas que abandonaram o *Jornal do Comércio*. Com tiragem diária era um jornal modesto, até que em 1924, Assis Chateaubriand o comprou por 5\$800 contos de réis e em pouco tempo o transformou em um dos jornais de maior circulação. Em 1925 ele já era um indiscutível sucesso, foi o primeiro jornal a ser editado com 68 páginas em sua edição dominical, “... assim como nenhum veículo jamais conseguiria vender, num só dia, um volume tão grande de publicidade como a estampada em *O Jornal de 2 de dezembro de 1925*”. *O Jornal* alcançou notoriedade ainda maior por que se tornou o principal órgão do Diários e Associados, sua sede. Este jornal sobreviveu ao Estado Novo e seu DIP, chegou a entrar na Ditadura militar,

capítulo desta dissertação. Sendo assim, ao pesquisarmos a produção de análise da obra de Sérgio Buarque de Holanda nos defrontamos com um grande número de trabalhos que compararam *Raízes do Brasil* a clássicos da História brasileira. No entanto, compreendemos que este entrecruzamento e comparação de *Raízes do Brasil* com outras obras de História, só são possíveis se tivermos claro o que foi a proposta de Sérgio Buarque de Holanda, quais suas metas e objetivos, de que modo construiu a imagem do Brasil, de seu projeto político e como propôs mudança e soluções à política nacional.

Neste capítulo, através da análise das reportagens de Sérgio Buarque, produzidas na Alemanha entre 1929-30, mediremos a distância que separa as formulações doutrinárias expressas em *Raízes do Brasil*, da prática política de Sérgio Buarque de Holanda. Aqui, entendemos prática política como toda a atividade jornalística de Sérgio Buarque de Holanda, para nós, citando Renato Janine Ribeiro, “... *um texto não é reflexo, porém arma. Um pensador político não procura refletir o seu tempo e sociedade; quer produzir efeitos*”.¹¹⁴ Como veremos, Sérgio Buarque de Holanda foi um pensador político, em seus escritos encontramos como veio central o entrelaçamento da cultura com a política nacional, sendo, para ele, uma consequência da outra.

Desta forma, a ordenação temática que demos à escolha e análise das reportagens “alemãs” de Sérgio Buarque, neste capítulo, é o quanto possível fidedigna ao que entendemos ser o eixo central da obra *Raízes do Brasil*, “a cultura política nacional”. Com

mas não sobreviveu sem seu mentor e fechou em 1974, seis anos após a morte de Chateaubriand. Ver: MORAIS, Fernando. *Chatô o Rei do Brasil, a vida de Assis Chateaubriand*. São Paulo, Companhia das Letras, 1994, p. 155.

¹¹⁴ RIBEIRO, Renato Janine. *A filosofia política na história*. Revista Discurso, São Paulo, v. 2, n. 14, 1989, p. 121.

base nesta categoria, se desencadeia nossa argumentação, voltada a demonstrar como o posicionamento político de Sérgio Buarque inspirou e estimulou a produção de sua obra inaugural, *Raízes do Brasil*. Por isso, iniciamos nosso trabalho com alguns esclarecimentos referentes ao contexto de vida de Sérgio Buarque.

2.1. Sérgio Buarque e a escolha do título

Sérgio Buarque em seu livro *Tentativas de Mitologia* relatou sobre seu projeto de produzir uma obra que se chamaria *Teoria da América*, isto ainda nos anos de 1924, período que participou, juntamente com Prudente de Moraes Neto, da elaboração e publicação da Revista *Estética*.

... mas eu próprio já me desinteressara bastante das questões de literatura, e pensava em escrever um livro para o qual tinha até nome pronto: deveria chamar-se *Teoria da América* conforme comuniquei então a Prudente, (...) Do que não me livraria depressa era do projeto de *Teoria da América*, pois justamente durante a estada no estrangeiro naqueles meus *Wanderjahre* alemães, ela principiará a ganhar forma definida. O contato de terras, gentes, costumes, em tudo diferentes dos que até então conhecia, pareceu favorável à revisão de idéias velhas e à busca de novos conhecimentos que me ajudassem a abandoná-las, ou a depurá-las.¹¹⁵

Conforme testemunho de Sérgio Buarque, era antigo o projeto de elaborar uma obra sobre a história e as gentes do Brasil, mas foi em contato com o estrangeiro que isto se concretizou. Em meio às experiências e contatos com culturas diferentes nasceu *Raízes do Brasil*.

¹¹⁵ HOLANDA, Sérgio Buarque. *Tentativas de Mitologia*. São Paulo, Editora Perspectiva, 1979, p. 29.

O título da obra inaugural de Sérgio Buarque de Holanda, como sabemos, mudou para *Raízes do Brasil*, no entanto, precisamos registrar que sua intenção não mudou. Seu primeiro projeto se chamaria *Teoria da América*, publicado inicialmente no Brasil em 1935, embrionariamente, em forma de artigo na Revista Espelho com o Título *Corpo e Alma do Brasil*. “Quando voltei ao Brasil em 1931 trazia um calhamaço de suas 400 páginas. Dele tirei o essencial de um estudo histórico encomendado por Claudio Ganns para uma luxuosa revista nova. (...) chamou-se *Corpo e Alma do Brasil*”.¹¹⁶

Em todos os três títulos dados a obra, notamos uma similaridade em significado. O primeiro título *Teoria da América* demonstra de forma clara a intenção do autor em esquadrihar a cultura brasileira e desta maneira compreender sua gente, suas posições políticas e econômicas. A palavra “Teoria”, que bem revela esta intenção subentendida, de origem latina, quer dizer “*conhecimento especulativo racional e considerado independente de toda aplicação*”¹¹⁷ e também “*opinião sistematizada relativamente à causas, razões e efeitos de fatos...*”.¹¹⁸ Sendo assim, vemos que mesmo anteriormente ao contato com a ciência histórica alemã, Sérgio Buarque já almejava explicar o Brasil, na tentativa de compreendê-lo e para empreender sua análise usaria o recurso da “longa duração”¹¹⁹, fazendo um retrocesso às “raízes” da cultura Ibérica “implantada” nestas “terras tropicais”, conforme explicou na primeira página de *Raízes do Brasil*:

¹¹⁶ Ibid. HOLANDA, Sérgio Buarque. 1979, p. 30.

¹¹⁷ NASCENTES, Antenor. *Novíssimo Dicionário Escolar*. Rio de Janeiro, Ediouro, s/d.

¹¹⁸ Ibid. NASCENTES, Antenor. Ediouro, s/d.

¹¹⁹ Aqui não pretendemos fazer qualquer alusão a influências de Fernand Braudel sobre a obra *Raízes do Brasil* de Sérgio Buarque de Holanda, apenas nos referimos ao fato de que mesmo sem teorizar ou se apropriar de conceitos, o que na verdade Sérgio Buarque fez foi uma história das instituições brasileiras, apoiado no recurso da Longa Duração para explicá-las.

... o certo é que todo o fruto de nosso trabalho ou de nossa preguiça parece participar de um sistema de evolução próprio de outro clima e de outra paisagem. Assim, antes de perguntar até que ponto poderá alcançar bom êxito a tentativa, caberia averiguar até onde temos podido representar aquelas formas de convívio, instituições e idéias de que somos herdeiros.¹²⁰

No entanto, a materialização deste anseio do jovem jornalista somente ocorreu, como já citado, com seu contato com outra cultura e outras visões históricas. Marcus Vinícius Corrêa de Carvalho, em sua dissertação defendida na Unicamp no ano de 1997¹²¹, discorreu sobre a estreita ligação entre a produção de Sérgio Buarque na Alemanha e seu livro inaugural *Raízes do Brasil*. Sobre esta ligação o autor de *Raízes do Brasil* disse: “... eu havia lidado com matérias que se situavam de algum modo no meu círculo de interesses e até preocupações, relacionando principalmente com os estudos históricos, desenvolvidos (...) em Berlim, de onde traria cerca de vinte anos antes dois capítulos, quase completos, de meu livro de estréia”.¹²² Sérgio Buarque também declarou que sempre havia se devotado aos estudos brasileiros “... ainda que com uma curiosidade dispersiva e mal educada”.¹²³

Sendo assim, entendemos que *Raízes do Brasil* tem como antecessores diretos os textos jornalísticos que Sérgio Buarque produziu na Alemanha entre 1929-1930, como correspondente do *O Jornal*, justamente por que:

O jornal se configura como um espaço discursivo pois ele se materializa a partir de condições lingüísticas e psicossociais próprias, (re) construindo a informação que transmite

¹²⁰ HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. 7 ed. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1973, p.03.

¹²¹ CARVALHO, Marcus Vinícius Corrêa. *Raízes do Brasil, 1936: tradição, cultura e vida*. Dissertação de mestrado. Campinas, SP: {s.n.}, 1997. Este estudo, diferentemente do nosso, teve por objetivo “... propor uma interpretação para a forma como se concebe a possibilidade de objetivar o conhecimento humano em *Raízes do Brasil*”, ancorado sobre o recurso da análise textualista.

¹²² HOLANDA, Sérgio Buarque. *Op. cit.* 1979, p.14.

¹²³ Id. HOLANDA, Sérgio Buarque. 1979, p.14.

em conformidade com tais condições; sua significação é produzida pelo lingüístico, pelo icônico e pela articulação desses elementos num dado contexto sócio-cultural.¹²⁴

Estas condições lingüísticas e psicossociais nas quais se materializaram os artigos de Sérgio Buarque, remetidos da Europa à repartição do *O Jornal*, destacam-se para nós como material extralingüístico. Este material é um conjunto de informações subentendidas pelo contexto, mas que são fundamentais para a compreensão do texto final, ou seja, os possíveis posicionamentos políticos, trajetória de vida e relações num dado contexto sócio-cultural do autor. A partir desta abordagem, procuramos alcançar a perspectiva adotada pelo autor no que se refere à interpretação do quadro cultural e político brasileiro de então.

Desta forma, munidos destas informações, neste capítulo apresentaremos uma análise contextualista do conteúdo dessas reportagens, de seu papel no interior do jornal que as veiculava e suas aproximações em estrutura e conceitos com *Raízes do Brasil*, publicada seis anos depois.

Para iniciarmos faremos uma breve contextualização, pois entendemos que o contexto de produção dá sentido ao texto e esclarece sua finalidade. Assim como, de acordo com Maurice Mouillaud, o prefácio, preambulo, índice, capa, anexos, ou seja, o paratexto também atua como o significador ao texto apresentado logo após.

O paratexto faz às vezes de interface com o meio (de outros livros do mesmo autor, da mesma coleção, do mesmo editor, de outros editores etc...). funciona como uma peneira (cujo análogo, no cinema, seria o corredor que faz o espectador passar da luz do mundo à sala obscura). Ele prepara a leitura abrindo o que Jauzz chamou de um “horizonte de

¹²⁴ WILMSEN, Ana P. *A argumentatividade e a heterogeneidade enunciativa de textos jornalísticos*. In: BORSTEL, Clarice von. **III Caderno de Língua e Literatura**. Cascavel: EDUNIOESTE, 2001, p. 16.

esperas” e fechando outros (não se entra em um livro da coleção branca de Gallimard como em uma série negra do mesmo editor. Basta que o paratexto mude (uma nova edição, ou a passagem para o formato de bolso) para que, segundo Léo Hoeck, o sentido mude.¹²⁵

Por concordamos com a visão de Mouillaud, de que as notícias que antecedem outros artigos ou até mesmo a separação em seções ou cadernos, é tendenciosa, prepara e instiga as possíveis conclusões do leitor, pois “*Nas sociedades contemporâneas, os meios de comunicação de massa passaram a dispor de aparatos técnicos e científicos altamente sofisticados, que permitem a fabricação e manipulação dos imaginários coletivos*”¹²⁶, neste capítulo também traremos à análise a distribuição das matérias destacadas no jornal que, de certa forma, antecedem a diagramação das reportagens de Sérgio Buarque.

2.2. O Contexto

O fim dos anos 20 foi extremamente conturbado com as eleições presidenciais no Brasil e por fim, com o golpe de Getúlio Vargas em outubro de 1930. Os meses que antecederam as eleições assistiram um verdadeiro “fogo cruzado” entre os candidatos à presidência, Getúlio Vargas e Júlio Prestes. Os humores no Brasil eram sensíveis diante das transformações políticas que estavam para acontecer.

A década de 20 não foi nada fácil para a economia brasileira e muito menos para a política. O governo de Artur Bernardes foi exercido sob Estado de Sítio, o que deixou os

¹²⁵ MOUILLAUD, Maurice. *Da Forma ao Sentido*. In: --- PORTO, Sérgio Dayrell (org.). *O Jornal: da informação ao sentido*. 2 ed. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 2002, p. 31-32.

¹²⁶ CAPELATO, Maria Helena. *Propaganda Política e Construção da Identidade*. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 16, nº 31 e 32, 1996, p. 330.

ânimos brasileiros muito alterados. Entretanto, ainda pairava a esperança de uma “volta por cima” da política do café, fato que na realidade não ocorreu durante o governo de Washington Luís e, na verdade, muito se agravou no final de seu mandato. São Paulo não queria perder sua hegemonia econômica e ao mesmo tempo outros grupos em ascensão almejavam espaço para participação no governo.

A luta pela hegemonia nacional encontra, significativamente, em São Paulo, o respaldo dos setores industriais que apoiam o situacionismo. Mas tudo indica que o continuísmo almejado pela indústria emergente exclui intenções de acentuada ou imediata modernização política, isto é, a abertura de novos canais de participação.¹²⁷

Em meio à crise econômica, a insatisfação geral e ao desfecho conturbado das eleições presidenciais, estourou a Revolução de 1930 que depôs Washington Luís e colocou Getúlio Vargas no poder, inaugurando uma nova era na política nacional. Sérgio Buarque de Holanda não presenciou o golpe de 30, porque estava na Alemanha como emissário dos Diários e Associados¹²⁸, desde julho de 1929. “A revolução de 1930 vai encontrar Sérgio Buarque de Holanda em Berlim, como enviado especial dos Diários e Associados na Alemanha, Polônia e Rússia, fazia mais de um ano”.¹²⁹

Sérgio Buarque foi enviado à Alemanha para analisar e registrar a situação político-social da Europa frente à nova ordem social que se constituía após a Primeira Guerra

¹²⁷ CAMARGO, Aspásia. *A Revolução das Elites: Clivagens Regionais e Centralização Política*. In:--- **Simpósio sobre a Revolução de 30**. Porto Alegre, out. 1980. Porto Alegre, ERUS, 1983, p. 391.

¹²⁸ O Diários e Associados nasceu em 1924 com a compra de *O Jornal*, jornal diário do Rio de Janeiro, por Assis Chateaubriand.

¹²⁹ BARBOSA, Francisco de Assis. *Verdes anos de Sérgio Buarque de Holanda: ensaio sobre a sua formação intelectual até Raízes do Brasil*. In: **Sérgio Buarque de Holanda: vida e obra**. São Paulo, Secretaria de Estado da Cultura: Arquivo do Estado: Universidade de São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1988, p. 44.

Mundial. Em seu artigo “*Paraíso dos bandidos e el dourado de epidemias: eis o que é o Brasil para a imprensa européia*”, vê-se sua preocupação com a imagem do Brasil.

A esse retrato das possibilidades econômicas do Brasil podemos juntar as informações e correspondências, freqüentes publicadas e não menos desoladoras, sobre nossa situação política. Um jornal berlinense diz, por exemplo, de nossa Câmara dos Deputados, que é uma espécie de “far-west”. Um outro declara que nossos políticos servem-se, não raro, de bandidos perigosos para fazerem vencer as suas ambições pessoais. Ainda aqui não farei melhor que transcrever o que diz uma correspondência publicada em 5 de janeiro último pela “Lolonische Zeitung” acerca de “Lampeão” e o banditismo no nordeste. Depois de se referir ao apoio prestado pelo Padre Cícero à candidatura Júlio Prestes para a presidência da República, o articulista menciona as ligações existentes entre o “rei do sertão” e o bandido Lampeão.¹³⁰

Como vemos, a produção literária de Sérgio Buarque foi marcada por seu senso crítico e nacionalismo, a mesma insígnia está presente em suas reportagens alemãs. A preocupação com a situação política e econômica brasileira é o eixo central de sua correspondência com *O Jornal*, e este traço, podemos dizer, acompanhou o historiador por toda sua trajetória intelectual.

Ao desembarcar, a situação alemã, encontrada pelo então jornalista, era extremamente conturbada. A França, após a retomada da Alsácia-Lorena e apropriação do Sarre, impunha sua cultura e idioma a estas regiões que durante tanto tempo foram germânicas, o que estimulava uma rápida propagação do sentimento de revolta entre a população alemã.¹³¹ Entretanto, segundo Sérgio Buarque, “*O povo alemão, saído da*

¹³⁰ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Paraíso dos bandidos e el dourado de epidemias: eis o que é o Brasil para a imprensa européia*. Artigo publicado no **Diário de São Paulo** em 19 de fevereiro de 1930. Fonte encontrada na coleção de jornais do Museu de comunicação Hipólito José da Costa, Porto Alegre.

¹³¹ Conforme, reportagem **O ensino Francês no Sarre**. Diário de Notícias, Porto Alegre- RS, de 19 de maio de 1929. Ver também, RICHARD, Lionel. **A República de Weimer, 1919-1933**. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

guerra, cercado ainda hoje de inimigos impiedosos e despeitados, exhibe um assombroso poder de adaptação às condições sociais”.¹³² Quem seriam estes inimigos impiedosos? Com certeza os países vencedores da Guerra que condenaram a Alemanha a indenizá-los pelos prejuízos decorrentes do conflito.

Na Universidade, Sérgio Buarque deparou-se com a história metódica, do início do século XX, preocupada em “... despertar, afinal, na alma da nação, a consciência de si (...) devolver-lhes raízes profundas para que eles entendam que a fronteira não é interna, mas externa”.¹³³

Naquele momento, de acordo com François Dosse, a função do historiador era entendida, como política, formadora de consciência nacional, enraizadora de sentimentos patrióticos. *Raízes do Brasil* teve esta função conscientizadora e de repúdio ao estrangeiro, a partir da exaltação do nacional.

No entanto, como citado no primeiro capítulo, ao lermos artigos como “Originalidade Literária” de Sérgio Buarque, publicado em 1922 no *Correio Paulistano*, podemos afirmar, que o ainda estudante de Direito, mesmo antes de seu contato com a influência alemã, já enxergava uma função política para os intelectuais. Em “Originalidade Literária”, sua classificação sobre o que seria “nosso” na Literatura demonstrou seu espírito nacionalista. Neste artigo, Sérgio Buarque apresentou o que seria o cerne de sua tese e objetivo em *Raízes do Brasil*, como já citado: “A Emancipação intelectual não é nem podia

¹³² HOLANDA, Sérgio Buarque. *Através da Alemanha*. O Jornal. Rio de Janeiro, 23/agost/1929.

¹³³ DOSSE, François. *A História à Prova do Tempo: da história em migalhas ao resgate do sentido*. São Paulo: Editora UNESP, 2001, p. 17.

*ser um corollário fatal da emancipação política (...) que a independência intelectual de um povo não requer da emancipação política.”*¹³⁴ Para Sérgio Buarque, a emancipação intelectual brasileira não é consequência terminal da política, ou seja, importante era a emancipação intelectual brasileira, a política seria então uma consequência e não ao inverso. A citação acima evidencia sua posição frente à função do intelectual como responsável pelos rumos da nação.

Mas, para a instrumentalização de nossa análise não basta nos determos apenas no contexto externo da vida de Sérgio Buarque, suas relações profissionais e engajamentos políticos são, também, como já citados, extremamente importantes para nós. Por isso, nesta parte, dedicada à análise do contexto, acreditamos ser necessário justificar nossa ênfase à figura do jornalista e empresário Assis Chateaubriand, que por sua intensa participação na política e cultura nacionais, marcou a história do Brasil e, como demonstraremos a seguir, deixou sua marca em *Raízes do Brasil*.

Conforme veremos, o posicionamento político e ideológico de Sérgio Buarque, naquele momento, aproximou-se dos ideais defendidos pelo grupo getulista e por isso se fez necessário o entendimento de determinadas ações de um dos expoentes deste grupo, proprietário dos meios de divulgação e propaganda política do programa da Aliança Liberal, Assis Chateaubriand.

Assis Chateaubriand foi quem enviou Sérgio Buarque para Alemanha. O Advogado e jornalista Chateaubriand comprou *O Jornal* em 1924 e desde o início transformou-o em

¹³⁴ HOLANDA, Sérgio Buarque. *Originalidade Literária*. Correio Paulistano, São Paulo, 22 de abril de 1920, p. 2.

uma associação, apoiado pela elite industrial, política e cafeeira. Sérgio Buarque já era funcionário do jornal, contratado por, seu amigo e antigo proprietário da empresa, Renato Toledo Lopes. Chateaubriand conseguiu reunir em volta de um único jornal os principais expoentes do Brasil. O jovem jornal fundado cinco anos antes passava para suas mãos com enorme dívida, o que obrigou o novo proprietário a agir rapidamente frente à situação política da nação.

Segundo Fernando Morais, Assis Chateaubriand inovou muito, além de fundar uma associação, com a venda de ações, criou o setor de propagandas, algo que não era comum no Brasil, e sua grande inovação “*Para secretário de redação contratou o jornalista Azevedo Amaral, (...) e sugeriu a ele que começasse a substituir as intermináveis e soníferos artigos que ocupavam meia, uma e até duas páginas por uma novidade que fazia muito sucesso na imprensa dos Estados Unidos – as reportagens*”.¹³⁵ Para Fernando Morais, esta grande jogada forneceu à história importante testemunho, pois Chateaubriand enviou jornalistas para cobrir eventos revolucionários como a Coluna Prestes e, posteriormente, a Revolução Constitucionalista. No entanto, sabemos que muito antes, por volta de 1897, Euclides da Cunha fora enviado a Canudos pelo jornal *O Estado de São Paulo*, para cobrir os acontecimentos. Suas cartas à redação eram publicadas em partes como reportagens. Mesmo não sendo uma criação de Assis Chateaubriand, as reportagens garantiram com certeza ao *O Jornal* seu sucesso e a história documentos.

¹³⁵ MORAIS, Fernando. *Chatô: o rei do Brasil, a vida de Assis Chateaubriand*. São Paulo, Companhia das Letras, 1994, p. 143.

Chateaubriand depois de sua desavença com Artur Bernardes e o boicote que sofreu, sabia que o apoio político do governo era extremamente importante para seus planos de fundar um veículo de imprensa nacional. Ele conheceu Getúlio Vargas em 1925. Vargas interessou-se em conhecê-lo por causa da polêmica que causou com seu concurso para professor de direito romano na Faculdade de Direito em Pernambuco. Este evento o levou a recorrer até ao presidente da República. O fatídico concurso tornou-se polêmico por que seu concorrente e inimigo político, Joaquim Pimenta, era mais titulado e o escolhido Assis Chateaubriand era jovem e recém graduado. Isto desencadeou uma verdadeira guerra política que só acabou com o veredicto de Venceslau Brás, o então presidente da República, a favor de Assis Chateaubriand.

O relacionamento entre Chateaubriand e Vargas frutificou, apesar deste ser ministro do governo de Washington Luís, adepto da política café-com-leite e por isso, na visão da época, continuador do governo de Artur Bernardes seu fiel inimigo.

... desde os primeiros encontros na redação de *O Jornal* as relações entre Chateaubriand e Vargas pareciam crescer assentadas em sólido cimento. Os insultos que o jornalista com freqüência dirigia ao presidente da República pareciam não afetar os laços que uniam Chateaubriand a Getúlio, que, afinal, era o ministro da Fazenda de Washington Luís. Mais do que isso, a guerra contra o presidente não interrompeu as visitas freqüentes que o ministro continuava fazendo publicamente à redação de *O Jornal* - nem impediam que Chateaubriand o visitasse duas ou três vezes por semana, à noite, em sua casa da ladeira do Ascurra.¹³⁶

O dono de *O Jornal* era partidário do capital estrangeiro e germanófilo assumido, famoso por suas polêmicas e campanhas contra o Governo, isto desde que Artur Bernardes

¹³⁶ Id. 1994, p. 173.

assumiu a presidência. A querela entre Chateaubriand e Bernardes era antiga, desde o tempo do governo de Minas Gerais¹³⁷. Além, no entanto, de toda querela pessoal com o presidente, o jornalista vivia como todos os brasileiros, desde 1922, a repressão do Estado de Sítio do governo de Bernardes e a situação de instabilidade econômica enfrentada pelo país.

Diante deste contexto de crise política, as elites brasileiras estavam descontentes, mais ainda a partir de 1924, quando Bernardes deixou de comprar o café excedente para apenas financiar as colheitas.

Até 1924, o Estado comprava o produto e o revendia em ocasião mais favorável, intervindo, assim, diretamente no mercado; a partir desse ano, com a criação do Instituto do Café, a intervenção tornou-se indireta, pois o Instituto passou a regular em determinadas proporções a entrega do produto, ficando a parte da safra retida, ao menos formalmente, em mãos do próprio produtor.¹³⁸

A situação da política econômica brasileira era esta, os cafeicultores não tinham mais a certeza da venda de seu produto ao Estado, agora ao contrário, tinham que arcar com o ônus da política de valorização, o que implicava na disponibilidade de recursos financeiros. Esta política de valorização do café assegurou alta rentabilidade ao setor durante os anos de 1906 a 1924, quando voltou a passar por dificuldades, que ainda eram amenizadas com o financiamento das colheitas promovido pelo Estado. Desta forma, a disputa política em

¹³⁷ Chateaubriand foi contratado pela Farquhar para defendê-la no processo de concessão da exploração das jazidas de minério de ferro. Bernardes, então governador de Minas Gerais, contrário ao capital estrangeiro, não teve escapatória na concessão das jazidas à Farquhar, mas, aumentou em mais de mil vezes os impostos sobre a exportação de minério. Chateaubriand, inconformado com o resultado final do processo, surpreendeu-se diante do aceite da Farquhar, mesmo com o alto imposto. O presidente também impedira Chateaubriand de comprar o *Jornal do Comércio* e, ainda, tentou comprar sorrateiramente as ações de *O Jornal* das mãos de seus sócios, sem que ele soubesse.

¹³⁸ FAUSTO, Boris. *A Revolução de 1930*. In:--- MOTA, Carlos G. (org.). **Brasil em Perspectiva**. 10 ed. Rio de Janeiro, DIFEL, 1978, p. 229.

torno da sucessão presidencial em 1929 ganhou ampla expressão, principalmente com a formação da Aliança Liberal.

A política do café-com-leite foi quebrada por Washington Luís com a indicação de Júlio Prestes, também paulista, à Presidência da República. Apesar de romper com velhos acordos, esta atitude tinha o apoio da elite cafeicultora paulista que almejava a continuidade da política de Defesa do Café.

Os meses antecessores a apresentação de Getúlio Vargas foram de intensas discussões e acordos. Em carta a João Neves da Fontoura em 15/06/1929, Getúlio Vargas manifestou sua preocupação com o apoio das classes dominantes a uma possível candidatura de um “nome gaúcho”. *“Não creio no êxito de uma candidatura lançada só por Minas. Bastava isso para torná-la suspeita ao Cattete que a impugnaria dando lugar ao surgimento de outro nome, como conciliação”*. E ainda expressou seu anseio em alcançar indicação do próprio Presidente da República para um nome gaúcho, conforme sua finalização da carta: *“O Rio Grande espera ser ouvido oficialmente pelo Presidente da República, na ocasião oportuna. Antes disso não se manifestará”*.¹³⁹ O apoio do Presidente da República não chegou, mas Minas Gerais uniu-se a Pernambuco e ao Rio Grande do Sul, formando assim a Aliança Liberal e lançando Getúlio Vargas e João Pessoa para Presidência e Vice-presidência da República.

¹³⁹ VARGAS, Getúlio. Correspondência a João Neves da Fontoura. 15/06/1929. Arquivo da Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro. Documento em anexo.

Assis Chateaubriand apoiava a campanha de Getúlio Vargas à presidência, no entanto, era preciso que este apoio fosse feito de forma a não prejudicar seu relacionamento com a elite cafeeicultora paulista. Seu apoio à Vargas era certo, principalmente após o auxílio do então ministro na compra da revista *Cruzeiro*, a primeira de âmbito nacional. Segundo Fernando Morais, seus jornais foram colocados a serviço da campanha de Vargas, antes mesmo de ser presidente do Estado do Rio Grande do Sul, em 1927. “É impossível afirmar que razões levaram Chateaubriand, a partir de então, a colocar seus jornais, e sobre tudo o influente *O Jornal*, escancaradamente a serviço de Vargas”.¹⁴⁰ Não é difícil intuir porque Chateaubriand fez isso. Desde logo o astuto jornalista notou a potencialidade de Getúlio Vargas como político e principalmente o quanto o apoio deste seria importante para as suas ambições. A imagem abaixo nos mostra que Chateaubriand a partir de agosto de 1929 declarou-se na campanha getulista e desta forma, suas artimanhas, para provar aos paulistas e a Capital Federal¹⁴¹, que Vargas era a melhor opção a todos, aumentaram muito.

¹⁴⁰ MORAIS, Fernando. *Op.cit.* 1994, p. 175.

¹⁴¹ Citamos paulistas e cariocas porque a primeiro momento Assis Chateaubriand possuía somente jornais diários em São Paulo, o *Diário de São Paulo*, e no Rio de Janeiro, o *O Jornal*.

Figura nº1:



Fonte extraída: Arquivo Museu Hipólito José da Costa –
O Jornal 07/09/29

Esta imagem ocupava a página central inteira do *O Jornal* e nela está apresentado o eixo da proposta de campanha à presidência de Getúlio Vargas. Na parte superior está escrito:

O que a Aliança Liberal promete concretamente ao povo brasileiro:

- A Pacificação geral dos espíritos pela Anistia;
- A verdade eleitoral pelo voto consciente e livre;
- A Reforma efetiva dos processos políticos vigentes no país, a salvaguarda das questões fundamentais inerentes ao livre exercício da soberania nacional.

Estas palavras não somente formavam a proposta, como também uma crítica ao sistema político vigente naquele momento, que mantinha o voto aberto, o que gerava uma situação de controle dos processos eleitorais por parte da elite política.

Diante desta convulsão econômico-política da nação e frente o lançamento das campanhas eleitorais de Júlio Prestes X Getúlio Vargas, os intelectuais se posicionaram. Os modernistas paulistas romperam com os, já conceituados, escritores sul-riograndenses, conforme citou matéria de 18/08/1929 “*Os Literatos paulistas modificaram seus juízos sobre os regionalistas riograndenses depois que se iniciou a luta política*”.¹⁴² Este artigo afirmou, que apesar de “bem recentemente” terem elogiado o grupo intelectual riograndense, após o início da campanha eleitoral os senhores Menochi Del Pichia e Plínio Salgado proclamaram insultos a alguns expoentes do grupo gaúcho. Em relação aos gaúchos, o artigo esclareceu que estes apesar da divergência política mantiveram seus elogios passados aos modernos paulistas. Claro que neste posicionamento levamos em conta o do próprio jornal que explorou este empasse entre os grupos intelectuais e procurou demonstrar o quanto os apoiadores de Júlio Prestes eram “antidemocráticos”, pois não eram capazes de aceitar a opção política dos companheiros das letras gaúchos.

Neste empasse encontramos Sérgio Buarque de Holanda trabalhando para um jornal declaradamente getulista, o que nos reporta a um texto publicado em 15/10/1926 na Revista do Brasil intitulado “*O lado oposto e outros lados*”, como já citado. Neste artigo, Sérgio Buarque relatou sua insatisfação com os rumos do movimento modernista liderado pelos

¹⁴² Coluna não assinada. O Jornal, 18/08/1929, pg. 05

seguidores de Graça Aranha, a quem, no passado, admirara muito, mas que naquele momento o desagradava com algumas posições “academistas”. Este texto foi de certa forma, um manifesto de rompimento com os modernistas paulistas, mantendo a amizade e admiração por apenas alguns nomes, os quais fez questão de frisar bem no texto: Mário de Andrade, “o melhor poeta brasileiro”, na sua opinião, Prudente de Moraes Neto, Oswald de Andrade, Couto de Barros, Antônio de Alcântara Machado e Manuel Bandeira.

Um marco importante, para nós, neste texto foi o posicionamento de Sérgio Buarque, que criticou a elitização das *letras* “*sem grande contato com a terra e com o povo*”. Para ele, o grupo de intelectuais deveria lutar pela democratização das letras, em contato real com o povo e cultura nacional. O mais surpreendente neste texto é a confirmação de que *Raízes do Brasil* foi o resultado final de todo um processo de amadurecimento intelectual referente à leitura do Brasil e sua gente, pois disse Sérgio Buarque, “*É indispensável essa pergunta, porquanto a ordem perturbada entre nós não é decerto, não pode ser a nossa ordem; há de ser uma coisa fictícia e estranha a nós, uma lei morta, que importamos, senão de outro mundo, pelo menos do Velho mundo*”.¹⁴³ Aqui não precisamos citar novamente a primeira página de *Raízes do Brasil*, publicada quase dez anos depois, na qual Sérgio Buarque afirmou sermos “*desterrados em nossa terra*”.

Desta forma, vemos que as questões referentes às gentes, cultura e política nacionais expostas em *Raízes do Brasil* não eram novas em 1936, na verdade já acompanhavam nosso

¹⁴³ HOLANDA, Sérgio Buarque. *O Lado oposto e outros lados*. Revista do Brasil, SP, 15/10/1926, pp. 09-10.

jovem Sérgio Buarque desde os anos de Klaxon e de Estética¹⁴⁴. Além disso, também podemos compreender porque Sérgio Buarque não se posicionou ao lado do PRP, Partido Republicano Paulista, em 1929. Ele não concordava com a realidade do país, com a situação de exclusão do povo em relação a decisões referentes aos rumos do país, seja na economia ou nas artes. Sérgio Buarque, como muitos, almejava mudança, e a Aliança Liberal parecia ser o caminho para tal.

2. 2. Sérgio Buarque na Alemanha: as reportagens

Julho de 1929, voltamos então a Sérgio Buarque de Holanda, o jovem jornalista, formado em Direito, não era apenas mais um funcionário do jornal, mas um importante expoente no Movimento Modernista, tendo representado a revista Klaxon em 1922, ao lado de Mário de Andrade e Oswald de Andrade.

Sérgio Buarque parecia ser o nome certo para a aventura de passar um ano no exterior como correspondente jornalístico. Como já dito, Chateaubriand¹⁴⁵ era germanófilo e, diante das estreitas relações comerciais do Brasil com empresas importadoras de café alemãs, nenhum outro lugar parecia mais adequado naquele momento, de crise do comércio internacional, para enviar um correspondente, do que a Alemanha. O mercado internacional

¹⁴⁴ A Revista Klaxon foi fundada em 1922 um pouco antes da Semana de Arte Moderna e Sérgio Buarque foi seu representante no Rio de Janeiro e a Revista Estética, criada em 1925, foi dirigida por ele e por Prudente de Moraes Neto.

¹⁴⁵ Em primeiro momento, Chateaubriand não apostou na Semana de Arte Moderna, mas posteriormente deu seu apoio ao grupo e publicou a segunda “dentição” da Revista de Antropofagia, apesar dos inúmeros protestos dos assinantes do jornal.

vivia a crise do entre guerras e reconstrução dos países destruídos, o que muito piorou com a quebra da Bolsa de Nova York. A Alemanha era cenário central de toda esta crise que atingia o comércio cafeeiro brasileiro.

No período em que Sérgio Buarque esteve na Alemanha, como correspondente do *O Jornal* e do *Diário de São Paulo*, publicou vinte e sete reportagens sobre a Alemanha, a Polônia e suas relações com o Brasil. Frustrado em sua investida para a entrada na União Soviética publicou, ainda, dentre estas vinte sete reportagens, duas entrevistas sobre os Estados que aderiram ao socialismo.

O quadro analítico, a seguir, nos mostra por ordem de títulos dos artigos, pois existem titulações repetidas, os temas abordados por Sérgio Buarque em suas reportagens enviadas da Alemanha ao *O Jornal* e ao *Diário de São Paulo*.

O Estranhamento: o nascimento do Homem Cordial

TÍTULOS ARTIGOS	DOS	TEMAS ABORDADOS: conforme posicionamento do autor nos artigos									
		Alemanha e a Polónia como exemplo para outros países	1. Crise do Café, crítica ao governo brasileiro e necessidade de mudança	2. Ordem e governo forte para alcançar estabilidade; força militar	3. Necessidade de Independência econômica.	4. Anti-imperialismo e Americanização cultural	5. Anticomunismo	6. Socialismo	7. Participação popular, democracia e cidadania	8. Desorganização, crise dos governos e inflação	9. O problema da Sucessão Presidencial brasileira
1. Através da Alemanha (23/08/1929)		X								X	
2. Através da Alemanha (15/09/1929)		X				X			X	X	
3. Através da Alemanha (08/11/1929)		X		X		X				X	
4. O Comunismo e a Atualidade Européia (03/11/1929)						X	X				
5. O Comunismo e a Atualidade Européia (23/11/1929)					X	X		X			

O Estranhamento: o nascimento do Homem Cordial.

6. O Marechal Pilsudski e os vícios do Parlamentarismo Polonês (06/11/1929)			X					X			
7. Um País que ressurgue (16/11/1929)			X					X			
8. Um País que ressurgue (30/11/1929)	X		X								
9. Um País que ressurgue (01/01/1929)	X										
10. Um País que ressurgue: A Exposição geral polonesa de Poznan (12/01/1930)	X										
11. Um País que ressurgue: A Exposição geral polonesa de Poznan (02/01/1930)	X										

O Estranhamento: o nascimento do Homem Cordial.

12. Um País que ressurgiu: A Exposição geral polonesa de Poznan (05/01/1930)	X		X								
13. Thomas Mann e o Brasil (16/02/1930)											X
14. O Café Brasileiro na Alemanha (26/01/1930)		X									
15. O Café Brasileiro na Alemanha (29/01/1930)		X								X	
16. O Café Brasileiro na Alemanha (12/03/1930)		X									
17. Diálogo dos grandes do Brasil: Paraíso dos Bandidos e Eldorado das epidemias! – eis o que somos para a imprensa européia. (20/02/1930)		X								X	

O Estranhamento: o nascimento do Homem Cordial.

18. As relações entre o Brasil e a Polônia (25/02/1930)				X							X
19. Nacionalismo e monarquismo na Alemanha (28/02/1930)				X	X						
20. Nacionalismo e monarquismo na Alemanha (26/03/1930)				X	X			X			
21. Nacionalismo e monarquismo na Alemanha (02/04/1930)									X		
22. Nacionalismo e monarquismo na Alemanha (12/04/1930)					X				X		
23. A Primeira e a segunda viagem em Zeppelin ao Brasil (18/07/1930)											X
24. Ainda o incidente Gago Coutinho – Hugo Eckener (24/10/1930)											X

O Estranhamento: o nascimento do Homem Cordial.

25. Quinze anos depois (16/11/1930)				X	X				X		
26. Como repercutiram na imprensa alemã os últimos acontecimentos do Brasil (26/11/1930)		X							X	X	X
27. Instintos de sabedoria (23/11/1930)					X				X		

Como podemos observar, através do quadro de análise apresentado, as reportagens enviadas por Sérgio Buarque entre agosto de 1929 a novembro de 1930, possuem temas correlatos e por isso, no presente capítulo, traremos à análise somente as que possuem como tema central: o anti-imperialismo; a necessidade de governos fortes; a crise do café, crítica ao governo brasileiro e a necessidade de mudança; e por fim o problema da sucessão presidencial. Esta nossa escolha justifica-se pelo objetivo que temos de compreender a aproximação entre as formulações doutrinárias apresentadas na obra *Raízes do Brasil* com a prática e posicionamento políticos de Sérgio Buarque entre 1929-30.

Sérgio Buarque de Holanda chegou à Berlim, em julho de 1929, como correspondente de *O Jornal* e do *Diário de São Paulo*. Seu primeiro artigo publicado em 23/08/1929 intitulou-se “*Através da Alemanha*” no qual tratou sobre suas primeiras impressões a respeito “destas terras do norte”, como Sérgio Buarque chamou a Alemanha. Este artigo, de apresentação modesta, apareceu na primeira página do *O Jornal*, ao lado de outras reportagens sobre a política nacional. Naqueles tempos as páginas do *O Jornal* estavam infestadas de notícias sobre a situação da política brasileira e a recém lançada candidatura de Getúlio Vargas a presidente da República.

O título deste artigo deixa transparecer a idéia de que seu autor iria descrever o que viu ao passar por diversas regiões da Alemanha. “ *O título será encarado (...) como enunciado da língua e como uma marca – a marca maior – da articulação do jornal: uma*

*região chave que é o articulado e articulador do jornal, a expressão de sua estrutura”.*¹⁴⁶

No entanto, Sérgio Buarque não iniciou seu artigo relatando as belezas da Alemanha ou mesmo analisando seus aparatos políticos, mas abriu seu texto com um questionamento: “*Como vencer o prestígio de um modo de ser e de pensar que me são naturais? (...) Seria preciso alcançar a virtude admirável do silêncio, tão difícil entre os povos de estilo latino, amigos de criticar e de sorrir*”.¹⁴⁷ Como vemos, neste questionamento e posterior afirmação, Sérgio Buarque tinha um conceito formado de si mesmo, como brasileiro, latino e herdeiro dos modos de vida ibéricos, conforme sua afirmação na primeira página de *Raízes do Brasil* “*É significativa, em primeiro lugar, a circunstância de termos recebido a herança através de uma nação ibérica*”. O jovem jornalista já expunha em seu texto uma das idéias que regeriam sua obra inaugural.

Em relação ao título escolhido “*Através da Alemanha*” podemos ver que o jovem jornalista não se preocupou em percorrer as ruas de Berlim, seu olhar estava voltado para o eixo central da Alemanha: seu povo. Sérgio Buarque discorreu sobre seu modo de vida e de ver as coisas. Neste primeiro artigo, Sérgio Buarque apresentou em seu discurso, espanto e admiração pelas liberdades alemãs, agilidades fabris e contrastes desta Europa pós-guerra. Sua linguagem ainda é excessivamente literária e erudita. Sua admiração pelo literato

¹⁴⁶ MOUILLAUD, Maurice. *O Título e os Títulos*. In: --- PORTO, Sérgio Dayrell (org.). *O Jornal: da informação ao sentido*. 2 ed. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 2002, p 99.

¹⁴⁷ HOLANDA, Sérgio Buarque. *Através da Alemanha*. O Jornal, 23/08/1929.

Thomas Mann apareceu em sua comparação das cores das casas e ruas alemãs à descrição das ruas da velha Veneza em *Morte em Veneza*.¹⁴⁸

Sérgio Buarque de Holanda também passou a publicar textos na revista *Duco*, alemã, sobre as relações comerciais entre o Brasil e a Alemanha. Para esta revista germânica, bilíngüe – disse Sérgio Buarque de Holanda em entrevista a Richard Graham, publicada em *The Hispanic American Historical Review* – “... eu escrevi artigos tentando explicar o Brasil para os alemães. Só quando você está no exterior é que consegue ver o seu próprio país como um todo. Você o encara sob uma perspectiva diferente. E o Brasil não é fácil de se entender, é difícil”.¹⁴⁹ Estes textos vieram a integrar parte de sua obra *Raízes do Brasil*.

No segundo artigo intitulado *Através da Alemanha: entre o americanismo e a tradição*, publicado no dia 15/09/1929, Sérgio Buarque não se prendeu a análises da paisagem alemã, sua crítica centrou-se no processo de americanização da cultura que ocorria na Europa e principalmente na Alemanha e disse: “Em nenhum outro país, porém, se fez sentir com tamanha intensidade o prestígio das **fórmulas** ‘americanistas’, (...)”. Mas, este processo de aculturação dos germanos não era visto com “bons olhos” pelo nosso jornalista que afirmou “... onde quer que o espírito americano se insinuou com êxito, tende a **perder o acento exótico, a adquirir aspectos novos, a adequar-se enfim, por uma diferenciação considerável, ao novo organismo**”. Sérgio Buarque usou a palavra “exótico” ao referir-se a cultura americana no seio da germânica. Neste trecho, Sérgio Buarque alertou os leitores

¹⁴⁸ Obra publicada em 1912, considerada melhor produção literária em língua alemã, *Morte em Veneza* de Thomas Mann retrata a Alemanha e a Veneza, durante uma campanha de desinfetação, do século XIX.

¹⁴⁹ GRAHAM, Richard. *An interview with Sérgio Buarque de Holanda*. In: **The Hispanic American Historical Review**. Nº 62, 1982, p. 03.

para o nascimento de uma nova cultura na Alemanha que estaria enterrando a velha tradição, conforme indica o título deste artigo. A cultura americana perderia o “*acento exótico*” dentro dos modos de vida germânicos se fosse bem implantada, ou seja, deixaria de ser estrangeira para tornar-se germanizada, nascendo assim uma nova cultura germânica, totalmente adaptada ao “novo organismo”.

Desta forma, as velhas tradições puramente germânicas, originalmente alemãs, deixariam de existir. Sérgio Buarque ainda prosseguiu ao citar a arquitetura hamburguesa “... *um novo estilo nacional, é a manifestação de um estado de alma idêntico ao que na América se exprime pelos arranha-céus*”. Diante desta percepção e sem perder de vista a política, Sérgio Buarque afirmou, que mesmo diante de tantas alarmantes mudanças “... *ainda as que devem parecer mais sensacionais e mesmo mais escabrosas, já não chocam tanto os alemães que os levem a esquecer as vicissitudes de sua política e, em particular, as que tocam às relações internacionais do Reich*”.

Como vimos, Sérgio Buarque acabou, neste artigo, entrando em pesada e incisiva crítica política, chamou a atenção para o fato de que os alemães estavam perdendo sua cultura, mas que mesmo diante de tantas transformações no seu modo de vida, não perderam o foco de discussão sobre os problemas político-econômicos enfrentados por seu país.

Sérgio Buarque trouxe a discussão, neste texto, o posicionamento do cidadão alemão diante dos problemas enfrentados por seu país, pois afirmou que nada tirava do alemão a atenção com sua política e governo. Quanto ao Brasil, Sérgio Buarque expressou sua

opinião em *Raízes do Brasil*, fazendo inclusive “novamente”¹⁵⁰ a comparação com o povo germânico em seu capítulo “Trabalho e Aventura”. Mas em relação à consciência política do brasileiro o historiador afirmou no primeiro capítulo “Fronteiras da Europa”:

Pode dizer-se, realmente, que pela importância particular que atribuem ao valor próprio da pessoa humana, à autonomia de cada um dos homens em relação aos semelhantes no tempo e no espaço, devem os espanhóis e portugueses muito de sua originalidade nacional. Para eles, o índice do valor de um homem infere-se, antes de tudo, da extensão em que não precise depender dos demais, em que não necessite de ninguém, em que se baste.¹⁵¹

Nesta afirmação vemos a antítese do cidadão alemão, preocupado com os rumos econômicos e políticos da nação voltava-se para o coletivo ao contrário dos povos de descendência ibérica, que elegeram como valor a autonomia e a individualidade em relação ao coletivo, conforme a imagem do alemão expressa no artigo de Sérgio Buarque. Mas a crítica a este modo individualista do povo brasileiro não ficou nesta afirmação inicial, Sérgio Buarque escreveu:

No trabalho não buscamos senão a própria satisfação, ele tem o seu fim em nós mesmos e não na obra: um *finis operantis*, não um *finis operis*. As atividades profissionais são, aqui, meros acidentes na vida dos indivíduos, ao oposto do que sucede entre outros povos, onde as próprias palavras que indicam semelhantes atividades podem adquirir acento quase religioso.¹⁵²

¹⁵⁰ Uso o “novamente”, pois o texto de Sérgio Buarque fornece subsídios ao leitor para que ele compare a Alemanha e seu povo ao Brasil, mesmo sem fazê-lo diretamente. Isto, porque o autor cita peculiaridades do povo germânico, características culturais diferentes da sociedade brasileira de então.

¹⁵¹ HOLANDA, Sérgio Buarque. *Op. cit.* 1973, p. 04.

¹⁵² Ibid. HOLANDA, Sérgio Buarque. 1973, p. 120.

Desta forma, na visão do autor, o brasileiro ao contrário do alemão não se preocupa em trabalhar pela nação, ao contrário qualquer atividade realizada por ele, visa apenas à satisfação pessoal.

Sérgio Buarque prosseguiu afirmando em *Raízes do Brasil* esta despreocupação, ignorância ou mesmo falta de interesse do brasileiro em relação à política nacional e exemplificou esta afirmação ao analisar os processos revolucionários brasileiros como a Proclamação da Independência e posteriormente da República do Brasil, que segundo ele:

Nossa independência, as conquistas liberais que fizemos durante o decurso de nossa evolução política, vieram quase de surpresa; a grande massa do povo recebeu-as com displicência, ou hostilidade. (...) a realização da idéia republicana. Por ora – dizia o célebre paredro do novo regime – por ora a cor do governo é puramente militar e deverá ser assim. O fato foi deles, deles só, porque a colaboração do elemento civil foi quase nula. O povo assistiu àquilo tudo bestializado, atônito, surpreso, sem conhecer o que significava.¹⁵³

Sérgio Buarque finalizou o artigo *Através da Alemanha*, dizendo “*Em nenhum outro país, talvez, a solução dos problemas capitais depende tanto como neste da energia, da boa vontade e da sabedoria dos governos*”. Nesta frase vemos a importância que Sérgio Buarque deu a “sabedoria dos governos” para a solução dos problemas do país, isto não somente na Alemanha, pois utilizou os termos “talvez” e “tanto” que deram uma idéia de generalização para sua afirmação.

Neste artigo vemos a possibilidade de realização de um paralelo entre a realidade alemã e a brasileira do período, pois tanto um país quanto o outro viviam amedrontados

¹⁵³ Id. HOLANDA, Sérgio Buarque. 1973, p. 114, 120.

pelas vicissitudes, instabilidades e crises de seus governos e políticas. A Alemanha um estado em reconstrução pós-guerra, lutando para adaptar-se a nova República e sua Constituição, enquanto o Brasil entre tantas revoluções, movimentos tenentistas, 18 do Forte, Coluna Prestes e decadência no comércio de seu café, vivia uma crise em suas instituições, economia e governo.

Contra a representação, elaborada pela própria literatura, segundo a qual o texto existe em si, separado de toda a materialidade, é preciso lembrar que não há texto fora do suporte que lhe permite ser lido (ou ouvido) e que não há compreensão de um escrito, qualquer que seja, que não dependa das formas pelas quais atinge o leitor.¹⁵⁴

Assim, não é para fornecer aos leitores do *O Jornal* mera informação que Sérgio Buarque foi enviado à Europa, seu texto oferece a possibilidade de crítica e reflexão às estruturas institucionais brasileiras.

Não obstante, a experiência mostra que ler não significa apenas subordinação ao mecanismo textual. Seja lá o que for, ler é uma prática criativa que inventa significados e conteúdos singulares, não redutíveis às intenções dos autores dos textos ou dos produtores dos livros. Ler é uma resposta, um trabalho, ou, como diz Michel de Certeau, um ato de 'caça em propriedade alheia' (braconnage).¹⁵⁵

Concordando com Roger Chartier, o leitor produz seus próprios significados ao que lê e o texto de Sérgio Buarque, rico em informações, fornece ao leitor a possibilidade de ver-se. Esse artigo, localizado na segunda página do jornal, foi antecedido pela manchete

¹⁵⁴ Chartier, Roger. *O Mundo como Representação*. In: revista **Estudos Avançados**. Nº 11, São Paulo, Universidade de São Paulo, Maio/1991, pp. 182.

¹⁵⁵ CHARTIER, Roger. *Textos, Impressão, Leituras*. In Hunt, Lynh (Org.). **A Nova História Cultural**. São Paulo, Companhia das Letras, 1992, p. 214.

referente *A Sucessão Presidencial*, coluna diária que permaneceu até o final do pleito em 03/03/30. Seria difícil para leitor do *O Jornal*, da época, não refletir sobre a economia e política brasileiras, sobre as capacidades de nosso governante, pois as páginas do jornal estavam repletas de reportagens e comentários referentes a estes assuntos, o que em muito facilitava qualquer comparação entre o Brasil e a Alemanha.

No terceiro artigo intitulado *Através da Alemanha*, veiculado em 08/11/1929, Sérgio Buarque, discutiu sobre os problemas enfrentados pela política alemã. Na introdução o autor comparou a Alemanha de vinte anos atrás com a de sua época.

Há vinte anos a política externa da Alemanha não tinha problemas graves a resolver. Todo o esforço e a inteligência dos seus homens de governo cabiam perfeitamente em duas ou três fórmulas simples e precisas. A economia do país estava plenamente assegurada, a ordem doméstica assentava-se em bases firmes e a superioridade militar no continente garantia-lhes um incontestável prestígio internacional.

Neste trecho da introdução extraímos duas palavras-chave para o argumento sobre a estabilidade da política alemã: “ordem” e “superioridade militar”. Ao lermos este artigo, logo em seu preâmbulo estas palavras nos saltam aos olhos, pois o sucesso da Alemanha foi vinculado, por Sérgio Buarque, a sua ordem interna e superioridade militar. Diante desta afirmação, concluímos que para o autor, um Estado forte somente alcançaria sua estabilidade política se mantivesse a ordem interna, com um exército bem estruturado, convivendo em harmonia com o governo. Isto porque Sérgio Buarque argumentou na primeira frase dizendo: que todo o esforço da inteligência alemã estava depositado em duas

ou três fórmulas simples, ou seja, a ordem e a superioridade militar. No decorrer do texto encontramos outras afirmações que nos confirmam tal conclusão.

Aqui mais uma vez encontramos a aproximação e entrelaçamento em argumentatividade destes artigos de Sérgio Buarque publicados no *O Jornal* e no *Diário de São Paulo* com sua obra inaugural *Raízes do Brasil*. Como já citado no primeiro capítulo desta dissertação, para Sérgio Buarque:

O Estado, entre nós, não precisa e não deve ser despótico – o despotismo condiz mal com a doçura de nosso gênio – mas necessita de pujança e compostura, de grandeza e solicitude, ao mesmo tempo, se quiser adquirir alguma força e também essa respeitabilidade que os nossos pais ibéricos nos ensinaram a considerar a virtude suprema entre todas. Ele ainda pode conquistar por esse meio uma força verdadeiramente assombrosa em todos os departamentos da vida nacional. mas é indispensável que as peças de seu mecanismo funcionem com certa harmonia e garbo. O Império brasileiro realizou isso em grande parte. A auréola que ainda hoje o cinge, apesar de tudo, para os nossos contemporâneos, resulta quase exclusivamente do fato de ter encarnado um pouco esse ideal.

Assim como citado no texto *Através da Alemanha* de 08/11/1929, em *Raízes do Brasil* o ensaísta analisou que a harmonia no funcionamento dos mecanismos do Império brasileiro foi a responsável pelo louvor devido ao antigo sistema de governo de nosso país. Segundo o olhar de Sérgio Buarque, a ordem e a superioridade militar foram na Alemanha as responsáveis por um tempo sem problemas na economia e política externa, um tempo de estabilidade. Em *Raízes do Brasil* foi semelhante à avaliação da crise vivida no Brasil dos anos de 1920-30. Sérgio Buarque afirmou que não era necessário outro governo despótico como o “Império”¹⁵⁶, mas a harmonia entre os mecanismos do Estado era indispensável para

¹⁵⁶ O qual segundo Walter Costa Porto, sob o reinado de D. Pedro II não foi tão despótico e passou “... com a criação do cargo de Presidente do Conselho de Ministros, e até 1889 – conheceu, se não um verdadeiro parlamentarismo, práticas

a estabilidade brasileira, assim como a pujança, uma grande força e robustez, e a solicitude, qualidade de diligência, esmero e vigilância com seus encargos.¹⁵⁷ Dentro do pensamento de Sérgio Buarque, registrado em *Raízes do Brasil*, esta é a receita para um governo de economia e política estáveis.

Sérgio Buarque, então, prosseguiu com sua análise sobre o contexto alemão do pós-Primeira Guerra Mundial e afirmou: *“Esse esforço tem como correlativo e como consequência a luta por uma política internacional independente”*. É sobre o retorno a uma estabilidade comercial e política que Sérgio Buarque estava se referindo. Para ele, a crise alemã e as preocupações de seu governo giram em torno de impedir que seu país venha tornar-se *“... um mero instrumento da política e da economia norte-americana”*. Em relação a esta situação considerou Sérgio Buarque: *“O fato é que nenhum aspecto da vida alemã pode valer tanto, no momento que atravessamos, como essa situação econômica perante os antigos adversários”*. Agora podemos perguntar: Valer para quem? Para quem estes aspectos políticos, econômicos e sociais da vida alemã podem servir como exemplo? Bem a resposta é óbvia, para o Brasil, os brasileiros. Como Sérgio Buarque deixou claro, seu texto pretende discutir as realidades políticas e econômicas brasileiras e não alemãs.

Sérgio Buarque continua sua análise alertando aos leitores: *“Aos mais precavidos e aos mais sábios não escapa a noção de perigo de uma invasão da Alemanha pelo capital norte-americano. Essa possibilidade causa visível desassossego entre os interessados na*

parlamentares. p. 12. Ver a apresentação de VIANNA, Oliveira. *O Caso do Império*. Brasília, Senado Federal, 2004, p. 12.

¹⁵⁷ Ver: Novíssimo Dicionário Escolar, Antenor Nascentes. Editora Ediouro, s/d.

reabilitação do Reich”. A dependência econômica é o grande tema deste artigo, afinal o Brasil também passava por inúmeras crises internas e econômicas e almejava mais do que nunca a reabilitação de sua política. Mas, a independência econômica do país, para Sérgio Buarque, era fundamental para que isto acontecesse. Na conclusão do artigo afirmou: “*Tive ocasião de declarar em outra correspondência que os esforços para o ressurgimento do país dependerão sobretudo dos seus governos. Deveria acrescentar: e dos seus industriais. A colaboração desses dois elementos tem de ser efetiva e há de enfrentar os problemas mais intrincados*”. Novamente toda a esperança de uma possível reabilitação da política e economia dos países foi depositada sob responsabilidade de seus governos. Além disso, tocou em outro ponto de crise e discussão no Brasil: a industrialização.

Este primeiro trio de reportagens apresenta uma particularidade em relação às demais, pois trazem em seu cerne pontos estruturais do pensamento político de Sérgio Buarque de Holanda. Aqui elencamos os pilares fundamentais que sustentam o conjunto de suas reportagens alemãs: a Ordem e a Força dos governos para a estabilidade do Estado; a independência econômica e cultural e a conscientização política do cidadão frente às realidades de seu país. Para Sérgio Buarque estes são fundamentos importantes para o desenvolvimento de um Estado democrático e estável economicamente. O desenvolvimento desta tese encontra-se na parte final de *Raízes do Brasil*, em que Sérgio Buarque apresentou sua crítica à crise política do Estado brasileiro:

A experiência já tem mostrado largamente como a pura e simples substituição dos detentores do poder público é um remédio aleatório, quando não precedida e até certo ponto determinada por transformações complexas e verdadeiramente estruturais na vida da sociedade. Outro remédio, só aparentemente mais plausível, está em pretender-se compassar os acontecimentos segundo sistemas, leis ou regulamentos de virtude provada,

em acreditar que a letra morta pode influir por si só e de modo enérgico sobre o destino de um povo.¹⁵⁸

Para Sérgio Buarque a solução estava na conscientização do povo de que “... *não são as leis escritas, fabricadas pelos jurisconsultos, as mais legítimas garantias de felicidade para os povos e de estabilidade para as nações*”.¹⁵⁹ Assim, para a superação desta realidade falsamente democrática brasileira seria preciso a liquidação dos “... *fundamentos personalistas e, por menos que pareçam, aristocráticos, onde ainda assenta nossa vida social*”.¹⁶⁰ Este personalismo, escondido atrás da cordialidade do homem brasileiro, segundo Sérgio Buarque, instaurou uma “... *benevolência democrática é comparável nisto a polidez, resulta de um comportamento social que procura orientar-se pelo equilíbrio dos egoísmos*”.¹⁶¹ Para ele, “*Com a simples cordialidade não se criam os bons princípios*”.¹⁶² Um estado forte e justo não pode ser regido por compromissos cordiais e muito menos por vontades caprichosas, personalistas e individuais, que visam apenas o bem individual ou mesmo de um pequeno grupo, antes “*As formas superiores da sociedade devem ser como um contorno congênito a ela e dela inseparável: emergem continuamente das suas necessidades específicas e jamais das escolhas caprichosas*”.¹⁶³

Estas mesmas idéias também aparecem nas reportagens referentes ao Estado Polonês e seu governante. Nestas reportagens, sendo seis intituladas “*Um País que Ressurge*”,

¹⁵⁸ HOLANDA, Sérgio Buarque. *Op. cit.* 1973, p. 133.

¹⁵⁹ Id. HOLANDA, Sérgio Buarque. 1973, p. 133.

¹⁶⁰ Ibid. HOLANDA, Sérgio Buarque. 1973, p. 135.

¹⁶¹ Ibid. HOLANDA, Sérgio Buarque. 1973, p. 139.

¹⁶² Supracitado, HOLANDA, Sérgio Buarque. 1973, p. 140.

¹⁶³ Ibid. HOLANDA, Sérgio Buarque. 1973, p. 142.

Sérgio Buarque analisou o perfil do governo Polonês e de seu líder o Primeiro Marechal Pilsudski. Segundo o jovem jornalista, apesar do caráter ditatorial do governo de Joseph Pilsudski, suas preocupações estavam voltadas para a preparação da nação para a boa implantação da democracia. Em relação ao Primeiro Marechal escreveu Sérgio Buarque:

Se é certo que o ditador até agora não pôde afeiçoar aos métodos de brandura, que **não são necessariamente inerentes e indispensáveis ao regime democrático**, é porque sabe ser o homem do momento e o momento exige muito mais energia e decisão do que temporizações e compromissos. Sua linguagem é às vezes áspera e seus gestos extremados, mas revelam sempre uma vontade irredutível de corrigir e de melhorar, nunca de destruir.¹⁶⁴

Conforme a citação acima, o Primeiro Marechal da Polônia, apesar de governar com braço forte, na opinião de Sérgio Buarque não estava ignorando as necessidades emergentes do povo e muito menos suprimindo as possibilidades de desenvolvimento da democracia no país, apenas agia como o momento exigia, visando o bem geral da nação. Em outra reportagem de mesmo título, publicada em 01/01/1930, Sérgio Buarque explicou seu posicionamento:

É preciso ter em conta tudo isso quando se pretenda julgar da situação política em que se encontra este país. E seria uma imperdoável leviandade procurar desmerecer o esforço que vem realizando o seu povo para salvaguardar o seu prestígio e para garantir um lugar digno no concerto das nações, como se diz nos banquetes oficiais.

¹⁶⁴ HOLANDA, Sérgio Buarque. *Um País que ressurge*. O Jornal, RJ, 16/11/1929, p. 01.

Como bem expresso na ultima parte de *Raízes do Brasil*, para Sérgio Buarque os governos existem para servir a nação dentro de suas necessidades¹⁶⁵, o governo polonês, segundo ele, investia no país dentro desta visão. Desta forma, a Polônia, assim como o Brasil, um país essencialmente agrícola, agora voltava seus esforços na industrialização, como relatou Sérgio Buarque em matéria de 02/02/1930, intitulada “*Um país que ressurge*”:

Não faltam outros ramos de indústria, cujo relevo assume proporções cada vez mais consideráveis no conjunto da produção nacional. é indispensável mencionar a indústria siderúrgica, de que já falei em correspondência anterior e que representa uma das bases consideráveis da economia do país. O que já disse pode dar uma idéia, pálida embora, da grandiosidade da Exposição em Poznan. Os que a visitaram não podem calar a impressão da vitalidade, de energia e de disciplina que preside a esse ressurgimento da nação polonesa. Nesse ponto, e, sobretudo pela significação histórica, ela supera qualquer dos outros certames no gênero, como por exemplo, a Exposição de Barcelona. E promete-nos que, para o futuro, a Polônia saberá constituir um povo livre e progressista, fiel às suas mais admiráveis tradições.

Sérgio Buarque, como vemos na citação anterior, discutiu em suas reportagens temas que atingiam o cerne da crise política e econômica no Brasil, o que em muito podia fornecer aos leitores informações que os levassem a refletir sobre as realidades brasileiras.

Entretanto, Sérgio Buarque não se satisfaz em fornecer comparações e informações subentendidas, em outras reportagens produziu crítica incisiva e direta à política nacional. Algo importante que precisamos levar em conta é a conexão entre as reportagens de Sérgio Buarque e o posicionamento do *O Jornal* em relação ao momento eleitoral.

¹⁶⁵ Conforme, HOLANDA, Sérgio Buarque. *Op. cit.* 1973, p. 142.

O problema da crise do café se agravava mais e por isso este assunto pareceu com frequência no jornal durante estes meses, como é o exemplo da reportagem “*Meios e medidas de emergência para a debelação da crise do Café*” de autoria de Carl Hellwig de 28/02/1930 publicada no *O Jornal* que afirmava: “ *A questão neste caso, é saber-se qual o adiantamento a obter, por saca de café, visto que os bancos nacionais emprestam até somente 60\$ contos de réis, depois de ter chegado, em tempos normais, a 60\$000 (...)* ”. Aqui vemos a denúncia da baixa no preço da saca de café. A baixa no preço do café, neste artigo, foi atribuída a má administração do governo, este posicionamento reafirmava a necessidade de mudança.

Algo importante para nossa análise é considerar que Chateaubriand era homem de relações políticas intensas e não enviou Sérgio Buarque de Holanda à Alemanha para encontrar furos de reportagens, mas para atender a certas expectativas importantes para os rumos do país. Sérgio Buarque era radical em seus princípios e não produziria tais reportagens apenas por ser empregado do jornal, mas por compartilhar de algumas opiniões de Chateaubriand sobre a política nacional. Um dos indícios disso é a campanha encabeçada por Chateaubriand em protesto ao decreto de banição da família real do Brasil, o qual foi apoiado por Sérgio Buarque com um artigo intitulado: “*Viva o Imperador*”, publicado na revista *A Cigarra*, em 1920¹⁶⁶.

Neste, Buarque de Holanda criticou o decreto-lei que mantinha, na Constituição Brasileira, o banimento da família imperial e conseqüente permanência dos restos mortais

¹⁶⁶ Documento em anexo.

de D. Pedro II e sua esposa, fora do país. Como nacionalista Sérgio Buarque parecia discordar dos rumos que o país vinha tomando. O que fica claro após analisarmos estes dois artigos, referidos acima.

Para compreender melhor o conteúdo das reportagens de Sérgio Buarque, assim como, analisar seu alinhamento e posicionamento político, frente o período eleitoral, ao lado do *O Jornal*, precisamos olhar mais atentamente para o conteúdo veiculado por este durante o período de agosto de 1929 a novembro de 1930, o que passaremos a fazer agora.

2.3. Sérgio Buarque e o Jornal

Coincidentemente, Sérgio Buarque de Holanda foi enviado à Alemanha no mesmo mês em que o *O Jornal* declarou seu posicionamento pela campanha getulista. Qual seria a intenção de Assis Chateaubriand em enviar um correspondente ao exterior exatamente neste momento? Isto é o que demonstraremos na análise apresentada agora.

Assis Chateaubriand entre os anos de 1924 a 1930 adquiriu cinco jornais e duas revistas, todos colocados a serviço da campanha aliancista. A compra do Diário de Notícias do Rio Grande do Sul, o Diário da Noite do Rio de Janeiro e o Estado de Minas de Minas Gerais foram comprados durante a campanha eleitoral com o auxílio, inclusive financeiro, da Aliança Liberal.

Mas todos sabiam que não bastava ter nas mãos uma rede de jornais para que a campanha estivesse ganha, era preciso ainda muito trabalho. Para tanto, Chateaubriand cercou-se de pessoas compromissadas com a campanha que compartilhassem dos mesmos ideais políticos para a nação, como é o caso do nosso Sérgio Buarque de Holanda.

O prestígio de que Chateaubriand desfrutava junto ao alto comando aliancista não era apenas um reconhecimento aos serviços prestados por seus jornais e por Cruzeiro à causa da Aliança Liberal. Ele era efetivamente considerado um dos membros do primeiro e mais fechado círculo de conspiração (...).¹⁶⁷

Tudo isso nos deixa mais do que confirmado o posicionamento ideológico do jornal. Após a definição da chapa Getúlio Vargas-João Pessoa o jornal lançou-se em forte campanha para a construção da imagem de seus candidatos e críticas vorazes ao governo de Washington Luís e seu candidato Júlio Prestes. A primeira ação que vemos na maioria das reportagens entre os primeiros meses de campanha é a construção da imagem daqueles que apoiavam a Aliança Liberal, sendo assim, não faltou elogios e enaltecimentos aos feitos de Oswaldo Aranha, João Neves da Fontoura, Antônio Carlos e José Bonifácio, um exemplo é o que nos mostra a coluna *A Sucessão Presidencial* de 07 de agosto de 1929 intitulada “ *A figura inconfundível de Oswaldo Aranha no cenário brasileiro*”, onde exaltava o caráter patriótico do representante da Aliança Liberal.

Ele (Oswaldo Aranha) que se bateu com heroísmo na pacificação dos pampas, que derramou o seu sangue em defesa da Pátria e das instituições, e que traz, ainda, nas cicatrizes que lhe enchem o corpo forte, o símbolo da coragem e da bravura dos seus conterrâneos, tem demonstrado as qualidades que se exigem aos homens de ação realizadora.

¹⁶⁷ MORAIS, Fernando. *Op. cit.* 1994, p. 204.

Nesta citação vemos que não é somente a Oswaldo Aranha que o jornal está exaltando, mas sim ao próprio candidato a presidência Getúlio Vargas, quando afirmou “... *que derramou o seu sangue em defesa da Pátria (...)da coragem e da bravura dos seus **conterrâneos** (...)*” e depois “*tem demonstrado as qualidades que se exigem aos **homens de ação realizadora***”, traçava na verdade as qualidades do futuro presidente e não de Oswaldo Aranha. Este é o caráter do jornal em toda a campanha eleitoral, a partir de assuntos mais variados procurou sempre fazer alusão às qualidades e propostas do líder Gaúcho Getúlio Vargas.

O quadro a seguir nos mostra o posicionamento do jornal e os principais temas tratados em suas colunas fixas e volantes entre os meses de agosto a novembro de 1929¹⁶⁸, meses os quais consideramos decisivos para a construção da imagem da candidatura getulista:

¹⁶⁸ A análise do conteúdo do *O Jornal* foi realizada por amostragem. Seleccionamos colunas fixas da capa e dentro do jornal de dois em dois dias, almejando perceber a continuidade dos conteúdos divulgados, e também algumas matérias volantes que estivessem em destaque. Também optamos por analisar somente os meses em que Sérgio Buarque tivesse reportagens publicadas do jornal, por isso ficou fora de nossa coleta os meses de outubro e dezembro de 1929, nos quais nenhum artigo enviado da Alemanha foi publicado.

UNIDADES DE INFORMAÇÃO
COLHIDAS POR AMOSTRAGEM
NO O JORNAL EM COLUNAS FIXAS E VOLANTES
NOS MESES DE AGO - SET e NOV/ 1929

Colunas	Apoio à Vargas	Voto secreto	Anti-imperialismo	Crítica à Política do café	Princípios da A. L. e elogios a sua posição	Críticas à W. Luís pela indicação de J. P.	Liberdade/democracia e religião	Atividades de W. L..	Revolução por Vargas	Criticas exílio e anistia	Perseguição de W. L. aos Estados	Corrupção do governo de W. L. e ditadura	SP X RS
Vitrine	2												
Sucessão presidencial	4			3	5	2				3	1		
Debates parlamentares						2							
Hamilton Barata						1			1				
Por um observador parlamentar						1			1				
Inquérito d' O Jornal						1							
Barreto Leite Filho	3				1								
Semana parlamentar	1					1				4			
Vida Literária de Tristão Athayde							1						

O Estranhamento: o nascimento do Homem Cordial

Assis Chateaubriand		1					1						2	
Celestino Silveira				1										
Boletim internacional							1							
S. B. de H.		1	4			1	2							
Wenceslau Escobar						1								
Não assinadas	1	1		1	5			1	2	1				1
Totais	11	3	5	5	11	10	5	1	4	8	1		2	1

Revolução, como demonstrado no quadro analítico, foi um dos temas abordados desde agosto de 1929 é o que nos exemplifica o artigo intitulado “*Si quiserdes a Paz, dar-vos-emos a Paz; si preferirdes a Guerra, dar-vos-emos a Guerra*” publicado no dia 08 de agosto de 1929. Neste artigo Hamilton Barata declarou:

O que cometéis sr. Washington Luís, é um crime contra o regimen e um desafio aos brios de quarenta milhões de brasileiros! Não admitimos que um só homem decida auto-craticamente por todos nós, que somos milhões e milhões! Isto é uma democracia e vamos escrever uma das mais dramáticas páginas da história do planeta para provar que isto é uma democracia, que aqui no Brasil quem manda é a humanidade e não a Besta! Lançamos as candidaturas Getúlio Vargas-João Pessoa como uma reação contra as candidaturas do Catette, para que o Catette não suponha que pode usurpar impunemente poderes que são privativos da soberania de um povo consciente e livre. Nossos candidatos vencerão de longe os preferidos da autocracia, nas urnas de 1º de março. Os srs. Getúlio Vargas e João Pessoa serão eleitos. Para isso somos um povo soberano.

Pouco a pouco o jornal foi apresentando e preparando a idéia de uma possível revolução para garantir a posse dos candidatos da Aliança Liberal, esta era uma das idéias defendidas dentro da ala extremista da Aliança, encabeçada por Oswaldo Aranha e Assis Chateaubriand. Por isso entendemos que sem a atuação do *O Jornal* como formador de opinião a Revolução de 1930 não teria alcançado o sucesso e repercussão internacional como de fato teve.

O voto secreto, inexistente naquele momento, também foi abordado constantemente. Assis Chateaubriand no artigo publicado em 20/08/1929 intitulado *O escravo de Minas* relatou: “*Minas fazia o voto secreto: Minas se empenhava em apresentar eleições livres*”.

No dia 21 de agosto, de 1929, podemos ver novamente outro artigo intitulado *A moralidade do voto* também de Chateaubriand que denunciou:

Vamos dizer-los em duas palavras. Em São Paulo, como em quase todos os estados do Brasil, o voto só nominalmente pode ser considerado secreto. Secreto na sua concepção e na sua natureza, ele se faz escandalosamente público a hora da votação, afim de tornar possível a fiscalização dos rebanhos eleitorais.

A anistia tão esperada por todos foi outro tema muito abordado, em 8/08/1929 a coluna assinada por *um observador parlamentar* relatou que Flores da Cunha havia entregado o projeto de anistia na câmara e que seu parecer era favorável, também afirmou que “*A bancada gaúcha, em recente reunião no hotel Riachuelo manifestou-se unanimemente neste sentido*”. Apontar as posições da Aliança frente aos problemas que o país passava e principalmente as fraquezas do governo de Washington Luís era a tática mais declarada do *O Jornal*. Como nos mostra a reportagem assinada por Wenceslau Escobar de 23/08/1929, *O Jornal*, pg 04: “*A Extensão da responsabilidade do presidente da República, pela Indébita Ingerência em atos da executiva competência da Nação, e de tal magnitude, que desconcerta o juízo pelas incertezas do futuro, sobressalta os ânimos mais resolutos e refletidos pelos perigos da unidade nacional*”.

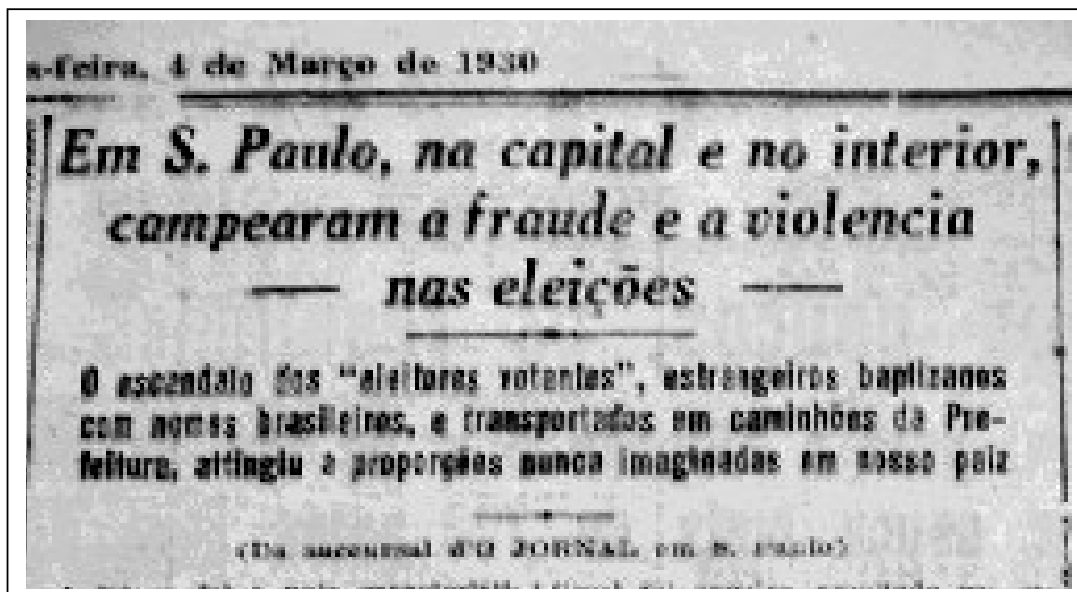
Artur Bernardes considerado o maior inimigo de Assis Chateaubriand terminou recebendo elogios no jornal por apoiar Getulio Vargas, como é o caso da coluna *A Sucessão Presidencial*, de 01/09/1929, pg 01, na qual é apontado como vitorioso em um debate com o representante situacionista do Mato Grosso.

O posicionamento do *O Jornal* prosseguiu e entrou nos anos 30, no entanto, sua estratégia mudou. Como vimos no quadro analítico, entre agosto a setembro de 1929, em torno de 60% das reportagens e artigos publicados pelo jornal eram de apoio a Getúlio Vargas e a sua proposta de governo, a crítica à política do café apareceu mais modestamente e o problema dos exilados foi mais atacado, em torno de 30% das reportagens falavam sobre a necessidade de se anistiar os exilados. Este posicionamento mudou com a proximidade das eleições em março, assim os meses de janeiro e fevereiro apresentaram outro tema central, o problema do café. É neste cenário conturbado de eleições que o jovem Sérgio Buarque de Holanda se destacou como figura importante no trajeto de legitimação da campanha getulista.

Desta forma, percebemos que a linha editorial do jornal permaneceu voltada à problemática eleitoral até a deflagração da Revolução em fins de 1930. As reportagens publicadas entre os primeiros dias do mês de março apontaram unanimemente para a denúncia de fraude eleitoral. Em muitas das matérias o jornal indicava a vitória de Getúlio Vargas e João Pessoa, conforme artigo de 08/03/1930, da capa pg. 01, intitulado “*A Aliança Liberal está, em suma, vitoriosa*”, no qual João Neves da Fontoura afirmou: “*Quando um candidato de oposição alcança aquela soma verdadeiramente formidável de votos, o seu triunfo é indiscutível e nem a inundação de possíveis atas falsas ainda não conhecidas conseguirá arrebatá-lo o direito de governar o povo brasileiro, que o escolheu e o deseja*”.

No decorrer dos dias a denúncia de fraude no pleito foi intensificada, como podemos ver na matéria de 04/03/1930, pg 02, logo abaixo. Quando saiu o resultado final com Júlio Prestes vitorioso os ânimos se alteraram estourando no final do ano a Revolução de 1930.

Figura n°2:

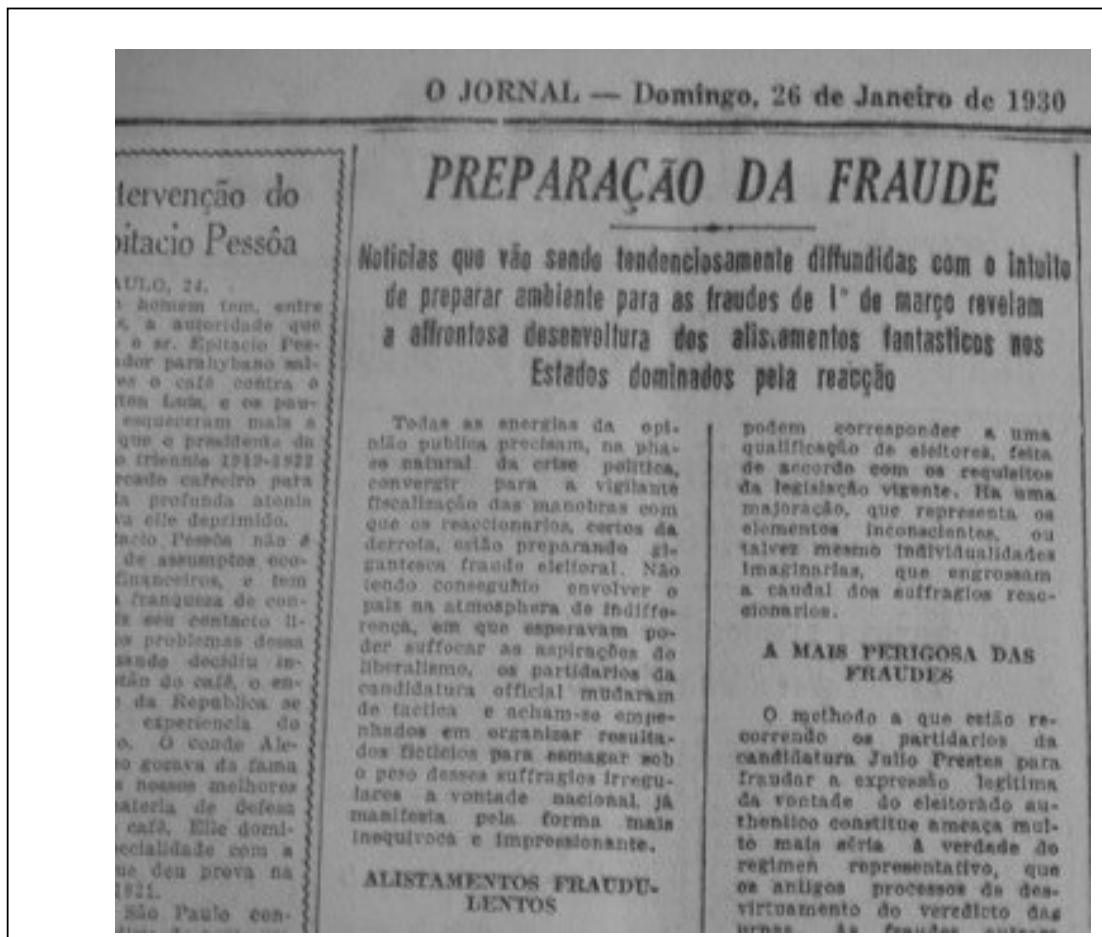


Arquivo Museu de Comunicação Hipólito José da Costa
Fonte extraída de *O Jornal* 04/03/1930, pg 02.

Em 06/03/1930, pg 02, entre outras matérias de mesmo teor, encontramos a denúncia em artigo intitulado “*Gravíssimas irregularidades no pleito presidencial em S. Paulo*”. Neste o jornal afirmou: “*No distrito de Osasco o eleitorado é de 3.095 eleitores, e resultado da eleição, conforme o P. R. P, foi o seguinte: Júlio Prestes, 6072 votos; Getúlio Vargas, 9!*”. Claro que precisamos considerar que a denúncia de fraude eleitoral não foi surpresa para leitores de *O Jornal*, que meses antes do desfecho do pleito já alertava para a

possibilidade deste evento, como podemos ver em matéria de 26/01/1930, pg 02, intitulada “Preparação da Fraude”.

Figura nº3:



Arquivo do Museu de Comunicação Hipólito José da Costa

Fonte: O Jornal – 26/01/1930, pg 02

Durante os meses de agosto a novembro de 1929, Sérgio Buarque publicou oito reportagens falando sobre suas experiências no exterior e principalmente das condições

democráticas da Alemanha e Polônia¹⁶⁹, um problema presente para o Brasil após quase oito anos de governo sobre Estado de Sítio. Destas oito reportagens quatro falavam sobre a ameaça do imperialismo americano à soberania nacional. Consideramos assim que 50% dessas reportagens são anti-imperialistas. Até comunistas, como o presidente da Internacional Socialista, foram entrevistados. Este falou sobre a oposição a dominação alemã e a necessidade de um Estado forte para combater tal mal, conforme, vemos com o exemplo da reportagem de 23/11/1929 intitulada “*Comunismo e Atualidade Européia: a luta contra as potências imperialistas e a União dos Soviets*”, publicada no *O Jornal*. Nesta entrevista com o chefe revolucionário da Índia, Sérgio Buarque argumentou sobre a participação popular no governo.

As reportagens, conforme analisamos, de Sérgio Buarque seguiam a linha argumentativa do jornal. Desta forma, observamos que entre janeiro e março foi à política do café o tema focalizado pelo jornal e as reportagens de Sérgio Buarque seguiram a mesma tendência. A democracia e a participação popular apareceram em segundo plano, como é o exemplo da reportagem de Sérgio Buarque intitulada *Nacionalismo e Monarquismo na Alemanha* de 26/03/1930, na qual relatou que na Alemanha “*o povo elege representantes ao parlamento; homens de sua confiança são escolhidos para ministros, constituindo o governo do Reich*”. Um país forte com a participação popular, esta era a Alemanha de

¹⁶⁹ A grande ligação do governo de Washington Luís com os Estados Unidos, devido à bolsa de valores e importantes compradores, desagradava uma grande ala da política nacional, desta forma vemos como as reportagens de Sérgio Buarque foram direcionadas para apontar os problemas da soberania nacional.

Sérgio Buarque de Holanda. Um país que se reconstruía com rapidez apesar da constante intervenção americana.

Analisaremos agora duas matérias publicadas entre janeiro e fevereiro em que Sérgio Buarque abordou o problema da Sucessão Presidencial no Brasil

Nas vésperas das eleições em 1930, Sérgio Buarque enviou a redação do *O Jornal* e do *Diário de São Paulo*: “*Paraíso dos bandidos e Eldourado das epidemias*”, publicado no *Diário de São Paulo* em 19/02/1930 e no *O Jornal* o mesmo texto recebeu outro título “*Diálogo das grandezas do Brasil: Paraíso dos Bandidos e Eldourado das Epidemias! – eis o que somos para a imprensa européia*”, publicado em 20/02/1930. A outra reportagem que selecionamos foi publicada no *O Jornal*, Rio de Janeiro em 26/01/1930 com o título “*O café brasileiro na Alemanha: A impopularidade da política de valorização vista através da imprensa alemã*”. Em 30/01/1930 o mesmo artigo aparece com o mesmo título, no *Diário de São Paulo* e ao seu lado uma grande coluna do PRP, Partido Republicano Paulista. Escolhemos aqui as reportagens que aparecem em dois jornais diferentes para demonstrar que os jornais pertencentes a Chateaubriand seguiam todos a mesma linha argumentativa.

Em “*Diálogo das grandezas do Brasil: Paraíso dos bandidos e Eldourado das epidemias*”, publicada em 20/02/1930 no *O Jornal*, Sérgio Buarque de Holanda apresentou a imagem que o exterior possuía do Brasil e de sua política de valorização do café. Em primeiro momento parece ser uma crítica ao governo de Washington Luís e o é, mas esta se estende ao seu possível sucessor, Júlio Prestes. Sérgio Buarque, não se deteve apenas em falar da imagem do café brasileiro, considerado, segundo ele, pelos alemães o “pior café do

mundo”, foi além e tocou no problema do analfabetismo e da miséria brasileira. “*O total de analfabetos é enorme e atinge ao interior daqueles Estados cerca de 100 % da população. Centenas de milhares de famílias vivem apenas com 100 marcos durante todo um ano*”. A crítica aos candidatos a presidência é forte, e sabemos que não foi desinteressada. Sérgio Buarque relatou:

E assim sucederá ainda tudo à vice-presidência com o Sr. Júlio Prestes, o governador da Bahia, Dr. Vital Soares, é, justamente, um dos que, por intermédio de sua polícia, tem o dever de cooperar na extinção do bando de Lampeão. Todavia, como esse salteador é afilhado do padre Cícero, a polícia da Bahia já teve ordem de não perseguir os cangaceiros do seu grupo e o mesmo sucede com as dos outros Estados do nordeste, salvo a Paraíba, que na pessoa de seu governador, reclama a vice-presidência pela Aliança Liberal.

Como podemos ver, o artigo apresentou os candidatos apoiados pelo governo federal à presidência ao lado do banditismo, enquanto João Pessoa, então governador¹⁷⁰ da Paraíba e candidato a vice-presidência do país ao lado de Getúlio Vargas, para presidência, foi citado como homem honesto contrário às práticas de proteção ao bando de Lampeão. Prestes foi atacado com sutileza, pois Sérgio Buarque argumentou que estava apenas retratando o que a imprensa alemã escreveu, e disse: “*Depois de se referir ao apoio prestado pelo Padre Cícero à candidatura Júlio Prestes para a presidência da República, o articulista menciona as ligações existentes entre o “rei do sertão” e o bandido Lampeão*”.¹⁷¹

¹⁷⁰ Este cargo no período tratado era intitulado de presidente do estado, estamos chamando de governador para evitar confusões.

¹⁷¹ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Paraíso dos bandidos e el dourado de epidemias: eis o que é o Brasil para a imprensa européia*. Artigo publicado no **Diário de São Paulo** em 19 de fevereiro de 1930. Fonte encontrada na coleção de jornais do Museu de comunicação Hipólito José da Costa, Porto Alegre.

Sem citar propriamente o nome de Vargas o texto aparece como tendencioso. Sua mensagem é implícita, e não pode ser enunciada em si, ela revela apenas uma superfície esquemática de sentidos, ou seja, há outros sentidos subjacentes aos próprios enunciados. O texto jornalístico de Sérgio Buarque só se explica e tem sentido, ao leitor de hoje, associado ao seu contexto de produção, pois é rico em heterogeneidade discursiva.¹⁷²

Toda esta crítica ao governo e seus candidatos parece estar anulada diante da coluna do PRP, Partido Republicano Paulista favorável a Júlio Prestes. A coluna do PRP era impressa na mesma página das principais reportagens de Sérgio Buarque, publicadas durante sua estada na Alemanha, no *Diário de São Paulo* e não aparece no *O Jornal*. Algo contraditório ao conteúdo dos artigos de Sérgio Buarque de Holanda. “... os leitores ficavam intrigados com uma coluna que surgiu no jornal intitulada ‘O ponto de vista do PRP’. Não fazia sentido para ninguém encontrar, em um diário escandalosamente getulista, uma coluna sempre aberta ao Partido Republicano Paulista, que todos já sabiam que iria enfrentar o gaúcho nas eleições do ano seguinte”.¹⁷³ Os textos da coluna se comparados aos conteúdos das reportagens de Sérgio Buarque explicam de certa forma esta postura. A publicação da coluna agradava os cafeicultores paulistas de quem Chateaubriand precisava apoio e ao mesmo tempo os textos de Sérgio Buarque traziam informações com caráter esclarecedor e contrário às argumentações da coluna do PRP. Com um discurso de

¹⁷² Conceito de análise do discurso em MAINGUENAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. 2 ed. Campinas, SP, Pontes Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1989. Nesta obra, Mainguenu apresenta o discurso como algo heterogêneo composto pela linguagem escrita e o interdiscurso que é as idéias insinuadas no texto pelo autor.

¹⁷³ MORAIS, Fernando. *Op. cit.* 1994, p. 194.

investigação, como: “ *O Kasseler Tageblatt de 8 de janeiro, também publica...*”¹⁷⁴, ou seja, eram os estrangeiros que afirmavam e não o jornal brasileiro, como uma forma de endosso da postura adotada pelo jornalista e assim Sérgio Buarque se isentava de possíveis retaliações. Desta forma, as informações da coluna ficam com jeito de ‘achismo’ e propaganda eleitoral simplesmente.

A reportagem “*O café Brasileiro na Alemanha*”, publicada em 26/01/1930 no *O Jornal* e em 30/01/1930 no Diário de São Paulo, no qual aparece a coluna do PRP¹⁷⁵, demonstra bem o choque entre o texto de Sérgio Buarque e esta coluna. Neste texto, Sérgio Buarque, apresentou a posição internacional frente à política de valorização do café. O descontentamento estrangeiro com o produto brasileiro e os motivos da crise do café são apresentados por Sérgio Buarque como frutos da má administração de alguns governos. Sérgio Buarque de Holanda disse: “*Os altos preços do café brasileiro – diz aquele periódico – estimularam sobretudo os Estados centro-americanos a aumentarem de modo imprevisto as suas áreas de cultura, de modo que o excelente café da América Central já pode concorrer com o mau café de Santos*”. De acordo com este texto, a crise do café não estava diretamente ligada a quebra da Bolsa de Nova York ou coisa assim, mas era consequência da política protecionista brasileira. Esta, como o texto relatou deu margens para outros países almejarem e se prepararem para concorrer na produção do café. Como um alerta ao setor cafeeicultor um dos títulos internos do artigo é “*O Brasil às vésperas de uma crise econômica*”. A reportagem chamou a atenção à necessidade urgente de mudança, o

¹⁷⁴ HOLANDA, Sérgio Buarque. *Paraíso dos Bandidos e Eldorado das epidemias: eis o que é o Brasil paa a imprensa européia*. São Paulo, Diário de São Paulo, pg.01.

¹⁷⁵ Documento em anexo.

que nos reporta mais uma vez para o contexto das eleições presidenciais, considerando que Júlio Prestes seria continuador do governo de Washington Luís.

Logo abaixo do texto de Sérgio Buarque ficava a coluna do PRP, argumentando que a crise do café brasileiro era conseqüência da crise internacional, ou seja, da Quebra da Bolsa e afirmou: “*Veja-se, entretanto, o que fizeram os aliancistas a propósito da crise do café. Não contentes de imputarem ao presidente de São Paulo a culpa por um fato que teve sua origem nos Estados Unidos, exageraram espantosamente os seus efeitos, sem vantagem para ninguém*”. Esta argumentação vinha de encontro com o posicionamento do governo que em vésperas de eleição tentava amenizar a realidade do café brasileiro, jogando a culpa para os EUA, enquanto que os aliancistas realçavam a crise e culpabilizavam o governo brasileiro. O Instituto de defesa do café foi atacado por não conseguir cumprir suas funções, fato que, utilizavam para reafirmar a necessidade de mudanças.

Conforme procuramos explicitar neste capítulo, os tópicos defendidos pelo *O Jornal* e o *Diário de São Paulo*, pairavam sobre a crise das instituições brasileiras. O principal meio de divulgação das propostas Aliancistas era o Diários e Associados e este espalhou em seus jornais um discurso, como vimos, centrado na denúncia e crítica do mau funcionamento da República Velha. Como nos disse Lúcia Lippi Oliveira “*Os demais tópicos os documentos aliancistas referentes aos problemas que o país enfrentava – ensino, questão social, café, indústria, funcionalismo, finanças, dentre outros (...)*”.¹⁷⁶ Como demonstrado aqui, não se diferiram em conteúdo das reportagens alemãs de Sérgio Buarque,

¹⁷⁶ OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *As idéias fora de tempo*. In: **Simpósio sobre a Revolução de 30**. Porto Alegre, out. 1980. Porto Alegre, ERUS, 1983, p. 429.

consideramos que seria disforme se discordassem do restante do jornal, hipótese que consideramos durante algum tempo. Após esta análise verificamos que na verdade estas matérias jornalísticas de Sérgio Buarque seguiram a base da proposta da Aliança Liberal. Ao evidenciar a “ordem” como fundamental para o desenvolvimento da nação Sérgio Buarque seguiu o discurso da Aliança Liberal que identificava “... a ordem á oposição; a desordem e a anarquia, à ação governamental (...) já que a vigência da soberania popular estaria garantida caso eles, os liberais, chegassem ao poder e pudessem exercer a ‘gestão honesta’ da coisa pública”.¹⁷⁷

Podemos, assim, concluir que da mesma forma que o PRP, Partido Republicano Paulista, teve Cassiano Ricardo ao seu lado, conforme artigo publicado em 1929 no *Correio Paulistano* intitulado “Júlio Prestes e o Brasil Novo” que “... em 1929 defende a candidatura de Júlio Prestes por representar o Brasil Novo, distante do liberalismo econômico”¹⁷⁸, a Aliança Liberal teve Sérgio Buarque de Holanda, que através de seus artigos militou, ao lado de Assis Chateaubriand, pela causa getulista.

Esta constatação de que Sérgio Buarque militou ao Lado da Aliança Liberal para eleger Getúlio Vargas Presidente pode scandalizar alguns. A esposa de Sérgio Buarque Maria Amélia recentemente no documentário Raízes do Brasil relatou que durante sua vida ele sempre foi um “anti-Getúlio”. Uma enorme contradição na vida do intelectual? Ou apenas uma mudança de opinião? Com certeza uma mudança de opinião. No prefácio à

¹⁷⁷ Id. OLIVEIRA, Lúcia Lippi. 1983, p. 429.

¹⁷⁸ Ibid. OLIVEIRA, Lúcia Lippi. 1983, p. 435.

segunda edição de *Raízes do Brasil*, como já citado, Sérgio Buarque explicitou sua mudança de opinião:

Publicado pela primeira vez em 1936, este livro sai consideravelmente modificado na presente versão. Reproduzi-lo em sua forma originária, sem qualquer retoque, seria reeditar opiniões e pensamentos que em muitos pontos deixaram de satisfazer-me. (...) Entretanto, fugi deliberadamente à tentação de examinar, na parte final da obra, alguns problemas específicos sugeridos pelos sucessos deste último decênio. Em particular aqueles que se relacionam com a circunstância da implantação, entre nós, de um regime de ditadura pessoal de inspiração totalitária.¹⁷⁹

E como vemos aqui, em 1947, Sérgio Buarque já não concordava mais com as idéias expostas na parte final de sua obra. Sua mudança de posicionamento deve-se a decepção com a implantação de um Estado ditatorial, o Estado Novo. Nestes capítulos do livro, aos quais o historiador se refere no prefácio, encontramos o cerne principal de suas formulações doutrinárias, sua proposta de mudança para a política nacional.

Segundo Lúcia Lippi Oliveira em “*As idéias fora do tempo*”, os intelectuais se mantiveram fora da discussão no período revolucionário por acreditarem que as mudanças necessárias à nação não poderiam se dar pelo caminho da revolução política. Para ela “*Os intelectuais dos anos 20 viviam sob a égide de um pensamento cientificista, positivista, onde o que acontecia era o que tinha que acontecer, não sendo possível propor uma alteração brusca na ordem natural das coisas*”.¹⁸⁰

Sérgio Buarque não se enquadrou nesta visão ao contrário para ele:

¹⁷⁹ HOLANDA, Sérgio Buarque. *Prefácio da 2ª Edição*. In:--- **Raízes do Brasil**, Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1947.

¹⁸⁰ OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *Op. cit.* 1983, p. 432.

Se o processo revolucionário a que vamos assistindo, e cujas etapas mais importantes foram sugeridas nestas páginas, tem um significado claro, será a dissolução lenta, posto que irrevogável, das sobrevivências arcaicas, que o nosso estatuto de país independente até hoje não conseguiu extirpar. Em palavras mais precisas, somente através de um processo semelhante teremos finalmente revogada a velha ordem colonial e patriarcal (...).¹⁸¹

Sérgio Buarque, como vemos nesta citação, não somente apoiava a mudança por meios revolucionários, como também não se ausentou da militância política e das discussões durante o período revolucionário, pelo contrário suas reportagens alemãs publicadas no *O Jornal* e no *Diário de São Paulo* somente pararam quando o golpe do Governo Provisório que colocou Getúlio Vargas no poder estava deflagrado.

As idéias que geraram *Raízes do Brasil* não foram imutáveis durante o percurso intelectual de Sérgio Buarque de Holanda, pelo contrário, mais maduro mudou e reformulou sua teoria referente às gentes e cultura brasileiras, mas isto é outro trabalho. Aqui também sentimos por não adentrar a produção de Sérgio Buarque após 1936, já durante o Estado Novo¹⁸², devido à impossibilidade do tempo para desenvolvimento deste trabalho. Assim, nos detivemos ao período propriamente que entendemos ser o gestor da obra, ou seja, o período de produção.

Se ainda restassem dúvidas sobre o posicionamento do jovem jornalista ao lado dos aliancistas poderíamos citar sua derradeira reportagem alemã, “*Como repercutiram na*

¹⁸¹ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Op. cit.* 1973, p. 135.

¹⁸² É interessante para nós que entre a publicação de *Raízes do Brasil* até 1941 encontramos raros artigos de Sérgio Buarque de Holanda, um silêncio parece ter pairado sobre o percurso intelectual do escritor. Para nós este ainda é um problema a ser pesquisado.

imprensa alemã os últimos acontecimentos do Brasil”, publicada em 26/11/1930 no *O Jornal*, na qual disse:

A despeito dessas confusões, não faltou quem examinasse as coisas com **melhor** conhecimento de causa. O artigo de fundo publicado pela edição vespertina do *Berliner Tageblatt*, de 25 de outubro, diz coisas **justas**, como o seguinte: ‘Não foi um movimento particularista, apesar das aparências, mas um princípio antiparticularista o que venceu nessa luta’. (...) Em outro ponto diz o mesmo articulista: ‘A maneira pela qual o presidente Luís levou avante o seu programa de colocar em seu lugar novamente um coestaduano, o ora sumido ‘presidente eleito’ Júlio Prestes (as aspas são do Sr. Josef Schwab), foi uma grave lesão na consituição democrática’. Apesar desses julgamentos **justos** há coisas menos acertadas, como a insistência na ‘rivalidade entre Minas e São Paulo’ como causa central da revolução o que constitui positivamente uma espécie de ilusão de ótica.

Como vemos na citação acima, Sérgio Buarque defendeu a Revolução de 1930 ao utilizar as palavras **melhor e justo**. Para ele a opinião de alguns jornais, de que a Revolução foi antiparticularista e voltada para a defesa da democracia nacional, era justa. Se algumas dúvidas pairavam sobre a possibilidade do jovem jornalista ter participado de forma direta no processo revolucionário de 30, agora a partir das palavras deixadas pelo próprio historiador, podemos afirmar com certeza de que seu alinhamento político atuou de forma contundente na gestação até o nascimento de *Raízes do Brasil*.

Desta forma, vemos que “*A palavra carrega a prática social da sociedade, enfeixa os valores de um determinado momento histórico*”.¹⁸³ As reportagens de Sérgio Buarque de Holanda elucidam um momento histórico e nos auxiliam a compreender a crítica, que levou a produção e, que está implícita em *Raízes do Brasil*. Entendemos com estes textos que “*Os sistemas de valores não são construções particulares de um indivíduo; são, antes, o*

¹⁸³ CINTRA, Ana Maria. *Para entender as linguagens documentárias*. 2 ed. São Paulo, Polis, 2002, p. 11.

resultado de todo um contexto sociohistórico que determina as condições de produção do discurso”.¹⁸⁴ Sendo assim, Sérgio Buarque e sua obra são frutos de seu tempo.

No próximo capítulo, trouxemos à cena as raízes dos conceitos criados por Sérgio Buarque, assim como as permanências em sua argumentação de muitas idéias às vezes condenadas por ele mesmo nesta obra. Dividido em dois momentos, perseguimos a trajetória de vida do historiador, ao mesmo tempo em que comparamos seus conceitos e idéias aos trabalhos clássicos, publicados entre as primeiras décadas do século XX.

¹⁸⁴ Id. CINTRA, Ana Maria. 2002, p. 11

III. RAÇA, CULTURA E NACIONALISMOS: A HERANÇA INTELECTUAL DO HOMEM CORDIAL.

“... O Brasil futuro não vai ser o que os velhos historiadores disseram e os de hoje ainda repetem. (...) Por mais que os percevejos, os morcegos e a fauna inteira da mediocridade se agite, o que fica, o de que o futuro toma conhecimento, é o que os gênios querem.”

Monteiro Lobato.

Desde a publicação de *Raízes do Brasil* em 1936 a intelectualidade brasileira tenta explicar seu conteúdo e seu conceito de “Homem Cordial”, que tanto impacto causou e continua a causar nos leitores da obra. Uma breve discussão sobre a produção historiográfica referente a esta obra, fizemos no primeiro capítulo desta dissertação e, como já constatamos anteriormente, as influências intelectuais recebidas por Sérgio Buarque são pontos importantes para a compreensão de *Raízes do Brasil*. Rosemarie Erika Horch em *Bibliografia de Sérgio Buarque de Holanda* disse:

O livro parecia-lhe muito extenso, o que o levou a numerosos cortes. A idéia inicial do ‘homem cordial’ – motivo de futuras polêmicas e incompreensões – fora inspirado no texto de Ribeiro Couto, publicado em Monterey. Oswald de Andrade sintetizou a psicologia do brasileiro como sendo aquele que age sempre pelo coração, e oscila entre o ódio e o amor”.¹⁸⁵

¹⁸⁵ HORCH, Rosemarie Erika. *Bibliografia de Sérgio Buarque de Holanda*. In: **Sérgio Buarque de Holanda: vida e obra**. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura; Arquivo do Estado; Universidade de São Paulo; Instituto de Estudos Brasileiros, 1988, p. 133.

Como vemos na palavra de Rosemarie Horch, várias das influências intelectuais na obra de Sérgio Buarque de Holanda já foram identificadas e analisadas como demonstra a referência a Ribeiro Couto. Neste terceiro capítulo nosso objetivo foi trazer a cena de discussão algumas idéias que marcaram *Raízes do Brasil* e que têm, há muito, sido deixadas de lado, marginais às análises já realizadas da obra de Sérgio Buarque de Holanda. Assim, analisamos, de forma comparativa, alguns textos, que de certa forma inspiraram, instigaram e influenciaram a construção de *Raízes do Brasil* e os princípios da trajetória intelectual de Sérgio Buarque de Holanda.

Para empreender esta tarefa optamos perseguir cronologicamente a vida do historiador, desde sua infância até a idade adulta, sacando de sua trajetória momentos que consideramos importantes, como a publicação de obras de referência da História do Brasil e do próprio Sérgio Buarque.

3.1. A Herança Intelectual: primeira fase

Sérgio Buarque de Holanda nasceu em 1902 na cidade de São Paulo, apenas treze anos após a Proclamação da República em meio à virada do século. Aqueles primeiros anos da jovem República receberam inúmeras publicações voltadas à discussão da raça brasileira, belezas naturais, cultura e sentimento nacional como as obras de Afonso Celso “*Por que me ufano de meu país*”, publicada em 1900 e “*Festas e tradições populares do Brasil*” de Alexandre José Mello Moraes Filho, publicada completa em 1901. Estes foram anos de

construção da imagem nacional brasileira. O Estado nacional, desde a Proclamação da Independência, procurou construir uma imagem de nação forte e unificada, através da história e dos feitos de heróis brasileiros, na tentativa de despertar os sentimentos de nacionalismo e patriotismo no povo.

... coube então aos intelectuais e políticos, desta primeira geração nacionalista, combinarem o realismo e o idealismo para traçarem o rumo que o nacionalismo deveria seguir, estabelecendo seus padrões e indicando suas direções. Suas tarefas estavam em formular uma ideologia para o nacionalismo, criar uma nova mentalidade cultural, histórica, sociológica, política e antropológica da realidade brasileira.¹⁸⁶

Nacionalismo foi sentimento instigado pelos governos e estudado por filósofos da política, antropólogos, sociólogos e historiadores. Para Lucien Febvre o orgulho de um passado majestoso, desperta no povo os sentimentos de patriotismo e nacionalismo. Um povo patriótico é fiel a sua nação, fortalecendo a hegemonia do Estado.¹⁸⁷

Como podemos observar esta era uma grande preocupação para a intelectualidade Brasileira, pois o Brasil era um país formado por diversas etnias, principalmente após a grande onda de imigração que acabou gerando “quistos” étnicos, no interior do país, o que impedia uma uniformidade identitária.

¹⁸⁶ TORRES, Andréa Sanhudo. *Imprensa: política e cidadania*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 1999, p. 17.

¹⁸⁷ Ao analisar a representatividade deste tema em vários estudos nos defrontamos com o historiador Lucien Febvre que durante sua carreira dedicou-se ao estudo dos sentimentos de Honra e Pátria. Segundo Brigitte Mazon, Febvre identificou estes sentimentos como fontes para compreensão do sentimento nacional francês. Para ele, o sentimento de honra e de pátria estão ligados a moral, servindo de motor para a atividade do homem. Febvre ligou os sentimentos de honra e pátria à fidelidade do povo à nação. Afirmou que nação como termo está tomada de consciência coletiva de um passado tradicional, assim como são dependentes do mesmo os conceitos de honra e pátria. Ver FEBVRE, Lucien. *Honra e Pátria*. Rio de Janeiro. Ed. Civilização Brasileira, 1988.

Diante desta realidade Afonso Celso, voltou-se para o trabalho de construção da nossa identidade. Em *Porque me Ufano de meu país* Afonso Celso procurou aguçar e despertar o sentimento nacionalista e descreveu a pátria com orgulho, elogiou o povo, exaltou a natureza e algumas figuras como D. Pedro II e a princesa Isabel¹⁸⁸. Esta obra, segundo Dante Moreira Leite¹⁸⁹, agiu diretamente nesta construção da identidade nacional. *Porque me Ufano de meu país* foi indicada e utilizada nas séries iniciais do ensino fundamental, desde a quarta série primária, como leitura obrigatória, com o intuito de formar a identidade nacional desde a infância, através do orgulho pela pátria Brasil. Dante Moreira Leite criticou esta obra por seu conteúdo não estar de acordo com a realidade do período. Ele acusa Afonso Celso de enaltecer exacerbadamente as riquezas nacionais.

¹⁸⁸ Sérgio Buarque de Holanda em junho de 1920 publicou na Revista A Cigarra o artigo, já referenciado, intitulado “Viva o Imperador”, no qual não somente manifestou seu repúdio ao Decreto de banimento da família Real, como também fez uma apologia ao Imperador morto. Escreveu Sérgio Buarque sobre D. Pedro II: “De mãos dadas a liberdade, pompeava, no Império, o progresso, e o prêmio que pelo seu devotamento á pátria merecia D. Pedro II, não tardou recebesse, e foi a estima dos brasileiros, sincera e única. (...) Um homem de tantas virtudes e que tanto fez pelo seu país bem merecia dos brasileiros um parêntesis nas paixões políticas e uma justa homenagem, cuja a realização já vai tardando. Não se justifica mais a permanência em terra estranha dos restos mortais aquele que em vida foi a encarnação perfeita da bondade e da justiça. É uma covardia infanda, a de temerem que os despojos de D. Pedro II como os de sua augusta esposa possam abalar algo, a nossa atual forma de governo. esquecem-se os ingratos de que foi sob sua augusta sobra, protegidos por sua clemência incomparável, que os propagandistas da república pregaram e implantaram o atual regime. (...) Se o entusiasmo de minhas dezessete primaveras ainda não poluídas pelo vírus das paixões políticas, pudessem projetar ondas de luz e eloquência sobre estas palavras, eu ousaria pedir a s. excia. Que estendesse a sua magnanimidade fazendo revogar o decreto, já sem razão de ser, do banimento á família imperial”. Como vemos nesta citação, Sérgio Buarque compartilhava com Afonso Celso da mesma admiração pela pessoa e realizações do Imperador D. Pedro II, mesmo sem ter vivido nos anos de monarquia. Sérgio Buarque foi uma republicanista, mas sua grande crítica ao sistema, em *Raízes do Brasil*, foi à subnutrida participação popular nas decisões políticas da nação. Para Sérgio Buarque o Estado deveria emergir da decisão do povo e governar dentro das necessidades da nação e não dirigidos por vontades personalistas e egoístas. Ver HOLANDA, Sérgio Buarque. *Nossa Revolução*. In: --- **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio editora, 1973, pp. 126-142.

¹⁸⁹ Ver LEITE, Dante Moreira. *O Caráter nacional brasileiro: História de uma ideologia*. 4 ed. São Paulo, Pioneira Editora, 1983.

A publicação de *Porque me ufano de Meu País*, se deu por ocasião do IV centenário do descobrimento do Brasil. Esta obra foi produzida em um período de intensa crise da sociedade brasileira, mas, com incrível sucesso, teve em 1944 sua 12ª edição publicada.¹⁹⁰

... quando escreve *Porque me ufano de meu país*, Afonso Celso tem diante de si a crise dos pilares em que se assentava a estrutura da sociedade brasileira, isto é, a grande propriedade territorial e a escravatura, crise que abalou a monarquia e conduziu a república, estimulou o início da urbanização e a imigração. Mas tem também diante de si a crise que perpassa a chamada República Velha e que aparece sob a forma de lutas internas às camadas dominantes – monarquistas lusófilos e jacobinos lusófilos, liberais e conservadores, liberais e positivistas, civilistas e militaristas, agraristas-exportadores (que designavam a si mesmos como ‘as forças vivas da nação’ e eram designados pelos inimigos como ‘classe parasita lucrativa’) e industrialistas-especuladores (que Rui Barbosa convoca para a construção de uma democracia do trabalho industrial, laboriosa e robusta), cafeicultores do Vale do Paraíba (reagindo furiosamente às conseqüências econômicas da Abolição em 1888) e do oeste paulista (investindo na imigração), defensores da centralização do poder e federalistas (federalistas sendo aqueles que defendiam a autonomia dos estados para fazer empréstimo no estrangeiro e que maior parcela da tributação permanecesse no próprio estado, sem ser transferida para a União).¹⁹¹

Neste momento de crise o governo investiu na formação da imagem nacional, através da história. O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro¹⁹², tinha sua tradição historiográfica influenciada pela escola alemã. Seu trabalho foi em torno do ‘espírito do povo’, determinado pela raça e pela língua, como um ‘princípio de nacionalidade’, definida pelo território e pela demografia, com uma visão determinista, “... *Tradição cuja sùmula é, exatamente, o livro de Afonso Celso, que foi presidente do Instituto*”.¹⁹³

¹⁹⁰ Em 1997 João de Scatimburgo, que ocupava a cadeira de Afonso Celso na Academia Brasileira de letras, solicitou sua reimpressão. Lastimava por esta obra ter caído no esquecimento, sendo para ele de muita utilidade para as novas gerações como um “breviário de patriotismo”.

¹⁹¹ CHAÚÍ, Marilena. *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000, p.48.

¹⁹² O Instituto tinha a tarefa de construir a imagem brasileira e oferecer um passado glorioso com um futuro promissor, legitimando o poder do estado. Como Instituto geográfico tinha o dever de reconhecer a geografia do país e engrandecer a natureza brasileira, definindo suas fronteiras. Como Instituto Histórico tinha a responsabilidade de imortalizar os grandes homens e seus feitos memoráveis.

¹⁹³ CHAÚÍ, Marilena. *Op. cit.* 2000, p.50.

Afonso Celso iniciou esta obra declarando que seu principal ensinamento seria o patriotismo e apresentaria vários motivos para a superioridade brasileira, divididos entre natureza, povo e história. O autor discutiu a superioridade brasileira, desde seu vasto território, suas riquezas minerais, belezas naturais, até seu povo, uma mistura de três raças que unidas formaram uma nova nação. Para Afonso Celso o Brasil preenchia os requisitos positivistas da nacionalidade, concretizando-se como nação de direito e de fato. Ele fala do clima, da fauna, da organização social do trabalho, “*Em resumo, o brasileiro pode confiar na Natureza, pois ela não o trai, não surpreende nem o amedronta, não o maltrata nem o aflige. ‘Dá-lhe tudo quanto pode dar, mostrando-se-lhe sempre magnânima, meiga, amiga, maternal’*”.¹⁹⁴ Para o Visconde Afonso Celso o Brasil era superior em tudo. O mito da fusão das três raças foi criado para responder a uma exigência positivista de que uma nação tinha que ser formada por um aglomerado humano com unidade racial. Afonso Celso sustentou sua tese de superioridade, alegando que o Brasil não tinha do que se envergonhar, nunca sofreu derrotas em batalhas e guerras, não teve fatos extraordinários, mas também não teve os vergonhosos. Nesta obra não mencionou nem uma vez a situação da escravidão no Brasil e a Canudos¹⁹⁵, mas, celebrou feitos dos portugueses, jesuítas e outros.

Todavia, ainda que Afonso Celso se inspire nos modelos antigos, o ufanismo despertado pelas missões jesuítas, pelas entradas e bandeiras e pelos militares não se explica simplesmente como um recurso literário. Ele corresponde à exigência do ‘princípio da nacionalidade’, que define a nação não somente por seu território presente, mas por sua capacidade de expansão, conquista e unificação de territórios novos. Mais uma vez, portanto, o livro assegura que o Brasil é uma nação.¹⁹⁶

¹⁹⁴ Ibid. CHAUI, Marilena. 2000, p.52.

¹⁹⁵ Conforme LEITE, Dante Moreira. 1983.

¹⁹⁶ CHAUI, Marilena. *Op. cit.* 2000, p.54.

Esta obra foi resposta às necessidades políticas deste período, mas sua mensagem nunca deixou de ser utilizada no discurso de intelectuais e políticos e durante décadas ficou presente no ensino de história.

O ufanismo representado por Afonso Celso – juntando às qualidades da terra os valores das três raças originárias – operava assim a paz dos espíritos prometendo dias melhores no futuro, já que a natureza dava fundamento a tais esperanças. O ufanismo em suas formas de ver e interpretar a nação deitou raízes na cultura brasileira e se fez presente em inúmeras construções simbólicas que pretenderam marcar a identidade nacional.¹⁹⁷

Após esta breve análise de *Por que me Ufano de meu país*, poderíamos nos perguntar: mas o que ela tem haver com *Raízes do Brasil*, a obra inaugural de Sérgio Buarque de Holanda? Sérgio Buarque cresceu imerso nesta atmosfera nacionalista. A raça e a cultura brasileira eram os principais alvos de discussão entre intelectuais e os temas centrais das inúmeras obras literárias publicadas nestas primeiras décadas do século XX, como já mencionamos. Segundo Francisco de Assis Barbosa, o jovem Sérgio Buarque desde cedo se enclausurava nas bibliotecas e assim teve acesso aos clássicos da história do Brasil. Desta forma, compreendemos que *Raízes do Brasil* é resultado de toda esta discussão sobre raça, nacionalismo e cultura, entre os anos de 1900-1930, herdeira do romantismo e do cientificismo do século XIX. É contra estas teorias científicas que a obra de Sérgio Buarque ora se contrapõe, ora se associou.

¹⁹⁷ OLIVEIRA, Lucia Lippi. *A Questão Nacional na República*. In:---LORENZO, Helena C. de. **A Década de 1920 e as Origens do Brasil Moderno**. São Paulo: Editora da UNESP, 1998, p. 187-188.

Em *Por que me Ufano de meu país* Afonso Celso estabeleceu onze motivos da superioridade brasileira. No capítulo vinte dois, intitulado “*Sétimo motivo da superioridade do Brasil: nobres predicados do caráter nacional*”, o autor apresentou algumas características psicológicas do caráter do brasileiro e afirmou:

1º Sentimento de independência, levado até a indisciplina. 2º **Hospitalidade**. No interior, raro se encontram hospedarias. Quem chega é acolhido, com affabilidade e **lhaneza**, na primeira casa que bata. (...) 5º Doçura, longanimidade, desinteresse.(...) Acessibilidade que degenera, ás vezes, em imitação do estrangeiro.¹⁹⁸

A obra *Raízes do Brasil*, publicada em 1936, mais de trinta anos depois de *Porque me Ufano de meu país*, tornou-se famosa por apresentar o conceito de *Homem Cordial*, conforme já referido. No capítulo intitulado conforme o conceito, Sérgio Buarque disse: “*A lhaneza no trato, a hospitalidade, a generosidade, virtudes tão gabadas por estrangeiros que nos visitam, representam, com efeito, um traço definido do caráter brasileiro...*”.¹⁹⁹ Claro que neste trecho, Sérgio Buarque não partiu do mesmo pressuposto de Afonso Celso, pois este queria ressaltar a superioridade brasileira, enquanto o autor de *Raízes* teceu severa crítica ao sistema “cordial” das relações brasileiras.

Sérgio Buarque, neste trecho, produziu na verdade incisiva crítica a tradição ufanista, afirmou que em nada estas “boas maneiras” tem haver com civilidade “*São antes de tudo expressões legítimas de um fundo emotivo extremamente rico e transbordante*”.²⁰⁰ Assim,

¹⁹⁸ CELSO, Afonso. *Porque me Ufano de meu país*. 7 ed. Rio de Janeiro, Livraria Garnier, s/d, 85-86.

¹⁹⁹ HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. 7 ed. Rio de Janeiro. Livraria José Olympio editora, 1973, p.106.

²⁰⁰ Id. HOLANDA, Sérgio Buarque de. 1973, p.106.

Sérgio Buarque partiu das características tradicionalmente aceitas de homem brasileiro para afirmar que estas eram uma espécie de imitação da polidez, mas que estavam longe disso. Em seu discurso, Sérgio Buarque se contrapôs as idéias de **lhaneza, hospitalidade e doçura**. Contra a idéia de doçura do caracter brasileiro, Sérgio Buarque apresentou seu conceito de “Homem Cordial”. Este termo, sabemos, não foi escolhido aleatoriamente, mas por seu significado mais profundo, do latim cordial – *cor – cordis* – coração, que significa relativo ao coração, afetuoso. Esta característica de afetuosidade que poderia ser associada a doçura, não foi apresentada por Sérgio Buarque como uma qualidade, mas como um defeito, a causa principal dos problemas na nação. Para ele as relações cordiais são inaptas ao sistema político democrático, pois são personalistas e convertem-se em “... *benevolência democrática (...) comparável nisto à polidez...*” o que resulta em um comportamento social orientado pelo “*equilíbrio dos egoísmos*”.²⁰¹ Segundo Sérgio Buarque a palavra “cordial” em sua obra:

...há de ser tomada, neste caso, em seu sentido exato e estritamente etimológico,(...) à cordialidade assim entendida o ‘capital sentimento’ dos brasileiros, que será a bondade e até mesmo certa ‘técnica da bondade’, ‘uma bondade mais envolvente, mais política, mais assimiladora’. (...) Cumpre ainda acrescentar que essa cordialidade, estranha, por um lado, a todo formalismo e convencionalismo social, abrange, por outro, apenas e abrigatoriamente, sentimentos positivos e de concórdia. A inimizade bem pode ser tão cordial como a amizade, nisto que uma e outra nascem do coração, procedem, assim, da esfera do íntimo, do familiar, do privado.(...) Somos notoriamente avessos às atividades morosas e monótonas, desde a criação estética até as artes servis, em que o sujeito se submeta deliberadamente a um mundo distinto dele: a personalidade individual dificilmente suporta ser comandada por um sistema exigente e disciplinador.²⁰²

²⁰¹ Id. HOLANDA, Sérgio Buarque de. 1973, p.106.

²⁰² Nota de rodapé nº 157, em que Sérgio Buarque criticou o artigo de Cassiano Ricardo sobre o conceito de Homem Cordial de Raízes do Brasil. Ver HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. ed. 7. Rio de Janeiro. Livraria José Olympio Editora, 1973, p. 106.

A crítica de Sérgio Buarque à postura individualista do brasileiro atinge neste ponto as artes e seu veio central: a disciplina para a criação. O historiador afirmou que esta falta de dedicação e disciplina brasileira nos impediu de criar uma arte puramente nossa, ao contrário nos alimentamos de “... doutrinas dos mais variados matizes”.²⁰³

Fazemos agora um avanço cronológico, na citação acima vemos que Sérgio Buarque se aproximou de Oliveira Vianna em sua obra *Pequenos estudos de psicologia social*, publicada em 1921. Anos mais tarde encontraríamos severas críticas de Sérgio Buarque a Oliveira Vianna por sua obra *Instituições Políticas Brasileiras*, publicada nos anos de 1940. Mas nos deteremos agora nas idéias de 20 e 30.

Oliveira Vianna neste seu pequeno livro, de 1921, sobre o caráter brasileiro afirmou: “...um grande cidadão, com valor e os deveres de uma figura representativa, somente se dirige ao país, quando ambiciona para si um posto qualquer no governo”.²⁰⁴ Quanto a isso, Sérgio Buarque, em 1936, disse: *No trabalho não buscamos senão a própria satisfação, ele tem o seu fim em nós mesmos e não na obra...*”, citando Burmeister também afirmou: “ninguém aqui procura seguir o curso natural da carreira iniciada, mas cada qual almeja alcançar aos saltos os altos postos e cargos rendosos...”.²⁰⁵ Nestes trechos citados, vemos que ambos os teóricos referem-se ao personalismo de nossa política, que acabou por gerar, nas palavras de Sérgio Buarque, uma plutocracia, ou seja, um governo dos ricos.

²⁰³ Id. HOLANDA, Sérgio Buarque de. 1973, p. 113.

²⁰⁴ VIANNA, Oliveira. *Pequenos estudos de psicologia social*. São Paulo, Edição Revista do Brasil, 1921, p.57.

²⁰⁵ HOLANDA, Sérgio Buarque. *Op. cit.* 1979, p.114-115.

Retornamos então a primeira década do século XX. Em 1901, o Brasil recebeu outra marcante publicação: *Festas e tradições populares do Brasil* de Alexandre José Mello Moraes Filho. Neste mesmo ano, Cristóvão Buarque de Holanda, pai de Sérgio Buarque de Holanda casou-se com dona Heloísa Gonçalves Moreira. Ele era pernambucano e havia migrado a São Paulo para trabalhar no Serviço Sanitário do Estado, pois desde o final do século XIX a cidade passava por uma grande campanha de sanitização.

Alexandre José Mello Moraes Filho, era médico e escritor, viveu entre 1843 a 1919 e produziu uma obra de retrato das diversas culturas populares brasileiras, *Festas e tradições*, autor posteriormente citado em *Raízes do Brasil*²⁰⁶. Apesar de retratar somente as festas populares nas capitais, e criticado por isso pelo crítico Silvio Romero, em sua obra tentou “...criar uma íntima ligação entre as diferentes manifestações culturais populares e a exaltação de ‘nossa nacionalidade’, entendida não através do indígena idealizado, mas fundamentalmente pela mistura de brancos e negros”.²⁰⁷ Crítico das concepções científicas preconceituosas em relação ao africano, negro ou mestiço, Moraes Filho reelaborou o mito das três raças, a partir da concepção de Brasil formado pela união do branco, negro e do resultado desta mistura, o mulato. Moraes Filho analisou as festas populares inseridas na cultura de cada região. Estas festas possuíam características de seus formadores, ou seja, o europeu e o africano, sendo excluído dessa influência o indígena. Nesta formulação, o autor propôs a unificação nacional em termos étnicos e culturais do povo brasileiro, através das festividades culturais típicas de cada região, que para ele

²⁰⁶ Este autor está citado na página 49 de *Raízes do Brasil*.

²⁰⁷ ABREU, Martha. *Mello Moraes Filho: Festas, tradições populares e identidade nacional*. In: **A História Contada**. RJ. Nova Fronteira, 1996, p. 173.

possuíam uma certa “identidade comum”. Apesar dos exageros, segundo Martha Abreu, Moraes Filho não estava equivocado em constituir uma idéia de tradição nacional e aproximação entre os diversos costumes festivos nacionais.

É claro que a posição de Moraes Filho naquela época não era dominante. Pelo contrário, existiam outros caminhos de relacionamento com as festas populares. Ao longo do século XIX são inúmeros os exemplos de autoridades municipais e religiosas que procuravam cerceá-las, tentando inviabilizar, para o futuro, qualquer possibilidade de um dia as danças e tradições populares virem a ser os símbolos da nacionalidade.²⁰⁸

A primeira publicação desta obra foi em 1888, no entanto, ela recebe nova publicação com pequenas alterações em 1901, o que demonstra a grande preocupação do país, governo e intelectuais, neste período, com a construção de uma imagem coesa do Brasil como nação e do despertar de uma consciência nacional.

Mello Moraes Filho apresentou seu objetivo de produção da obra *Festas e Tradições populares do Brasil*, na introdução do capítulo intitulado *Casamento na Roça*. Afirmou ele:

É na intimidade desse povo inculto, na convivência direta com essa gente que conserva os seus usos adequados, que melhor se pode estudar a nossa índole, o nosso caráter nacional, deturpado nos grandes centros por uma pretendida extemporânea civilização que tudo nos leva, desde as noites sem lágrimas até os dias sem combate.²⁰⁹

Nesta citação vemos o propósito de Moraes Filho, que estudou os costumes “nativos”, as festas populares como expressão de nossa cultura, para ele através deste estudo

²⁰⁸ Ibid. ABREU, Martha. 1996, p. 186. grifo nosso.

²⁰⁹ MORAES FILHO, Mello. *Festas e Tradições Populares do Brasil*. Brasília, Senado Federal, Conselho Editorial, 2002, p. 21. grifo nosso.

poderíamos conhecer melhor o caráter do brasileiro, nossa identidade. Apresentou também severa crítica aos que afirmavam sermos herdeiros da cultura alheia e disse: “*E nem se diga que somos um povo que não tem passado e nem tradições; que não tivemos costumes próprios como qualquer outro...*”.²¹⁰ O autor pretendia através desta obra demonstrar a originalidade da cultura brasileira, se contrapondo desta forma àqueles que afirmavam não termos cultura própria. Na frase “... *o nosso caráter nacional, deturpado nos grandes centros por uma pretendida e extemporânea civilização que tudo nos leva...*” Moraes Filho se refere ao cerceamento das manifestações populares por parte do Governo e muitas vezes da própria Igreja, que lutavam para manter nesta antiga colônia portuguesa as feições de suas instituições trazidas por nossos colonizadores.

Em contrapartida Sérgio Buarque, ao dialogar com a tradição histórica sobre o mito das três raças, contrapõe em *Raízes do Brasil*:

Nem o contato e a mistura com raças indígenas ou **adventícias** fizeram-nos tão diferentes dos nossos avós além-mar como às vezes gostaríamos de sê-lo. No caso brasileiro, a verdade, por menos sedutora que possa parecer a alguns dos nossos **patriotas**, é que ainda nos associa à Península Ibérica, a Portugal especialmente, uma tradição longa e viva, bastante viva para nutrir, até hoje, uma alma comum, a despeito de tudo quanto separa. Podemos dizer que de lá nos veio a forma atual de nossa cultura; o resto matéria que se sujeitou mal ou bem a essa forma.²¹¹

Quem são esses patriotas que não aceitavam o fato de termos em nosso modo de vida as marcas, segundo Sérgio Buarque, da cultura Ibérica? Sim, podemos afirmar que um deles

²¹⁰ Id. MORAES FILHO, Mello. 2002, p. 21.

²¹¹ HOLANDA, Sérgio Buarque. *Op. cit.* 1973, p. 11. grifo nosso.

é Mello Moraes Filho, é com esta produção historiográfica que Sérgio Buarque estava dialogando em *Raízes do Brasil*. Enquanto Moraes Filho procurou apresentar em *Festas e Tradições* uma cultura puramente brasileira fruto da miscigenação, Sérgio Buarque se contrapôs em *Raízes* dizendo: “*Nem o contato e a mistura com raças indígenas e adventícias fizeram-nos tão diferentes dos nossos avós além-mar como às vezes gostaríamos de sê-lo*”. Em fim, para o autor de *Raízes* somos miscigenados sim, mas vivemos debruçados sobre uma tradição que não nos pertence, que foi adaptada a estes “Trópicos”.

No final de 1902 o Brasil recebeu outra obra que marcou a historiografia nacional, *Os Sertões* de Euclides da Cunha. Esta foi a primeira obra “... em nossa história intelectual, que versa um fato contemporâneo com vigor interpretativo da ciência, procurando referi-lo às condições que o produziram”.²¹² Nascido em 1866, Euclides da Cunha era filho de uma geração herdeira das teorias deterministas, assim, “*Inspirado no determinismo mais rígido, em moda ao seu tempo, Euclides procura mostrar que os sertanejos de Canudos não eram culpados como criminosos, mas que foram produto inevitável de um conjunto de fatores geográficos, raciais e históricos*”.²¹³ Esta obra abriu uma nova fase nos estudos brasileiros, como nos diz Alfredo Bosi, pois apresenta uma descrição minuciosa da terra, do homem e da luta, desvendando assim, o contraste cultural que marca o Brasil, além de trazer em seu interior uma discussão sobre tempo, o que foi uma inovação para a época.²¹⁴

²¹² CÂNDIDO, Antônio & CASTELLO, José Aderaldo. *Presença da Literatura Brasileira: II Romantismo, Realismo, Parnasianismo, Simbolismo*. 7 ed. Rio de Janeiro, DIFEL, 1978, p. 260.

²¹³ Id. CÂNDIDO, Antônio & CASTELLO, José Aderaldo. 1978, p. 260

²¹⁴ Conforme, BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 3 ed. São Paulo, Editora Cultrix, 1983, p. 348.

Euclides da Cunha no prefácio desta obra apresentou o cerne de sua preocupação, a identidade nacional, e suas palavras preliminares nos reportarão anos mais tarde à *Raízes do Brasil* de Sérgio Buarque de Holanda. Apesar de estas obras partirem de pressupostos diferentes, pois, Euclides da Cunha como já falado é determinista e Sérgio Buarque de Holanda vê o problema da nacionalidade a partir da cultura, ambos iniciam suas obras com afirmações semelhantes: Euclides da Cunha disse: “... **filhos do mesmo solo, porque, etnologicamente indefinidos, sem tradições nacionais uniformes, vivendo parasitariamente à beira do Atlântico dos princípios civilizadores elaborados na Europa, e armados pela indústria alemã – tivemos na ação um papel singular de mercenários inconscientes**”.²¹⁵ Nesta frase de Euclides da Cunha podemos ver três pontos importantes que nos reportam a Sérgio Buarque de Holanda: primeiro “*filhos do mesmo solo*”, admitindo a nacionalidade brasileira, “*sem tradições nacionais uniformes*”, mas considerando a ausência de cultura própria, afirmou que “*vivendo parasitariamente à beira do Atlântico dos princípios civilizadores elaborados na Europa*”, vivemos de forma acomodada como usurpadores da cultura européia. Anos mais tarde Sérgio Buarque de Holanda disse na primeira página no capítulo I de *Raízes do Brasil*: “*Trazendo de países distantes nossas formas de convívio, nossas instituições, nossas idéias, e timbrando em manter tudo isso em ambiente muitas vezes desfavorável e hostil, somos ainda hoje uns desterrados em nossa terra*”.²¹⁶ Nesta afirmação podemos observar idéia semelhante a de Eulides da Cunha, quando Sérgio Buarque diz termos trazido de fora nossas tradições, ou seja, não temos própria cultura, somos assim parasitas da cultura alheia, vivendo como “*desterrados em nossa terra*”. Com

²¹⁵ CUNHA, Euclides. *Os Sertões*. São Paulo, Nova Cultural, 2003, p. 09.

²¹⁶ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Op. cit.* 1973, p. 03.

objetivos diferentes ambos os autores partem para a produção de suas obras a partir do mesmo pressuposto, o povo brasileiro precisa descobrir-se.

Esta pequena análise nos mostra como o caráter nacional era um problema para a intelectualidade, que não se extinguiu após a Primeira Guerra Mundial, pelo contrário é esta crise de identidade que instigou o surgimento de um movimento de vanguarda, os modernos, que chegaram a propor uma devoração da cultura européia, ou seja, uma redefinição da nossa cultura.²¹⁷

Identificado com as vanguardas, que se sucedem na voragem do tempo, durante o instante efêmero da novidades e descobertas, o Modernismo, ainda compreendido como movimento internacional, mergulha raízes na insatisfação geral perante o estado do mundo que as ciências descortinavam em meados do século XIX.²¹⁸

Estes foram tempos de fortes discussões sobre, raça, cultura e nacionalidade, inúmeras obras históricas e literárias surgiram nos primeiros anos da República Velha, com o intento de resolver o problema nacional: A Identidade. “*Os intelectuais, é claro, tinham sua maneira de explicar o que estavam tentando fazer*”.²¹⁹

Alberto Torres nesse ínterim de acontecimentos publicou em 1914 duas obras que não tardiamente tornaram-se clássicos do pensamento político brasileiro: “*O Problema Nacional brasileiro e A Organização Nacional*”. Torres foi jornalista na mocidade, Deputado

²¹⁷ Conforme, CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária*. 8 ed. São Paulo, T. A. Queiroz, 2000.

²¹⁸ MOISÉS, Massaud, *História da Literatura: Modernismo (1922 – Atualidade)*. Vol. III, 5 ed. São Paulo, 2001, p. 12.

²¹⁹ COSTA, Emília Viotti da. *Da Monarquia à República: momentos decisivos*. São Paulo, Livraria Editora Ciências Humanas LTDA, 1979.

Estadual e Federal, Ministro da Justiça, Ministro do Supremo Tribunal Federal e Presidente do Estado do Rio de Janeiro. Ainda ocupando este último cargo citado escreveu e publicou as duas obras referenciadas acima. Por sua participação contínua em jornais, foi elaborando o corpo de sua doutrina e fez, assim, suas idéias chegarem a todos. Destas reportagens publicadas na imprensa extraiu parte do material para seus livros. Os dois livros que aqui citamos apresentam como centro a mesma problemática, “a desorganização das instituições brasileiras”. A preocupação central de Alberto Torres é apresentar um plano para organizar a nação. Semelhantemente, Sergio Buarque em *Raízes do Brasil* apresentou a desorganização nacional como um problema para o progresso brasileiro. Alberto Torres escreveu em *O Problema Nacional Brasileiro*:

As causas apontadas nestes trabalho explicam inteiramente a nossa desorganização: o descobrimento e o povoamento por uma nação de qualidades fortes por natureza, mas fraquíssima pela estreiteza de seu território (...) O nosso problema vital é o problema da nossa organização; e a primeira coragem de que nos cumpre dar provas, é a de longa, máscula e paciente tenacidade, necessária para empreender e sustentar, com vigor e inteligência, o esforço múltiplo e vagaroso da construção de nossa sociedade. (...) O Estado é, no Brasil, um fator de dissolução. **Este regime deve ser substituído por outro**, capaz de levar a termo o encargo da geração presente para com o futuro do Brasil.²²⁰

Sendo assim, para Alberto Torres era preciso organizar a nação para o bem do progresso brasileiro. Quanto a isso, escreveu Sérgio Buarque em *Raízes do Brasil*:

Essa concepção espelha-se fielmente em uma palavra bem hispânica – ‘sobranceira’ – palavra que inicialmente a idéia de superação. Mas a luta e emulação que ela implica eram tacitamente admitidas e admiradas, (...) É dela que resulta largamente a singular tibieza das formas de organização, de todas as associações que impliquem solidariedade e ordenação entre esses povos. (...) A falta de coesão em nossa vida social não representa, assim, um

²²⁰ TORRES, Alberto. *O Problema Nacional*. 4 ed. São Paulo. Ed. Nacional; Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1982, p. 22-23. grifo nosso.

fenômeno moderno. E é por isso que erram profundamente aqueles que imaginam na volta à tradição, a certa tradição, a única defesa possível contra nossa desordem.²²¹

É sobre a colonização Ibérica que Sérgio Buarque, assim como Alberto Torres, depositou a responsabilidade pela desorganização de nossa sociedade e acrescentou: “A sociedade foi mal formada nesta terra, desde as suas raízes”.²²² Ao citar *O Problema Nacional brasileiro*²²³, Sérgio Buarque concordou que é necessária a implantação da ordem no Brasil como forma de extinguir as políticas personalistas. Sérgio Buarque prosseguiu em sua crítica e, concordando com Torres, afirmou “...a pura e simples substituição dos detentores do poder público é um remédio aleatório...”. Assim, conforme negrito da citação de Torres, Sérgio Buarque acreditava que era preciso à substituição completa daquela ordem vigente.

Em meio a estas discussões o jovem Sérgio Buarque de Holanda, deve ter lido como a maioria das crianças de sua época a obra de Afonso Celso, como tantas outras. De acordo com Arlinda Nogueira, desde a infância Sérgio Buarque apresentou o gosto pela leitura, e muito cedo produziu sua primeira composição na área da música, uma valsa: **Vitória Régia**²²⁴.

Segundo Antônio Cândido ‘desde muito moço aproveitou ao máximo as leituras e acumulou um saber que espantava amigos. Sobretudo porque a sua curiosidade era dirigida

²²¹ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Op. cit.* 1973, p. 4-5.

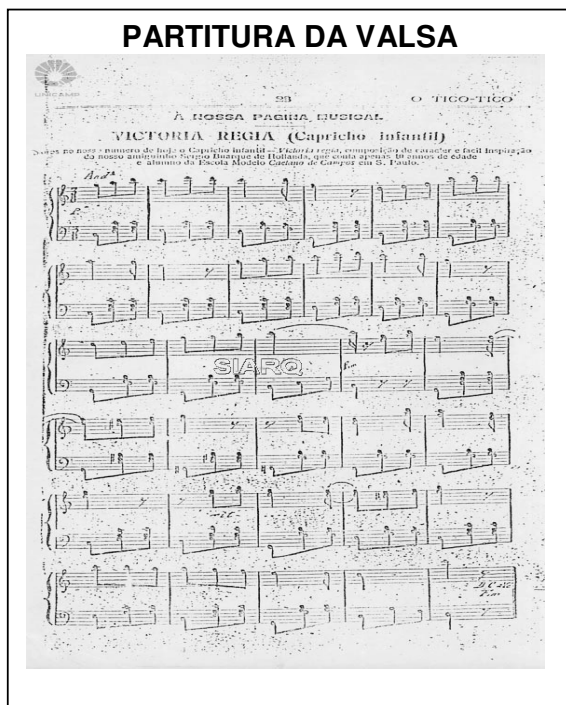
²²² Ibid. HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes* 1973, p. 135.

²²³ Esta obra está citada nas páginas 132 e 133 da 7ª edição de *Raízes do Brasil*.

²²⁴ Sérgio Buarque de Holanda escreveu esta valsa aos nove anos de idade. Ela foi Publicada na revista Tico-Tico em 1913. Ver: NOGUEIRA, Arlinda Rocha. Sérgio Buarque de Holanda, O homem. In: **Sérgio Buarque de Holanda: Vida e obra**. São Paulo, Secretaria de Estado da Cultura: Arquivo do Estado: Universidade de São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1988, p. 19.

igualmente ao passado e ao presente, à inovação e à **tradição**, com dom contraditório de se apaixonar tanto pela minúcia quanto pelo conjunto.²²⁵

Figura n°1 :



Fonte extraída dos arquivos do projeto SIARQ: Unicamp

Sérgio Buarque de Holanda cresceu em um país que lutava para adequar-se às novas bases. Poucos anos após a proclamação da República a mentalidade monarquista formadora da sociedade brasileira não havia se extinguido. Sérgio Buarque Holanda foi de uma geração que, mesmo presa em muito pelo tradicionalismo, ansiava pela transformação. As guerras do século XIX e principalmente a Primeira Grande Guerra (1914-1919) abalaram consubstancialmente as estruturas políticas, econômicas e sociais do mundo. Segundo Eric

²²⁵ NOGUEIRA, Arlinda Rocha. *Sérgio Buarque de Holanda, O homem*. In: **Sérgio Buarque de Holanda: Vida e obra**. São Paulo, Secretaria de Estado da Cultura: Arquivo do Estado: Universidade de São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1988, p. 19.

Hobsbawm, todas as áreas de pensamento foram atingidas com o novo século que surgia após o findar da guerra.²²⁶ A Literatura, segundo Pedro Calmon, vinha sofrendo renovações desde meados do século XIX com o fim da guerra franco-prussiana e com a anexação da Alsácia-Lorena, pela Alemanha, fato que abalou a hegemonia da cultura francesa no Brasil.²²⁷

A Guerra do Paraguai²²⁸ foi outro fator muito importante para essa transformação do campo das idéias e principalmente para a homogeneização da cultura brasileira. A Guerra atuou nas estruturas mentais como fortalecedora da idéia de Brasil, pois, no campo de batalha participaram pessoas de todas as regiões de Norte a Sul, que antes nem conheciam suas diferenças ou "igualdades". Nessas condições houve uma maior integração da nação, as idéias e os sentimentos próprios de uma determinada província interagem com as de outra localidade e as relações de acampamento prolongaram-se após a guerra. Houve uma vasta comunicação entre diversas regiões do país antes separadas pela distância geográfica que naquele momento foram ligadas pela Guerra. Esta aproximação cultural forneceu subsídios para o desenvolvimento de novas idéias, um dos motivos, do desencadeamento do "movimento republicano".

No Brasil a Literatura do século XIX modificou-se e voltou-se para o trato da natureza, “... pois a tradição nativista se liga então ao novo sentimento de orgulho

²²⁶ HOBBSAWM, Eric. 1917- **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

²²⁷ CALMON, Pedro. *História do Brasil volume VII*. 2 ed. Rio de Janeiro, Livraria José Olímpio, 1963, p.2386.

²²⁸ Conforme, FERRER, Francisca Carla. *O Recrutamento Militar na Guerra do Paraguai*. Dissertação defendida na PUCRS, 2004.

nacional, que denuncia o patriotismo".²²⁹ Na visão romântica, de acordo com Antônio Cândido, era necessário que os brasileiros, para fundarem sua própria teoria literária, concentrassem-se na descrição da sua natureza e costumes, realçassem o índio, o habitante primitivo, enfim tudo que fosse da terra. O Romantismo no Brasil confundiu-se com o sentimento patriótico que nascia juntamente com a busca da identidade nacional. A afirmação nacional, a cara do país, foi moldada e marcada na Literatura do século XIX. Neste período os literários buscaram incessantemente reconstruir as origens enraizadas no passado para ligar seu presente numa espécie de descendência mítica, como forma de legitimar sua existência e autonomia. A discussão que parecia clara com as teorias: do mito das três raças e o indianismo literário foi retomada com a Proclamação da República e principalmente com a desestruturação do mundo pós Primeira Guerra.

Apesar de posteriormente o movimento modernista brasileiro tentar deixar transparecer certa ruptura com o romantismo "*... conquanto repelisse a sentimentalidade reinante na literatura oitocentista, o moderno não disfarçava os nexos secretos com o romantismo*".²³⁰ Pois encontraremos no meio dos modernos algo peculiar aos românticos, um certo nacionalismo, muitas vezes realista e outras romântico.

Imerso neste mar de idéias Sérgio Buarque dialogou com a tradição historiográfica e literária nacional em *Raízes do Brasil*. esta obra se apresenta para nós como resultado final de mais de um século de discussão sobre a cultura, política e nacionalidade brasileiras.

²²⁹ CÂNDIDO, Antônio. *O Romantismo no Brasil*. São Paulo. Humanitas USP, 2002, p.17.

²³⁰ MOISÉS, Massaud. *Op. cit.* 2001, p. 12.

3.2. Herança intelectual: Segunda fase

A história da literatura é, de certa forma, a história do apossamento da terra, da identidade de um povo, da fixação dos verdadeiros marcos, que são complexos, interpenetrando o particular e o geral.²³¹

Como vimos, o mundo em que Sérgio Buarque de Holanda vivia passava por grandes transformações. A Europa encontrada por muitos intelectuais nos anos 20 lutava por reconstruir-se e o Brasil tentava adequar-se, ajustar-se a jovem República. O Brasil vinha sofrendo fortes transformações sociais, políticas e econômicas.

Com o urbanismo, a expansão comercial, o militarismo, o aperfeiçoamento da educação a imigração, o crescimento da burocracia e a nascente industrialização, surgiram novos elementos nas classes média e alta, (...) Com isso, o Brasil entrara em uma fase mais dinâmica de desenvolvimento, fase de transição social entre o tradicional e o moderno, na qual o nacionalismo poderia representar papel de importância vital.²³²

A proclamação da República foi algo que abalou as estruturas intelectuais do país. A monarquia brasileira representada na figura do intelectual e monarca Dom Pedro II foi retirada do poder. Novamente, era preciso uma reafirmação da identidade nacional. A princípio tinha-se a identidade brasileira depositada na figura do Imperador, com a Proclamação da República isto se perdera. Esta crise vivida no Brasil, é parte da crise da modernidade, assim,

Os filósofos da história e da sociedade se identificaram grandemente com um outro aspecto da crise da modernidade. Frequentemente eles estão ligados ao tema nacional; (...) com

²³¹ MEDINA, Cremilda Araújo. *A posse da terra: Escritor brasileiro hoje*. São Paulo, Imprensa Nacional Casa da Moeda – Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo, 1985, p. 13.

²³² TORRES, Andréa Sanhudo. *Imprensa: política e cidadania*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 1999, p. 16-17.

mais freqüência ainda eles serão habitados pela busca do Ser que eles descobrirão na natureza, na beleza e sobretudo na vida (...).²³³

Por isso vemos um grande número de obras de arte e literatura, nos anos 20, voltadas para as belezas do Brasil, como a série de quadros pintados por Tarsila do Amaral, após sua excursão pelo interior de Minas Gerais. Sendo assim, o movimento modernista brasileiro foi à reação dos intelectuais por uma afirmação da identidade nacional.

Face aos problemas com que se depara a arte na modernidade, o artista busca de um lado a autonomia do objeto de arte em relação à realidade visível, história, literatura e religião; e de outro, a constituição de um campo artístico relativamente independente de outros campos: político, religioso, etc.²³⁴

De acordo com Pedro Calmon, as transformações sofridas no Mundo e no Brasil, com as Guerras do século XIX e início do XX, atingiram todas as esferas da vida humana. Desta forma, a reformulação das artes, literatura e história brasileira deu-se a luz de várias correntes teóricas interpretativas, e esta parece ser a grande especificidade das ciências humanas neste país.

Note-se, neste passo, que nem Caio Prado Júnior, José Honório Rodrigues e Sérgio Buarque de Holanda tiveram suas formações e carreiras definidas pela vivência Universitária. Vale lembrar que também Gilberto Freyre não é fruto de vivência universitária no Brasil, mas sim no Exterior. Só mais recentemente, e de maneira quase excepcional, a universidade produziu contribuição significativa, crítica, empenhada.²³⁵

²³³ TOURAINE, Alain. *Crítica da Modernidade*. 5 ed. Petrópolis, Editora Vozes, 1998, p. 126.

²³⁴ KERN, Maria Lúcia Bastos. *Arte argentina: tradição e modernidade*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 1996, p. 7.

²³⁵ MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da Cultura Brasileira: 1933-1974*. 9 ed. São Paulo, Editora Ática 1994, p. 23.

Estes quatro nomes são referência para o estudo da história do Brasil. Na citação acima, vê-se uma das características predominantes na formação intelectual brasileira, das primeiras décadas do século XX, a ausência de formação acadêmica nas áreas de História, artes e letras. Isto porque, no Brasil, só existiam os cursos de direito, engenharia ou medicina.²³⁶ Por isso a Literatura²³⁷ e a arte nacional foram construídas sob, segundo Antônio Cândido, “inevitável dependência” em relação aos códigos europeus.

... a língua, os estilos, os esquemas ideológicos. Eles teriam dado, a partir das academias do século XVIII, a forma culta, transnacional, a que se teriam subordinado os conteúdos da paisagem e da sociedade colonial. A história brasileira teria sido uma história de integrações, mais ou menos felizes, da nossa realidade aos padrões europeus.²³⁸

Contra este estigma os intelectuais modernistas rebelaram-se, o que culminou com a eclosão da Semana da Arte Moderna, em 1922. Uniram-se em torno de um objetivo comum, uma identidade nacional na literatura, nas artes e na história, em seus estilos e pensamentos. “A nova concepção de arte na modernidade está relacionada à ação das vanguardas, que se caracteriza pelo espírito de combate à tradição e aos valores estáveis, pela pesquisa e invenção, e pelo seu ideal de progresso, procurando assim desempenhar o papel antecipador”.²³⁹ A jovem intelectualidade que florescia no início dos anos 20 clamava por originalidade, por algo brasileiro, por um referencial nacional, davam basta ao

²³⁶ BARBOSA, Francisco de Assis. *Verdes anos de Sérgio Buarque de Holanda: ensaio sobre sua formação intelectual até Raízes do Brasil*. In: **Sérgio Buarque de Holanda: Vida e Obra**. São Paulo, Secretaria de Estado da Cultura: Arquivo do Estado, USP: Instituto de Estudos Brasileiros, 1988, p. 33.

²³⁷ Como literatura entende-se toda a produção intelectual do período. Isto porque a história e a literatura estiveram de alguma forma, estritamente ligadas em suas trajetórias.

²³⁸ MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da Cultura Brasileira: 1933-1974*. 9 ed. São Paulo, Editora Ática 1994, p. XV.

²³⁹ KERN, Maria Lúcia Bastos. *Op. cit.*, 1996, p. 9.

estrangeirismo. O grupo dos cinco²⁴⁰, explicitaram em sua arte poética a ânsia por romper os padrões conhecidos.²⁴¹ Formavam assim a vanguarda brasileira. Com uma consciência de mundo parado os modernos depositaram em sua arte a obrigação de multiplicar as rupturas, com o intuito de criar uma cultura brasileira nova, original. Eles “... reivindicavam (...) sua total autonomia e recusavam os critérios acadêmicos e tradicionais herdados no passado”.²⁴²

Neste mesmo curso dos processos históricos, parece que a geração de 1922, da Semana da Arte Moderna, marcou o início de um novo período de reformulação das bases estruturais na Literatura e das Ciências Humanas, realizando uma revolução cultural no Brasil, com o intuito de repensar e pontuar a identidade nacional. Para Zilberman, “*Os principais representantes do projeto modernista explicitam sua arte poética, que visa romper com padrões conhecidos(...)*”.²⁴³ Sérgio Buarque de Holanda era um destes, devido a uma prova no curso de direito que cursava no Rio de Janeiro não pode participar da Semana da Arte Moderna em São Paulo. No entanto, foi assíduo participante do movimento literário modernista. Como podemos ver na figura 02, Sérgio Buarque de Holanda, em sua formatura no ano de 1924, na Faculdade de Direito da Universidade do Brasil, com seus professores e colegas, foi um representante do movimento modernista paulista no Rio de Janeiro.

²⁴⁰ Era composto por Anita Malfati, Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Menotti del Picchia e por último Tarsila do Amaral.

²⁴¹ Conforme, ZILBERMAN, Regina. *Literatura Brasileira Contemporânea a Busca da Expressão Nacional*. In: **Anos 90: curso de pós-graduação em História**. Porto Alegre - RS, Editora da UFRGS, 1994, p. 70.

²⁴² JIMENEZ, Marc. *O que é estética?* São Leopoldo. Ed. UNISINOS, 1999, 293.

²⁴³ ZILBERMAN, Regina. *Literatura Brasileira Contemporânea a Busca da Expressão Nacional*. In: **Anos 90: curso de pós-graduação em História**. Porto Alegre - RS, Editora da UFRGS, 1994, p. 70.

Figura nº 02:



Professores e estudantes terceiroanistas, na Faculdade de Direito da Universidade do Brasil, Rio de Janeiro. vê-se, da esquerda para direita, em primeiro plano, sentados: 1-professor Castro Rebelo; 4-professor Pinto da Rocha, entre outros. Na primeira fila, em pé: 1-Jurema Dutra; 4-Sérgio Buarque de Holanda; 5-Reginaldo José de Souza; 6-Venceslau Escobar Azambuja; 7-Joaquim dos Santos. na segunda fila: 1-Pedro Limoeiro; Waldemar Muniz da Costa Barros; Oswaldo Bausford; Hélio de Souza Gomes

Fonte extraída dos arquivos do projeto SIARQ: Unicamp

Nesta fotografia identificamos Sérgio Buarque de Holanda por sua figura magra, sempre com seu chapéu e óculos, estilo que marcou sua juventude.

Foi, sobretudo durante os anos agudos do modernismo, ente 1920 e 1950, que a poesia brasileira experimentou e resolveu as questões relativas à necessidade de encontrar uma verdadeira manifestação nacional. Entendeu-a como pesquisa de linguagem, autenticidade e representação interior; solucionando o dualismo herdado do passado, continuou pesquisando novas modalidades de expressão, em que se inclui a procura de formas que aproximem a poesia da linguagem oral.²⁴⁴

Entretanto, por volta de uma década antes da marcante Semana da Arte Moderna, alguns intelectuais já apresentaram em suas obras alguns pressupostos que regeriam o movimento modernista, como é o caso de Lima Barreto em seu *Triste fim de Policarpo*

²⁴⁴ ZILBERMAN, Regina. *Op. cit* 1994, p. 70.

Quaresma, publicado em 1911, em forma de folhetim e em 1915 em livro. Esta não é uma obra de história e sim de literatura pura e simples, no entanto, trás em seu bojo crítica eficaz ao tipo de governo desenvolvido pela República Velha que nos levou à ditadura do Marechal Floriano Peixoto e ao militarismo exagerado de nossa política.²⁴⁵

Nesta obra, Lima Barreto discutiu o voto feminino, critica a educação dirigida às mulheres e apresenta um nacionalismo xenóforo e inocente. Também apresentou, por detrás da peculiar história do homem que acreditou na República, cenas do cotidiano das cidades, do campo, enfim, as realidades sociais. “*Em Lima Barreto, (...) as cenas de rua ou os encontros e desencontros domésticos acham-se narrados com uma animação tão simples e discreta, que as frases jamais brilham por si mesmas, isoladas e insólitas, (...) mas deixam transparecer naturalmente a paisagem, os objetos e as figuras humanas*”.²⁴⁶

Lima Barreto assim como Euclides da Cunha também estava inaugurando um estilo novo de escrita, no entanto, sua preocupação voltava-se a figura do indivíduo e não com o coletivo. Barreto, não se preocupou em descrever o que o Brasil tinha de belo e sim o que os brasileiros sonhavam para sua pátria. Nesta obra Lima Barreto, através do personagem de Policarpo Quaresma que propõe o tupi como língua oficial, também remeteu a algumas discussões correntes no século XIX como a questão da língua nacional, pois para alguns intelectuais “... *não existia uma literatura brasileira pelas mesmas razões que impediam o*

²⁴⁵ NICOLA, José. *Literatura Brasileira: das origens aos nossos dias*. 2 ed. Editora Scipione, 1990, p. 186.

²⁴⁶ BOSI, Alfredo. *Op. cit.* 1983, p. 359.

*aparecimento de uma literatura austríaca, (...), isto é, a falta de uma língua independente”.*²⁴⁷

Sendo assim, esta obra se apresenta para nós envolta em seu tempo e demonstra o princípio das mudanças que ocorreriam na forma de discussão da identidade nacional. Lima Barreto foi muito criticado por sua forma de escrita, entretanto, após sua morte, muitos intelectuais voltaram-se a análise de suas obras e reconheceram seu valor para a literatura nacional. Sérgio Buarque de Holanda prefaciou a Edição de Obras Completas de Lima Barreto editada e dirigida por Francisco de Assis Barbosa, onde estão incluídas as correspondências do escritor.

O interesse de Sérgio Buarque por este autor, podemos dizer, em muito se deve a sua originalidade impressa em obra *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, mas também pela discussão crítica das instituições políticas brasileiras, a qual Lima Barreto não se poupou. Este tema foi caro ao autor de *Raízes* e veio central desta obra.

Dez anos depois da primeira edição de *Triste fim de Policarpo Quaresma*, Sérgio Buarque mudou-se para o Rio de Janeiro com seus pais, 1921. Ingressou na Faculdade de Direito, conforme Francisco de Assis Barbosa, mesmo sem sentir vocação para os estudos jurídicos, mas por falta de opções. Seu primeiro artigo foi publicado por intermédio de seu professor Afonso de E. Taunay, durante o curso ginásial, intitulado “Originalidade Literária”.²⁴⁸

²⁴⁷ MARTINS, Wilson. *A crítica literária no Brasil*. 2 ed. Rio de Janeiro. Editora Francisco Alves, 1983, p. 350.

²⁴⁸ Como já citado anteriormente. Documento em anexo.

Nos anos de 1920 a discussão sobre a emancipação política era forte entre os intelectuais. Uma personalidade marcante neste período foi Monteiro Lobato, assíduo, debatedor a respeito da utilização e exploração das riquezas nacionais.

No decorrer do século XX as relações internacionais do Brasil estreitaram-se com os Estados Unidos, país irmão de continente, e distanciaram-se da Europa. Alguns historiadores chamam esta mudança no relacionamento comercial brasileiro de “processo de americanização”. Sabemos que esta nova cena da política nacional com maior respeito pelas indicações americanas em relação aos rumos do Brasil, com assídua entrada de capital americano no país, constantes empréstimos e forte americanização da cultura brasileira não se deram de uma hora para outra, mas foram frutos de um longo processo de construção ideológica.²⁴⁹

Os intelectuais brasileiros participaram desta construção como formadores de opiniões. O fim dos anos 20 e início dos anos 30 foi período de intensas transformações no âmbito da política e da cultura nacionais. Entre os anos de 1927 a 1936 obras importantes na história nacional foram publicadas, como a *Evolução política do Brasil* de Caio Prado Júnior; *Casa Grande & Senzala* de Gilberto Freyre e *Raízes do Brasil* de Sérgio Buarque de Holanda. Nestes trabalhos vemos a preocupação que os intelectuais do período cultivaram em relação à construção da identidade nacional, como forma de fixação da soberania. A crítica ao sistema político brasileiro fica bem evidente nos trabalhos de Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior e neste sentido podemos nos reportar a três obras de Monteiro

²⁴⁹ SILVEIRA, Helder Gordim da. *Joaquim Nabuco e Oliveira Lima: faces de um Paradigma ideológico da americanização nas relações internacionais do Brasil*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2003.

Lobato publicadas entre 1927 e 1936, *Mister Slang e o Brasil – colóquios com o inglês da Tijuca*; *América: os EUA de 1929* e *O Escândalo do Petróleo*.

A primeira, *Mister Slang e o Brasil – colóquios com o inglês da Tijuca* é um diálogo entre um inglês e um carioca, onde são apresentadas incisivas críticas ao modo de governar de Artur Bernardes, assim como denúncias aos males de sua ditadura. Em *América: os EUA de 1929*, o personagem de Mister Slang é revivido e com ele Monteiro Lobato percorreria os Estados Unidos, mostrando a prosperidade daquele país, tecendo comparações e buscando possíveis soluções para tirar o Brasil do “atraso”. Em seu retorno, decidido a dedicar-se à luta pelo petróleo e ferro nacionais e o possível auxílio de capital americano para tal investimento, Lobato publicou em 1936 *O Escândalo do Petróleo*. Esta obra se apresenta como um protesto indignado à burocracia federal a entrada de capital estrangeiro para exploração do petróleo.

Assim vemos, que a obra de Monteiro Lobato não pode ser analisada como mera literatura, pois somada as constantes ações do literário, assumiu caráter político e atuante na construção de uma nova ideologia nas relações internacionais. *América* principalmente, produzida em fins de 1929 e 30, enquanto Lobato foi adido do Brasil nos Estados Unidos, momento em que se apaixonou pelo sistema de vida americano, também deve ser estudada em sua correlação com as obras citadas acima e com o momento político vivido pelo Brasil.

Novamente podemos nos perguntar: qual a aproximação entre Sérgio Buarque e Monteiro Lobato? Apesar de pouco analisada, desde 1920 o jovem literário publicava seus artigos na Revista do Brasil de propriedade de Monteiro Lobato. Desde cedo o autor de

Raízes se revelou um incendiário como podemos concluir ao ler seu artigo *Plágios e Plagiários*, publicado em junho de 1921, no qual discutiu o plágio inconsciente, de homens cultos que se apropriam de idéias alheias inconscientemente e também criticou aqueles que levianamente acusam escritores de plágio. Assim vemos sua proximidade com Lobato, que desde 1914 se descobriu um combatente político.

A personalidade de José Bento Monteiro Lobato é intrigante, em seus tempos de juventude não dava indícios da personalidade intelectual e política que se tornaria, que levantaria a bandeira do progresso social e mental dos brasileiros²⁵⁰, ao contrário, neto de fazendeiro, o Visconde de Tremembé, seu destino era ser homem do campo. Ele nasceu em Taubaté, Estado de São Paulo, em 1882.²⁵¹

A vida de Lobato seguia o rumo normal de um jovem de família tradicional, no entanto, uma carta escrita ao jornal *O Estado de São Paulo*, em 1914, mudou a direção dos acontecimentos. Monteiro Lobato cansado das constantes queimadas praticadas pelos caboclos em suas terras, escreveu carta indignado intitulada “*Velha praga*” e a enviou para a seção de “*Queixas e reclamações*” do jornal *O Estado de São Paulo*. “*O jornal, percebendo o valor daquela carta, publica-a fora da seção destinada aos leitores; no que acertou, pois a carta provocou polêmica, estimulando Lobato a escrever outros artigos, como por exemplo “Urupês”, e a criar seu famoso personagem Jeca Tatu*”.²⁵² Deste

²⁵⁰ Conforme, BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo, Editora Cultrix, 1983, p. 242.

²⁵¹ Por escolha de seu avô e não sua ingressou aos dezoito anos na Faculdade de Direito do Largo São Francisco. Em 1904 formou-se, três anos mais tarde foi nomeado promotor em Areias, Vale do Paraíba, e casou-se com Maria Pureza Natividade no ano seguinte. Com a morte do avô em 1911 herdou sua fazenda e passou a dedicar-se à agricultura.

²⁵² NICOLA, José. *Op. cit.* 1989, p. 191.

momento em diante, Lobato conheceu popularidade e respeito crescentes. Entre 1918 e 1921 publicou *Urupês, Idéias de Jeca Tatu, Cidades Mortas e Negrinha*.

Preocupado com os rumos da nação dedicou-se, a partir de 1921, à tarefa de editor e dedicou-se ao lançamento de novos autores. Amigo e admirador de Lima Barreto, assim como se tornou Sérgio Buarque, financiou a publicação de algumas de suas obras. Lobato comprou a *Revista do Brasil* e logo depois fundou a Editora Monteiro Lobato & Cia, a primeira editora Nacional.²⁵³ Após falência, em 1925, juntamente com outros dez sócios fundou a Companhia Editora Nacional e somente em 1944 tornou-se sócio da Editora Brasiliense.²⁵⁴ Pouco antes em 1917 Lobato deparou-se com a polêmica que marcou sua vida: a exposição de Anita Malfati. Contrário a “falta de individualismo” do estilo da artista, ou segundo ele autenticidade, Monteiro Lobato criticou seu trabalho em artigo intitulado “Paranóia ou mistificação?”. Neste artigo criticou a pintura de Malfati, chamando-a de caricatural. Em torno de sua crítica reuniram-se em defesa da artista Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Di Cavalcanti, os quais viriam a compor, juntamente com Tarsila do Amaral o grupo dos cinco, presentes na Semana da Arte Moderna. Para Lobato a arte debruçada sobre estilos europeus não poderia ser aceita, era a negação romântica ao estrangeiro.

... Monteiro Lobato já exigia do artista brasileiro a obra única, pessoal, ‘limpa de todas as gafeiras mentais’. Como não entendiam, ele teria que ser punido por mostrar-se tão ‘inconveniente’. Por outro lado, Nietzsche só vai ser lido e tornar-se um dos filósofos do Modernismo muitos anos depois. O VADE MECUM? VADE TECUM de Nietzsche,

²⁵³ Até então os livros eram editados em Portugal.

²⁵⁴ NICOLA, José. *Op. cit.* 1989, p. 191.

insinuador de todo o individualismo em Monteiro Lobato, por essa época não é do domínio ou das preocupações dos futuros modernistas.²⁵⁵

Monteiro Lobato não foi o único a criticar o movimento modernista, Sérgio Buarque de Holanda mesmo tendo participado ativamente do grupo seguidor de Graça Aranha, elaborou incisiva crítica a estes em seu artigo *O lado oposto e outros lados*, publicado na Revista do Brasil em outubro de 1926. Neste artigo escreveu:

É indispensável para esse efeito romper com todas as diplomacias nocivas, mandar pro diabo qualquer forma de hipocrisia, suprimir as políticas literárias e conquistar uma profunda sinceridade pra com os outros e pra consigo mesmo. A convicção dessa urgência foi pra mim a melhor conquista até hoje do movimento que chamam de ‘modernismo’. Foi ela que nos permitiu a intuição de que carecemos, sob pena de morte, de procurar uma arte de expressão nacional. (...) Mas hoje logo à primeira vista se sente que falharam irremediavelmente. O mais que eles fizeram foi criar uma poesia principalmente brilhante: **isso prova que sujeitaram apenas uma matéria pobre e sem densidade.**²⁵⁶

Sergio Buarque não somente demonstra sua decepção com o movimento neste artigo conforme podemos ver na citação acima, como os acusa de sujeitarem a poesia nacional a uma “matéria pobre e sem densidade”.

No pensamento de Lobato o Brasil tinha muito a oferecer em riquezas naturais e culturais, o capital estrangeiro era bem vindo para o desenvolvimento industrial brasileiro, mas culturalmente tínhamos que ser individuais e autênticos.

²⁵⁵ LNDERS, Vasda Bonafini. *De Jeca a Macunaíma: Monteiro Lobato e o Modernismo*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1988, p. 21.

²⁵⁶ HOLANDA, Sérgio Buarque. *O Lado oposto e outros lados*. Revista do Brasil, São Paulo, out/1926, pp.9-10. grifo nosso.

A grande transformação no pensamento lobatiano ocorreu durante sua estada como adido comercial do Brasil em Nova York entre os anos de 1927 a 1931. Neste período admirou-se com a exploração dos recursos minerais nos Estados Unidos, com sua qualidade de vida e cultura. Lobato disse em carta enviada a Érico Veríssimo, considerar os “*Estados Unidos como uma dessas famosas composições musicais que são impostas a todos os grandes executantes a fim de tirar a prova dos nove fora do seu valor real, a rapsódia húngara de Lizt (sic), certas fugas de Bach*”.²⁵⁷

Após a Revolução de 30, que destituiu Washington Luís da presidência da República, Monteiro Lobato foi exonerado do cargo de adido e retornou ao Brasil. No ano seguinte chegou ao Brasil com idéias novas, pregando o modernismo industrial, a maquinização do agricultor, o investimento na exploração dos recursos naturais do país. Estava iniciada sua luta pela exploração do Petróleo e do Ferro brasileiros.

Apesar de sua grande admiração pelos Estados Unidos não hesitou na defesa do Brasil e em denunciar o monopólio das empresas exploradoras do produto, enfrentando assim a fúria das grandes empresas multinacionais e os obstáculos impostos pelo governo brasileiro a exploração do petróleo e do ferro. Mesmo antes de voltar ao Brasil Lobato já enfrentara sérios problemas nos EUA ao publicar seu livro intitulado *O Presidente Negro e o Choque das Raças*”, onde narra a história da vitória de um candidato negro à Presidência da República nos EUA. Lobato era homem de olhar crítico sobre a sociedade e sua admiração não o impedia a crítica. “*Nessa perspectiva, Lobato encarnou o divulgador*

²⁵⁷ Fonte extraída do Banco de Dados da Empresa Folha da Manhã Ltda, por Renato Roschel, 2003, www1.folha.uol.com.br

*agressivo da Ciência, do progressismo, do ‘mundo moderno’, tendo sido um demolidor de tabus, (...) com um superavit de verve e de sarcasmo”.*²⁵⁸

Desde o tempo de Artur Bernardes na Presidência da República, a quem Lobato criticou em *Mister Slang e o Brasil* (1927), a discussão sobre a exploração do ferro era grande. O que muitos argumentavam é que a entrada de capital estrangeiro traria a falência das pequenas siderúrgicas nacionais e afirmavam “... *o que convinha era a manutenção do sistema então vigente – o estímulo à instalação de várias pequenas usinas, cuja construção deveria ser precedida de uma exigência: os empreendimentos podiam ser controlados por capitais privados ou estatais, desde que fossem brasileiros*”.²⁵⁹

Entre os anos de 1928 e 1931, Lobato visitou em Detroit a Ford e a General Motors e entusiasmou-se com o potencial da siderurgia americana. Retornou ao Brasil com idéias de organizar uma empresa brasileira para produzir aço pelo processo Smith²⁶⁰. Lançou-se então na luta, através do Sindicato Nacional de Indústria e Comércio, empresa cujo objetivo era “*ferrar*”, ou seja, fornecer ferro, matéria prima para a indústria ao país.

Com a conclusão de que o método Smith não era adequado ao Brasil, mas com o mesmo ideal de “... *debelar a pobreza do seu país, torná-lo grande, forte e poderoso, à altura de tratar de caros colegas as maiores potências do mundo*”,²⁶¹ Lobato resolveu

²⁵⁸ BOSI, Alfredo. *Op. cit.* 1983, p. 242.

²⁵⁹ MORAIS, Fernando. *Chatô: o Rei do Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 1994, p. 124.

²⁶⁰ O método Smith de siderurgia utiliza um forno simples que exige menor emprego de capital em injeção de ar, com metade da temperatura de fornos normais e menos energia, consegue trabalhar com qualquer minério de alto teor de ferro, para Lobato este método era a solução para o progresso brasileiro.

²⁶¹ ATHANÁZIO, Enéias. *3 Dimensões de Lobato*. São Paulo, Editora do Escritor, 1975, p. 37.

investir no “ouro negro” e fundou então a Companhia de Petróleo do Brasil. Nosso literato, no entanto, esbarrou nos interesses das empresas Royal Dutch-Shell (inglesa) e Standard Oil, exploradoras do petróleo brasileiro. Em assídua luta, denunciou nos princípios de 1935 a permissão do Serviço Geológico para Standard Oil explorar várias regiões petrolíferas brasileiras. Em 1939 escreveu carta ao ministro da Agricultura, o que precipitou a abertura de um inquérito sobre o petróleo.

O petróleo continuava debaixo da terra. A fim de escondê-lo, o engenheiro Fleury da Rocha conforme denúncia de Monteiro Lobato, chegou a falsificar a profundidade de um poço. Vargas mandou abrir inquérito. E, logo que o abriu, fechou-o 'E Fleury, em vez de ir para a cadeia, foi para Vice-Presidência do Conselho Nacional de Petróleo.²⁶²

Sua luta pelo petróleo brasileiro não silenciou o que o levou a prisão em 1941, a mando de Getúlio Vargas. Um pouco antes em 1940, Lobato recebeu e recusou um convite de Getúlio Vargas para direção do Ministério de Propaganda. Em carta a Vargas, fez severas críticas à política brasileira de minérios. O teor da carta é tido como subversivo e desrespeitoso. Neste período teve suas obras censuradas e foi muito perseguido por suas idéias. Mudou-se então em 1946 para a Argentina. Lá fundou a editora Acteon. No ano seguinte retornou ao Brasil e preparou reedição completa de suas obras pela Editora Brasiliense. Monteiro Lobato morreu em julho de 1948 e deixou grande legado cultural e intelectual para o povo brasileiro.

²⁶² BANDEIRA, Moniz. *Presença dos Estados Unidos no Brasil: dois séculos de história*. 2 ed. São Paulo, Civilização brasileira, p. 273.

Pois bem, este nacionalismo radical não era próprio apenas de Monteiro Lobato, pois a intelectualidade brasileira, alguns de forma tão política quanto e outros não, buscava a construção de uma identidade para os brasileiros.

No Rio de Janeiro o autor de *Raízes* teve contato com personalidades como: Mário de Andrade, Ronald de Carvalho, Manuel Bandeira, Oswald de Andrade, Prudente de Moraes Neto e Afonso Arinos de Mello Franco. Era um grupo heterogêneo voltado para a crítica literária, disposto a apresentar para a sociedade uma reeleitura de seu tempo.

Sérgio Buarque começou a trabalhar na empresa de telégrafos *Havas* como tradutor. Mas, o que realmente o atraía era a vida literária. Como modernista cedo se posicionou em defesa do movimento e de seus ideais, publicou artigos na revista *Fon-Fon* dirigida por Gustavo Barroso, como “*Futurismo paulista*” em 10 de dezembro de 1921, no qual ele exalta o modernismo paulista. Neste artigo após breve introdução em que explica o que foi o movimento futurista na Europa e seu manifesto de 1910, Sérgio Buarque de Holanda apresenta o movimento moderno paulista, na época chamado de futurismo paulista e diz “*Em todo o caso iniciaram um movimento de liberação dos velhos preconceitos e das convenções sem valor, movimento único pode-se dizer no Brasil e na América Latina*”. Diante das muitas críticas à produção literária paulista, o jovem Sérgio Buarque de Holanda saiu em defesa de seu grupo e citou os nomes dos integrantes e líderes do movimento.²⁶³

²⁶³ O artigo completo podemos ver nos anexos.

Posteriormente, representou em 1922 a revista Klaxon²⁶⁴, na cidade do Rio de Janeiro, divulgadora do movimento modernista liderado pôr Graça Aranha.²⁶⁵ De acordo com Guilherme de Almeida a revista Klaxon “... foi uma imediata conseqüência da *Semana, indispensável, para que não se dispersasse o espírito*”.²⁶⁶ Assim, estava formado o grupo Klaxon. Através da revista o grupo buscava a reflexão, o esclarecimento e a construção sobre “idéias inadmissíveis”.²⁶⁷ No primeiro número da revista aparece seu manifesto, no qual o grupo demonstrou sua sede de mudança, de ruptura, de inovação. Eis alguns trechos :

Klaxon sabe que a vida existe. E, aconselhado por Pascal, visa o presente. Klaxon não se preocupará de ser **nov**o, mas de ser **atual**. Essa é a grande lei da novidade. Klaxon sabe que a humanidade existe. Por isso é internacionalista. O que não impede que, **pela integridade da pátria, Klaxon morra e seus membros brasileiros morram**. (...) Klaxon sabe que o progresso existe. Por isso, **sem renegar o passado**, caminha para adiante, sempre, sempre. (...) Klaxon não é exclusivista. Apesar disso jamais publicará inéditos maus de bons escritores já mortos. Klaxon não é futurista. Klaxon é Klaxista. (...) Klaxon cogita principalmente de arte. Mas quer representar a época de 1920 em diante. Por isso é polimorfo, onipresente, inquieto, cômico, irritante, contraditório, invejado, insultado, feliz.²⁶⁸

Como diz no manifesto a preocupação do grupo não era com a construção de uma passado majestoso, demonstrando aqui sua crítica a tradição historiográfica do Instituto Histórico e Geográfico brasileiro, ou com a incessante busca de uma identidade em teorias

²⁶⁴ Klaxon: *Mensário de Arte Moderna*, fundada em 15 de maio de 1922, circulou até janeiro de 1923. Seu grupo editorial era composto por Antônio Carlos Couto Barros, Tácito de Almeida, Guilherme de Almeida, Mário de Andrade, Sérgio Millet, Oswald de Andrade, Rubens Borba de Moraes e Luís Aranha. Seus representantes foram Sérgio Buarque de Holanda no Rio de Janeiro, L. Charles Baudoin e Roger Avermaete, e posteriormente Joaquim Inojosa, representante em Recife.

²⁶⁵ BARBOSA, Francisco de Assis. *Op. Cit.* 1988, p. 33.

²⁶⁶ ALMEIDA, Guilherme *Apud* BRITO, Mário da Silva. *Introdução*. In: Klaxon, Edição facsimilada, São Paulo, Livraria Martins Editora, 1972, p. 04.

²⁶⁷ Conforme, Klaxon 1 (15-05-1922) – pág. 01.

²⁶⁸ Klaxon. n° 1 (15-05-1922) – pág. 01. (grifo nosso).

darwinistas sobre raça, mas sim com o presente, com o atual, podemos dizer com os rumos da nação em plenos anos de 1920. O nacionalismo extremado do grupo ficou impresso na frase negritada como podemos ler “*O que não impede que, pela integridade da pátria, Klaxon morra e seus membros brasileiros morram*”. Este não era apenas o espírito da revista naquele momento, mas do grupo durante a sua trajetória.

Mas, a revista não durou muito, com alto custo o grupo esforçou-se por mantê-la rodando, mas em início de 1923 circulou o último número. Este foi dedicado a Graça Aranha que abriu a edição com um poema *INS* no qual apresenta sua crítica ao descuido do homem com a natureza. Podemos lê-lo a seguir:

Figura nº 3:



desejo da Terra: arvore!
Espiritualidade da Terra:
arvore!
Elegancia, força, doçura,
fragilidade, eternidade. Fo-
lhas: adorno e sentimento. Galhos: de-
fesa, amparo, agasalho, aspiração, ele-
vação para o Infinito.
Postura da arvore: adoração perpe-
tua, tragica immobilidade. Silencio.
Campo deserto, arvore solitaria. Mon-
tanha espectral, arvore, phantasma alu-
cinado.
Arvore e vento. Inutil gemido. In-
fatigavel açoute.
Arvore e sol. Febril exaltação de aro-
mas. Resinas. Quietação. Adormeci-
mento da natureza na volupia do per-
fume.
Madrugada da arvore. Cantos de al-
vorada. Clarins, flautas, zumbidos. Ale-
gria, alegria. Fim de sombra.
Nocturno. Gargalhadas. Aves zombe-
telras. Rhetorica do pavor. O que a ar-
vore vê á noite...
Suave humidade. Perfida humidade.

Vida secreta. Pedras humidas. Limos,
artistas subtils. Roseos troncos verdes.
Céo humido.
A arvore e a agua. Perenne seiva. A
agua mysteriosa que móra no intimo da
arvore e a que móra nas cellulas huma-
nas. Integração.
Vida profunda. Intelligencia buscan-
do na Terra a vida.
Humanização. Arvores disciplinadas,
dominadas. Revolta, violencia. Vingança.
Venenos. Segredos dos vegetaes. So-
lilariedade. Unidade verde.
Desterro da arvore. Saudade. Nostal-
gia.
Culto. Religião. Melancolia. Amiza-
de. Confidencia e consolo. Romantismo.
Velha arvore. Parasitas, cipós. En-
felte, protecção. Velha arvore se des-
faz em pó. Transfiguração universal.
Alegria de renascer.
E o Homem, possesso da loucura do
movimento, mata na Arvore o repouso
e a eternidade.
Floresta das Paineiras, Outubro 1922
GRAÇA ARANHA.

k l a x o n

Fonte extraída dos arquivos da Biblioteca Nacional

No poema acima vemos como Graça Aranha não somente criticou os maus tratos recebidos pela natureza, como também podemos, de certa forma, visualizar uma natureza brasileira. A árvore a terra, a elegância, a força, foram palavras muito utilizadas para exaltar as belezas de nossas matas e que Graça Aranha, neste poema, deu vida, sonoridade e até uma certa musicalidade. Em forma de crítica, o patrono do Movimento Modernista deu imagem as palavras.

Sérgio Buarque de Holanda, ainda muito jovem, espelhava-se em Graça Aranha e entusiasmava-se com os rumos da literatura e assim transitava entre a crítica literária e a produção de pequenos contos, como *Antinous* que publicou na Klaxon nº 04 na página 01. Este é um pequeno conto, adaptado de um clássico, em que Buarque de Holanda fala sobre um Imperador que construiu uma grande civilização. Sem nos determos em maiores análises deste conto, um fator nos é peculiar, apenas dois anos antes Sérgio Buarque publicou artigo intitulado *Viva o Imperador* em protesto ao decreto-lei que mantinha na constituição brasileira o banimento da família real. Neste conto *Antinous*, Buarque de Holanda escreve “... *Vêde tudo que nos cerca. Tudo, tudo obra de um só homem. De um só cérebro*”. É como se o jovem Buarque de Holanda dissesse vejam tudo que nos cerca não é obra desta República Velha e sim de um governo que foi banido. Este conto foi elogiado por Mário de Andrade em carta à Sérgio Buarque de Holanda, como podemos ver na figura nº 4:

Figura nº4:

UNICAMP
Paulo 20 de Julho

Querido Sergio

Cheguei ao S. Paulo, depois de um mês de férias. Venho visitar-te e dizer-te que teu conto sairá KAXON nº 4. Está muito bom. Quando vem à Paulicea? Traze coisas tuas.

KAXON segue a via, muito bem. Mas precisamos de dinheiro. Recolhe o que arranjaste por aí, e o resultado da venda; e é mandar. Envia-o ao Tacito, tesoureiro.

Os amigos como são? Renato, Manoel Pauleira, Couto, Ronald, Di?...

A poesia do Ribeiro muito assim lamentavelmente disposta. Coisas de tipografia, ~~de~~ que apesar do cuidado dos rapazes, foi impossível concertar. Aidamos com os tipos mais ignorantes do universo. Mas... cobram pouco.

Vê aí que mandas a direção de Ronald. Viro tudo lá e cobro a falta.

Um abraço energético.

Hari

Fonte extraída dos arquivos do projeto SIARQ: Unicamp

O grupo ao qual Sérgio Buarque fazia parte era herdeiro do pensamento de Machado de Assis e de Joaquim Nabuco. Muitos modernistas opuseram-se ao pensamento literário brasileiro do século XIX, entretanto, não puseram abaixo às bases existentes e sim produziram uma nova leitura da sociedade brasileira a partir do pensamento dos mestres. Conforme Jacques Le Goff, cada geração tem a necessidade de reler sua história, olhando o passado com olhos do presente.²⁶⁹ Na figura nº 5 podemos ver Sérgio Buarque de Holanda, anos mais tarde, segurando a Revista Klaxon.

Figura nº5:



Sérgio Buarque de Holanda, com um exemplar da Revista Klaxon, da qual foi representante no Rio de Janeiro, durante entrevista sobre a semana de 22.

Fonte extraída dos arquivos do projeto SIARQ: Unicamp

Sérgio Buarque de Holanda estava mais do que integrado ao grupo modernista, era mesmo um ativo participante de seus projetos. Em 1924 vários dos modernos haviam

²⁶⁹ Conforme, LE GOFF, Jacques. *A Nova História. São Paulo*, Martins fontes, 1998.

retornado da Europa, aonde tiveram contato com tudo que era produzido lá, pintura, escultura, literatura. As reuniões dos modernos eram ricas em discussões sobre as tendências européias na arte e na literatura. Ainda na Europa a casa de Tarsila do Amaral e Oswald de Andrade era freqüentada por Picasso e Blaise Cendrars. Na Europa, Tarsila estava fazendo estudos acadêmicos. Ao ter contato com os modernistas brasileiros resolveu retornar à Paris para estudar com os modernos de lá.

Para Tarsila, 22 foi o ano da descoberta do Modernismo: ‘Vim descobrir o modernismo no Brasil’, diria sempre depois. Quando reparte pelo ‘Luteia’ no fim do ano (...) já se tinha firmado um objetivo: buscar em Paris, com os artistas mais atuais, o aprendizado necessário à apreensão correta de uma forma de expressão de seu tempo.²⁷⁰

A artista que havia saído do Brasil para aprender técnicas de uma tradição da pintura, encontrara-se com o novo, “... *Apresenta-se, então, como moderno aquilo que proporciona expressão objetiva uma atualidade do espírito do tempo que espontaneamente se renova*”.²⁷¹ É com a renovação da arte, que Tarsila se preocupava naquele momento, com o intuito de preparar um futuro melhor ao seu país²⁷², assim, se inclui como importante membro no movimento de vanguarda nacional, em formação. De volta à Paris, estudou com Albert Gleizes e Fernand Léger, grandes mestres cubistas, em 1923. Neste período manteve estreita amizade com o poeta Blaise Cendrars, com quem realizou em 1924 uma excursão pelo interior de Minas Gerais.

²⁷⁰ AMARAL, Aracy A. *Tarsila: sua obra e seu tempo*. São Paulo. Ed. 34; EDUSP, 2003, pp. 80-81.

²⁷¹ HABERMAS, Jürgen. *Modernidade – um projeto inacabado*. IN: ARANTES, Otilia B. F. & ARANTES, Paulo E. **Um ponto cego no projeto moderno de Jürgen Habermas**. Editora Brasiliense, 1981.

²⁷² Conforme definição de Vanguarda de JIMENEZ, Marc. *O que é estética?* São Leopoldo. Ed. UNISINOS, 1999, 285-392.

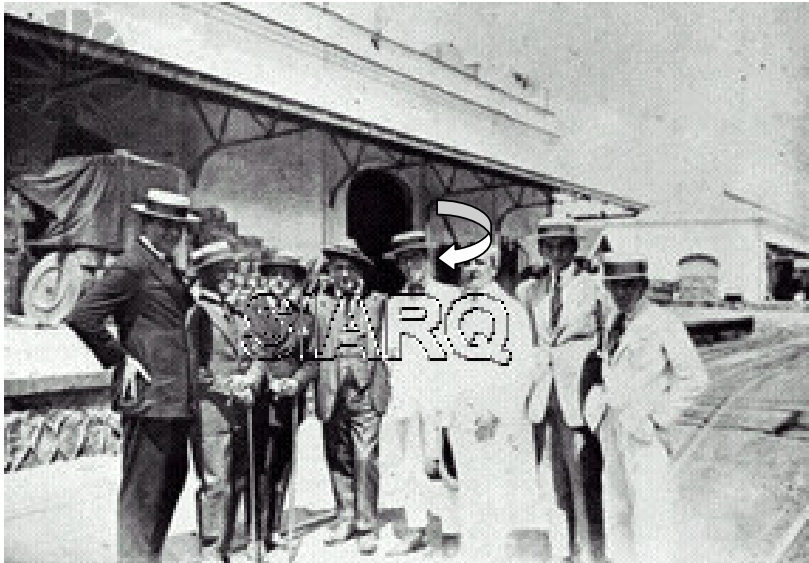
Quem recepcionou Blaise Cendrars foi o jovem Sérgio Buarque de Holanda, a quem poucos levavam a sério, como nos diz reportagem veiculada pelo cinqüentenário de sua vida, “... sua magreza e sua tez loura deram-lhe o cargo espontâneo de chefe antiprotocolo a bordo do *Formose* por ocasião da chegada de Blaise Cendrars, e de representante inocuo da *Klaxon*”.²⁷³

Esta reportagem comemorativa pelo cinqüentenário de Sérgio Buarque de Holanda trás à lembrança como amigos e colegas viam o jovem escritor em meados dos anos 20. Este texto também nos reporta ao fato de que nesta época ainda eram pequenas as participações de Sérgio Buarque de Holanda nas revistas.

A chegada do romancista Blaise Cendrars era muito importante para o grupo dos modernos, pois ele representava a renovação das letras na Europa. Sérgio Buarque de Holanda contou em entrevista anos mais tarde que a criação da capa da Revista *Klaxon* foi inspirada no recém chegado livro de Cendrars ao Brasil, *La fin du Monde Filmè par l'ange Notre Dame*.²⁷⁴ Na figura nº6 vemos Sérgio Buarque de Holanda e outros do grupo dos modernos com o romancista em frente à Estação Ferroviária por ocasião de sua chegada.

²⁷³ Matéria veicula em homenagem ao cinqüentenário de Sérgio Buarque de Holanda, documento dos arquivos do projeto SIARQ, UNICAMP.

Figura nº 6:



Grupo de intelectuais brasileiros em frente à estação ferroviária com o poeta francês Blaise Cendrars, quando da sua chegada ao Brasil. Está acompanhado à sua esquerda por: Sérgio Buarque de Holanda; Graça Aranha; Prudente de Moraes e Guilherme de Almeida, à sua direita por: Ronald de Carvalho; Américo Facó e Paulo da Silveira.

Fonte extraída dos arquivos do projeto SIARQ: Unicamp

Esta excursão, em 1924, foi marcante para a trajetória de Sérgio Buarque que publicou em setembro de 1924 na Revista Estética um artigo sobre a personalidade poética de Blaise Cendrars. Segundo Sérgio Buarque, a poesia francesa havia alcançado grande originalidade até 1919, mas após a Grande Guerra houve um retrocesso uma exaltação do lirismo. No entanto, para o jovem jornalista e literário Cendrars escapara a sedução de ceder ao regresso lírico e mantinha-se no caminho da renovação, do exotismo e afirmou: “*O artista torna-se mais objetivo e sobretudo mais modesto*”.²⁷⁵

²⁷⁴ Conforme, BRITO, Mário da Silva. *Introdução*. In: Klaxon, Edição facsimilada, São Paulo, Livraria Martins Editora, 1972, p. 02.

²⁷⁵ HOLANDA, Sérgio Buarque. *Blaise Cendrars, Kodak documentaire: Librairie Stock, 1924*. Revista Estética, Rio de Janeiro, nº1, set/1924, pp98-100.

Esta viagem ao interior do Brasil, no entanto, foi muito mais decisiva para a trajetória de Tarsila do Amaral. Para a artista recém chegada da Europa ver o Brasil, suas cores, sua gente, foi o estímulo que faltava para pintar seu país.

Tarsila do Amaral durante sua viagem pelo interior de Minas Gerais, reviu cenas do cotidiano de sua infância. *“No anseio da projeção do nacional a ‘nossa paulista redescobre em adulta a paisagem dos seus olhos de menina, depois de pintora formada. Sua melhor pintura, a mais caracterizada, sairá desse redescobrimento se si mesma”*.²⁷⁶ A artista que conhecia as grandes cidades, não só brasileiras como as européias, observou algo que talvez antes lhe passasse despercebido: as múltiplas dimensões da vida humana. Em suas telas vê-se que a artista não se preocupou em retratar cenas, mas sim, tempos. *“Cada realidade social segrega o seu tempo ou as suas escalas de tempo, como simples conchas”*.²⁷⁷

Tarsila do Amaral queria pintar a cara do Brasil, sua identidade, pois era por esta que os modernos de 22 procuravam. Entretanto, cedo a artista entendeu que não existia um Brasil, mas, múltiplos e que todos eram um, o verdadeiro, aquele a quem todos buscavam. O Brasil de muitas faces e temporalidades. O tempo da religião, do trabalho, da festa, do bairro, da natureza, tempos diversos em que vivem imersos tantos brasileiros. De sua infância Tarsila relembrou o tempo da família, da fazenda, da natureza, o tempo em que não via o tempo passar. Lembrou que o tempo do campo é diferente do tempo da cidade e estes são diferentes do temporalidade do trabalho, da festa e da natureza.

²⁷⁶ AMARAL, Aracy A. *Tarsila: sua obra e seu tempo*. 34 ed. São Paulo. Edusp, 2003, p. 90.

²⁷⁷ BRAUDEL, Fernand. *Tempo do historiador, tempo do sociólogo*. In: --- **História e Ciências sociais**. 5 ed. Lisboa. Editorial Presença, 1986, p. 36.

Por certo, a consciência do tempo que se articula na arte de vanguarda não é simplesmente anti-histórica; apenas se volta contra a falsa normatividade de uma compreensão histórica inspirada na imitação de modelos, (...) Tal consciência se serve de passados objetivados, que se tornaram historicamente disponíveis(...).²⁷⁸

Desta forma, Tarsila não estava interessada em reproduzir, como meras cópias, imagens do Brasil, mas sim em registrar em cada tela de sua primeira fase as diferentes temporalidades brasileiras, os diferentes Brasis. Nesta fase, chamada pau-brasil, a artista apresentou os homens imersos nas diferentes temporalidades. Em sua segunda fase, a antropofágica, mudou seu estilo, mas o objetivo continuou, Tarsila apresentou à sociedade o tempo do homem, do homem que devora homem, que transforma o habitat. Mas, agora era o homem dono de seu tempo. Através de figuras disformes, o homem pintado pela artista é um sujeito determinante e não determinado. A posição do tempo se inverte, o homem não está mais à disposição do tempo natural. Na fase antropofágica é o tempo das máquinas, fabricado pela sociedade industrial, o tempo do relógio.

Tarsila do Amaral transmitiu para as telas sua leitura de Brasil, de brasileiros, sua identidade. Nas telas a artista registrou o que seu grupo registrava nos romances, poemas, contos e que no início dos anos 30 Sérgio Buarque de Holanda registrou em seu *Raízes do Brasil*.

Diferentemente de Tarsila do Amaral, sua amiga e em fins dos anos 30 colega na redação do *O Jornal*, Sérgio Buarque de Holanda não procurou a unidade nacional em sua

²⁷⁸ HABERMAS, Jürgen. *Modernidade – um projeto inacabado*. IN: ARANTES, Otília B. F. & ARANTES, Paulo E. **Um ponto cego no projeto moderno de Jürgen Habermas**. Editora Brasiliense, 1981, p.104.

diversidade cultural, nem mesmo se preocupou com a “cara” do Brasil, na verdade o historiador procurou mostrar um único ponto em comum no caráter cultural do homem brasileiro, a cordialidade. Este traço no caráter do brasileiro é forte o suficiente, na visão de Buarque de Holanda, para unir a nação.

1922 foi um ano de intensa agitação política, que não cessara até a conspiração final que daria pôr terra com a Primeira República, em outubro de 1930. A Semana de Arte Moderna está pôr certo inserida no processo de decomposição do sistema oligárquico, embora sua realização tenha sido patrocinada, como já ficou dito, pela ala mais poderosa, comerciantes e comissários do café, do Partido do republicanismo agrário exportador de São Paulo.²⁷⁹

O fim dos anos 20 foi extremamente conturbado com as eleições presidenciais no Brasil e pôr fim com o golpe de Getúlio Vargas em outubro de 1930. Sérgio Buarque de Holanda não presenciou o golpe, porque estava na Alemanha como emissário dos Diários e Associados de São Paulo, desde agosto de 1929.

Sérgio Buarque durante sua formação intelectual no Brasil sofreu influência do romantismo literário de José de Alencar e do realismo de Machado de Assis, a preocupação documental e paixão nacional de Capistrano de Abreu, reconhecido por Sérgio Buarque como seu mestre intelectual. Assim como Capistrano de Abreu, para Sérgio Buarque,

Não houve doutrina, ideologia, alemã, francesa, inglesa, americana, oriental ou judaica, fosse o que fosse, servisse ou não como instrumento de pesquisa e orientação, que o desviasse da visão nacional, que tirasse seus pés dos chãos desta terra, desvirasse sua cabeça das inspirações dos nossos maiores ou arrancasse seu coração dos sentimentos da nossa gente.²⁸⁰

²⁷⁹ BARBOSA, Francisco de Assis. *Op. Cit.* 1988, p. 34.

²⁸⁰ RODRIGUES, José Honório. *Introdução*. In: ABREU, João Capistrano de. *Capítulos da História Colonial, 1500-1800*. 5 ed. Brasília – DF, Editora Universidade de Brasília, 1963, p. xix.

A trajetória do intelectual Sérgio Buarque de Holanda pode ser dividida em dois momentos: primeiro no Brasil até sua participação com o movimento modernista e o segundo inicia com sua estada na Alemanha. Na Europa Sérgio Buarque de Holanda teve contato com o historicismo de Leopold von Ranke, os conceitos de Estado e Sociedade de Max Weber, com a psichistória de Lucien Febvre, com a história comparada e “longa duração”²⁸¹ de Marc Bloch. *“É fora de dúvida que Sérgio Buarque de Holanda começou a se interessar seriamente pelos estudos históricos e de ciências sociais durante sua hibernação alemã, descobrindo que esta era, de fato, a sua principal vocação, sem, contudo, deixar de ser um escritor”*.²⁸²

Sérgio Buarque de Holanda frequentou as aulas de Friedrich Meinecke na Universidade de Berlim, com certeza encontrou em discussão inúmeros assuntos que estavam em pauta naquele momento. *“Para Sérgio Buarque de Holanda foi importante este caminho interpretativo, a partir do qual conjunturas específicas eram desvinculadas de seu enquadrinhamento institucional”*.²⁸³ No entanto, de acordo com Ronaldo Vainfas, *“Sérgio Buarque fazia simplesmente história e o fazia de forma rebelde”*.²⁸⁴ Sem prender-se a esta ou aquela corrente, foi um historiador que soube articular as diversas influências em seu trabalho.

²⁸¹ Conceito não existente ainda no início dos anos 30. Desenvolvido só posteriormente, pelo discípulo de Lucien Febvre e Marc Bloch, Fernand Braudel.

²⁸² BARBOSA, Francisco de Assis. *Op. Cit.* 1988, p. 44.

²⁸³ DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Política e Sociedade na Obra de Sérgio Buarque de Holanda*. In: CANDIDO, Antônio (org). **Sérgio Buarque Holanda e o Brasil**. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 1998, p. 19.

²⁸⁴ VAINFAS, Ronaldo. *Sérgio Buarque de Holanda: um historiador das representações mentais*. In: CANDIDO, Antônio (org). **Sérgio Buarque Holanda e o Brasil**. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 1998, p. 57

A situação alemã, encontrada pelo então jornalista, era extremamente conturbada. Na Universidade deparou-se com a história metódica, do início do século XX, preocupada em “... despertar, afinal, na alma da nação, a consciência da si (...) devolver-lhes **raízes** profundas para que eles entendam que a fronteira não é interna, mas externa”.²⁸⁵ De acordo com François Dosse, a função do historiador era entendida, como política, formadora de consciência nacional, enraizadora de sentimentos patrióticos. *Raízes do Brasil* teve esta função conscientizadora e de repúdio ao estrangeiro a partir da exaltação do nacional.

Era diante deste contexto de convulsão social que Sérgio Buarque se descobriu historiador. Ele já tinha um projeto de livro sobre teoria da história ao sair do Brasil, destarte, foi longe do país, diante dos problemas políticos-sociais, que o bacharel em direito aprofundou-se na análise histórica. Ao retornar para o Brasil pelo natal de 1930, o agora historiador, trazia consigo o que seria sua grande obra, mais de quatrocentas páginas manuscritas de *Raízes do Brasil*. Na figura nº 7 vemos o recibo referente ao pagamento pela publicação de *Raízes do Brasil* datado de 1936.

²⁸⁵ DOSSE, François. *A História à Prova do Tempo: da história em migalhas ao resgate do sentido*. São Paulo: Editora UNESP, 2001, p. 17. (grifo nosso).

Figura nº7:



Fonte extraída do site do projeto SIARQ: Unicamp

Ao Retornar da Alemanha, Sérgio Buarque de Holanda continuou como tradutor de telegramas, acolhido pelo antigo chefe, Alberto Ramos, a Agência Havas, que, com a Reuters, predominaram no noticiário internacional da imprensa brasileira durante todo o Império e a Primeira República. (...) Está, porém, todo voltado para terminar o livro que trouxera da Alemanha **praticamente concluído**, cerca de 400 páginas manuscritas, que só será publicado em fins de 1936.²⁸⁶

O Brasil encontrado por Buarque de Holanda, em seu retorno, não era o mesmo. Com declínio da democracia liberal as massas participavam mais ativamente no processo político, o populismo, isto pelo menos até 1932, com Revolução Constitucionalista. Após esta revolta, vieram os anos mais difíceis do governo Vargas com os antagonismos, o fascismo e o comunismo se levantando, representados pela Ação Integralista Brasileira e a Aliança Nacional Libertadora. A repressão foi brutal. *“Encheram-se as prisões de intelectuais,*

²⁸⁶ BARBOSA, Francisco de Assis. *Op. Cit.* 1988, p. 46. (grifo nosso).

*professores e militares. (...) Graça Aranha foi o primeiro a desaparecer, nos começos de 1931, em plena euforia com o êxito da Revolução, pelo qual tanto sonhara, preso duas vezes pela polícia política da República Velha”.*²⁸⁷ Sérgio Buarque de Holanda não passou por este constrangimento. O grande e aparente protesto que realizou foi seu pedido de aposentadoria em julho de 1969 em solidariedade de seus colegas professores afastados pelo AI-5.

Em julho de 1969 – a seu pedido – o então Reitor, Alfredo Buzaid aposentou-o do cargo de professor Catedrático da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP. Seu pedido de aposentadoria foi encaminhado em solidariedade aos professores afastados de suas funções pelo AI-5. Atitudes como esta revelam muito de sua personalidade.²⁸⁸

O autor de *Raízes* não foi homem submisso, pelo contrário sua obra foi marcada pela crítica radical. *Raízes do Brasil* produzida com linguagem metafórica representa sua crítica mais implacável ao sistema político brasileiro vigente até então. Esta obra surgiu na confluência de diversos acontecimentos contextuais na vida do autor, sua formação no Brasil e experiência intelectual na Alemanha.

... *Raízes do Brasil* (1936), de Sérgio Buarque de Holanda, transformou-se num clássico, embora de menor repercussão na época. Trazia em seu bojo a crítica (talvez demasiado erudita e metafórica para o incipiente e abafado ambiente cultural e político da época) ao autoritarismo e às perspectivas hierárquicas sempre presentes nas explicações do Brasil.²⁸⁹

²⁸⁷ Id. BARBOSA, Francisco de Assis. p. 47.

²⁸⁸ NOGUEIRA, *op. cit.* 1988, p. 24.

²⁸⁹ MOTA, Carlos G. *Ideologia da cultura Brasileira: 1933-1974*. 9 ed. São Paulo, Editora Àtica, 1994, p. 30.

Na Alemanha, sob influências rankeanas e weberianas, o jovem advogado jornalista tornou-se historiador. Para Maria Odila, a estada em Berlim possibilitou a Buarque de Holanda o contato com diversas tendências e principalmente com o historicismo alemão. Lá Sérgio Buarque teria, segundo Antônio Cândido, conhecido:

... a morfologia das culturas, a dualidade sangue e terra, a psicologia diferencial das raças, o apelo às forças obscuras. Sérgio respirou nesse ambiente e conheceu alguns de seus aspectos negativos, inclusive a duvidosa caracteriologia de Ludwig Klages. Mas a retidão do seu espírito, a jovem cultura já sólida e os instintos políticos corretamente orientados levaram-no a algo surpreendente: deste caldo cultural que podia ir de conservador a reacionário, e de místico e apocalíptico, tirou elementos para uma formação pessoal progressista de seu país, combinando de maneira exemplar a interpretação desmistificadora do passado com senso democrático. A empatia, o entendimento global que descarta o pormenor vivo, a visão orgânica, a confiança em certa mística dos tipos, tudo isso foi despojado por ele de qualquer traço de irracionalidade, moído pela sua maneira peculiar, e desaguou numa interpretação aberta extremamente crítica e radical.²⁹⁰

Como vimos, Sérgio Buarque de Holanda em *Raízes do Brasil* não partiu simplesmente de sua experiência e contato com terras germânicas para escrever, na verdade construiu um diálogo com a tradição histórica brasileira. Nesta obra o autor se contrapôs às teorias racistas sobre a formação do homem brasileiro, ou seja, ao mito das três raças, e propôs uma definição cultural.

Sua participação no grupo modernista em muito contribuiu para ampliar seus questionamentos sobre a originalidade de nossa cultura. Sua conclusão final de que não somos apenas seres biológicos, mas antes determinados por nossa cultura é resultado de

²⁹⁰ CÂNDIDO, Antônio. *Sérgio em Berlim e depois*. In: BARBOSA, Francisco de Assis (org.). **Raízes de Sérgio Buarque de Holanda**. São Paulo, Rocco 1988, p. 123.

toda a discussão da literatura, arte e história produzida dentre os anos de impacto do modernismo no Brasil e no mundo, as décadas de 1910 a 30.

Assim, podemos dizer que as principais influências teóricas em *Raízes do Brasil* não vieram de terras estrangeiras. As propulsoras e instigadoras desta obra, são clássicos da historiografia nacional, citados e analisados neste capítulo. São estas obras publicadas nas primeiras décadas do século XX e suas idéias que levaram Sérgio Buarque a planejar sua *Teoria da América*.

Mais do que nunca podemos afirmar que *Raízes do Brasil* é uma obra de discussão política e não simplesmente um livro de síntese histórica. Sua crítica é profunda e atinge as bases de nossas instituições culturais e políticas. No entanto, Sérgio Buarque não apenas percebeu os males das estruturas nacionais como também propôs mudanças. Motivado pelas projeções e possibilidades de um novo governo, Sérgio Buarque sonhou com um novo Brasil, mais justo e democrático.

CONCLUSÃO

Este estudo da obra de Sérgio Buarque de Holanda nos permitiu identificar os vínculos existentes entre a teoria e o discurso. Percebemos que as escolhas metodológicas, as fontes e tema, todos estão subordinados a algo maior, que aqui para nós se apresentou como o contexto de vida do autor. Assim, em *Raízes do Brasil* não podemos separar a escrita literária e histórica do discurso político.

Nesta pesquisa trouxemos a cena de discussões, no primeiro capítulo, as diversas interpretações desta obra que em muito se repetem e em raros casos avançam para um olhar mais crítico.

Após a morte de Sérgio Buarque de Holanda seus alunos, amigos e admiradores de sua obra se voltaram ao estudo de *Raízes do Brasil*, *Visão do Paraíso* entre outras. O que demonstramos no primeiro capítulo foi os equívocos de algumas análises. Diversos dos estudiosos buarquianos, procuraram ligar Sérgio Buarque a idéias que não lhe foram próprias, como o mito das três raças. Sérgio Buarque não estava preocupado com nossa formação biológica e sim cultural, são as bases de nossa cultura, as *raízes*, que lhe preocupavam, pois seu determinismo era cultural. Para ele a cultura determina o homem.

Também não se preocupou em fazer uma história vista de baixo, dos excluídos, como nos disse Francisco de Assis Barbosa. Ao contrário, a história feita por Sérgio Buarque estava voltada para a análise das grandes estruturas e personagens. Em sua obra inaugural deixou claro que para ele a cultura do povo brasileiro foi imposta por seus dominadores, os excluídos são apenas reprodutores da mesma.

Observamos que vários autores, já mencionados, indicavam a ligação entre as reportagens alemãs de Sérgio Buarque e sua obra inaugural, *Raízes do Brasil*, no entanto, análises comparativas entre o conteúdo de ambas não haviam ainda sido realizadas com mais afinco. Também os estudiosos da obra de Sérgio Buarque, mesmo os mais próximos, se desviaram da análise de possíveis aproximações e engajamentos políticos do historiador com o governo de Getúlio Vargas e muitos preferiram ligá-lo ao Partido dos Trabalhadores.

Nós, no entanto, demonstramos em nosso segundo capítulo, que foi este engajamento político e participação no seio da Aliança Liberal que proporcionou ao Sérgio Buarque de Holanda os instrumentos adequados para executar seu plano de escrever uma obra que explicasse o Brasil, sua *Teoria da América*, ou seja, a nossa *Raízes do Brasil*.

Difícil, talvez, para muitos admitirem que, mesmo por pouco tempo, foi Sérgio Buarque um adepto da Aliança Liberal. Mas, isto não o fez menos ou mais nobre, apenas demonstrou sua sede de mudança, seu engajamento político e sua esperança na Nação. Seu posterior silêncio e decepção fizeram parte de seu amadurecimento intelectual.

Mas, para compreender porque tantos estudiosos não olharam sua obra desta forma precisamos nos reportar a documentos que pouco foram analisados e associados a *Raízes do Brasil*, seus artigos antecessores e reportagens alemãs. Para nós como demonstramos no segundo capítulo, estes artigos e reportagens produzidas antes de *Raízes do Brasil* foram gestores, embriões da obra. Nestes escritos o autor expôs seu pensamento, refletiu, amadureceu suas conclusões. Eles fazem parte do percurso de amadurecimento intelectual de Sérgio Buarque de Holanda e por isso explicam, clarificam as idéias apresentadas em *Raízes do Brasil*. Também consideramos importantes os vínculos pessoais e intelectuais do autor, seu contexto de vida, como parte fundamental para a decodificação das idéias buarquianas, como apresentamos no segundo capítulo.

Entretanto, consideramos a palavra como ação e entendemos que esta é antecedida pelo posicionamento político e intelectual do autor. Desta forma, no terceiro capítulo trouxemos a cena de análise as influências que marcaram, de uma forma ou de outra, *Raízes do Brasil*. Para melhor compreensão desta análise, comparamos alguns trabalhos sobre a história nacional com *Raízes*. Assim, demonstramos como se travou o diálogo de Sérgio Buarque em sua obra inaugural com estes clássicos: *Por que me ufano de meu país*; *Festas e Tradições populares do Brasil*; *Os Sertões* entre outros, que tanta repercussão tiveram em sua época.

Ao final deste trabalho pudemos demonstrar como *Raízes do Brasil* é fruto de discussões anteriores, que seu discurso dialogou com uma tradição que nos reporta ao século XIX, seu romantismo e cientificismo biológico. Sérgio Buarque se contrapôs às

idéias racistas e avançou apresentando um olhar cultural para o ser nacional. No entanto, como vimos, em muito seu pensamento estava enraizado nesta tradição e por isso ora se opôs, ora complementou.

Sérgio Buarque de Holanda não viveu à frente de seu tempo como muitos tentaram afirmar, pelo contrário, foi homem contemporâneo, viu e viveu os problemas de sua contemporaneidade e não deixou de sonhar com Novos Tempos e com a Nossa Revolução, títulos que deu a última parte de *Raízes do Brasil*.

BIBLIOGRAFIA

1. Fontes Primárias: livros e artigos

ARANHA, Graça. *Espírito Moderno*. São Paulo. CIA. Graphico-Editora Monteiro Lobato, 1925.

CHATEAUBRIAND, Assis. *Terra Desumana: a vocação revolucionária do presidente Arthur Bernardes*. Rio de Janeiro. Oficinas de O Jornal, 1936.

HOLANDA, Sergio Buarque de. *Livro dos prefácios*. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *O Atual e o Inatual na obra de Leopold von Ranke*. Revista de História, ano XXV, Volume L, nº 100, outubro-dezembro, 1974, p.437.

HOLANDA, Sergio Buarque de. *O espírito e a letra: estudos e crítica literária*. Vol. 1. Organização, introdução e notas Antônio Arnoni Prado. São Paulo. Companhia das Letras, 1996.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Originalidade Literária*. São Paulo, Revista Fon-fon. 22 abr. 1920 p. 01.

HOLANDA, Sérgio Buarque. *Blaise Cendrars, Kodak documentaire: Librairie Stock, 1924*. Revista Estética, Rio de Janeiro, nº1, set/1924.

HOLANDA, Sérgio Buarque. *Monções*. Rio de Janeiro. Livraria Editora da Casa do Estudante do Brasil, 1945.

HOLANDA, Sérgio Buarque. *O Lado oposto e outros lados*. Revista do Brasil, SP, 15/10/1926.

HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1936; 1973.

HOLANDA, Sérgio Buarque. *Tentativas de Mitologia*. São Paulo. Editora Perspectiva, 1979.

HOLANDA, Sérgio Buarque. *Visão do Paraíso*. São Paulo. Editora Brasiliense; 2000.

KLAXON: mensário de arte moderna. São Paulo. Maio/1922 – jan/1923. In: Facsimile. Introdução Mário da Silva Brito. Governo do Estado de São Paulo, Secretaria de Estado de Cultura, Esportes e Turismo Conselho Estadual de Cultura, Livraria Martins Fontes, 1972.

2. Fontes Primárias: reportagens

HOLANDA, Sergio Buarque de. *Instintos de sabedoria*. Rio de Janeiro, O Jornal, 23/11/1930.

_____. *A Bandeira Nacional*. A Cigarra. São Paulo. n 2, ago. 1920.

_____. *A Chiméria do Monroísmo*. A Cigarra. São Paulo. n1. jul, 1920.

_____. *A Primeira e a segunda viagem em Zepelim ao Brasil*. São Paulo. Diário de São Paulo, 23/07/1930.

_____. *Através da Alemanha*. Rio de Janeiro. O Jornal. (23/08/1929)

_____. *Através da Alemanha*. Rio de Janeiro. O Jornal. (08/11/1929)

_____. *Através da Alemanha*. Rio de Janeiro. O Jornal. (15/09/1929)

_____. *Como repercutiram na Imprensa alemã os últimos acontecimentos no Brasil*. São Paulo. O Jornal, 26/11/1930.

_____. *Diálogo das grandezas do Brasil*. Rio de Janeiro. O Jornal. 20/02/1930.

_____. *O café brasileiro na Alemanha*. Rio de Janeiro. O Jornal. 29/01/1930.

_____. *O Homem-machina*. A Cigarra. São Paulo. março, 1921.

_____. *Paraíso dos bandidos e el dourado das epidemias*. São Paulo. Diário de São Paulo, 19/02/1930.

_____. *Relações Brasil e Polônia*. Rio de Janeiro. O Jornal, 25/02/1930.

_____. *Viva o Imperador*. A Cigarra. São Paulo. jun, 1920.

- _____. *Thomas Mann e o Brasil*. São Paulo. Diário de São Paulo, 23/01/1930.
- _____. *A Primeira e a segunda viagem em Zeppelin ao Brasil*. Rio de Janeiro. O Jornal. (18/07/1930)
- _____. *Ainda o incidente Gago Coutinho – Hugo Eckener*. Rio de Janeiro. O Jornal. (24/10/1930)
- _____. *As relações entre o Brasil e a Polônia*. Rio de Janeiro. O Jornal. (25/02/1930)
- _____. *Diálogo dos grandezas do Brasil: Paraíso dos Bandidos e Eldorado das epidemias! – eis o que somos para a imprensa européia*. Rio de Janeiro. O Jornal. (20/02/1930)
- _____. *Nacionalismo e monarquismo na Alemanha*. Rio de Janeiro. O Jornal. (28/02/1930)
- _____. *Nacionalismo e monarquismo na Alemanha*. Rio de Janeiro. O Jornal. (26/03/1930)
- _____. *Nacionalismo e monarquismo na Alemanha*. Rio de Janeiro. O Jornal. (02/04/1930)
- _____. *Nacionalismo e monarquismo na Alemanha*. Rio de Janeiro. O Jornal. (12/04/1930)
- _____. *O Café Brasileiro na Alemanha*. Rio de Janeiro. O Jornal. (26/01/1930)
- _____. *O Café Brasileiro na Alemanha*. Rio de Janeiro. O Jornal. (12/03/1930)
- _____. *O Comunismo e a Atualidade Européia*. Rio de Janeiro. O Jornal. (03/11/1929)
- _____. *O Comunismo e a Atualidade Européia*. Rio de Janeiro. O Jornal. (23/11/1929)
- _____. *O Marechal Pilsudski e os vícios do Parlamentarismo Polonês*. Rio de Janeiro. O Jornal. (06/11/1929)
- _____. *Quinze anos depois*. Rio de Janeiro. O Jornal. (16/11/1930)
- _____. *Thomas Mann e o Brasil*. Rio de Janeiro. O Jornal. (16/02/1930)
- _____. *Um País que ressurge*. Rio de Janeiro. O Jornal. (01/01/1930)
- _____. *Um País que ressurge*. Rio de Janeiro. O Jornal. (16/11/1929)
- _____. *Um País que ressurge*. Rio de Janeiro. O Jornal. (30/11/1929)
- _____. *Um País que ressurge: A Exposição geral polonesa de Poznan*. Rio de Janeiro. O Jornal. (12/01/1930)
- _____. *Um País que ressurge: A Exposição geral polonesa de Poznan*. Rio de Janeiro. O Jornal. (02/01/1930)

_____. *Um País que ressurge: A Exposição geral polonesa de Poznan*. Rio de Janeiro. O Jornal. (05/01/1930)

Manifesto da Aliança Liberal publicado com a fotografia de Getúlio Vargas no O Jornal – 07/09/1929.

3. Bibliografia Auxiliar

ABREU, Martha. *Mello Moraes Filho: Festas, tradições populares e identidade nacional*. In: *A História Contada*. RJ. Nova Fronteira, 1996.

AGUIRRE ROJAS, Carlos Antônio. *Os Annales e a historiografia francesa: tradições críticas de Marc Bloch a Michel Foucault*. Maringá, EDUEM, 2000.

AMARAL, Aracy A. *Tarsila: sua obra e seu tempo*. São Paulo. Ed. 34; EDUSP, 2003.

ATHANÁZIO, Enéias. *3 Dimensões de Lobato*. São Paulo, Editora do Escritor, 1975.

BANDEIRA, Moniz. *Presença dos Estados Unidos no Brasil: dois séculos de história*. 2 ed. São Paulo, Civilização brasileira, s/d.

BARBOSA, Francisco de Assis. *Introdução*. In: **Raízes de Sérgio Buarque de Holanda**. Rio de Janeiro, Rocco, 1988.

BARBOSA, Francisco de Assis. *Verdes anos de Sérgio Buarque de Holanda. Ensaio sobre sua formação intelectual até Raízes do Brasil*. In: **Sérgio Buarque de Holanda: Vida e obra**. São Paulo, Secretaria de Estado da Cultura: Arquivo do Estado: Universidade de São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1988.

BLOCK, Marc. *Introdução à história*. 5 ed. Lisboa. Portugal. Publicações Europa-América: Coleção Saber, 1987.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 3 ed. São Paulo, Editora Cultrix, 1983.

BOURDÉ, Guy & HERVÉ, Martin. *A História Nova – herdeira da Escola dos “Annales”*. In: *As Escolas históricas*. Portugal, Publicações Euroap-América, 1990.

BOURGUEOIS, Emile. *Introccion*. In: MICHELET, Jules. *Juana de Arco*. Buenos Aires. Editor El Ateneu, 1945.

BRANDÃO, Helena H. N. *Introdução à Análise do Discurso*. Campinas, SP. 8 ed. Editora da Unicampi, 2002.

- BRAUDEL, Fernand. *Tempo do historiador, tempo do sociólogo*. In: --- **História e Ciências sociais**. 5 ed. Lisboa. Editorial Presença, 1986
- BRITO, Mário da Silva. *Introdução*. In: Klaxon, Edição facsimilada, São Paulo, Livraria Martins Editora, 1972.
- BURGUIÈRE, André. *Dicionário das Ciências Históricas*. Rio de Janeiro: Imago, 2001.
- BURKE, Peter (org.). *A Escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo, Editora UNESP, 1992.
- BURKE, Peter. *A Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da historiografia*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.
- CALMON, Pedro. *Panorama da República Brasileira*. In: **História do Brasil**, vol. VII, século XX. 2 ed. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora S. A., 1963.
- CAMARGO, Aspásia. *A Revolução das Elites: Clivagens Regionais e Centralização Política*. In:--- **Simpósio sobre a Revolução de 30**. Porto Alegre, out. 1980. Porto Alegre, ERUS, 1983, p. 391.
- CÂNDIDO, Antônio & CASTELLO, José Aderaldo. *Presença da Literatura Brasileira: II Romantismo, Realismo, Parnasianismo, Simbolismo*. 7 ed. Rio de Janeiro, DIFEL, 1978.
- CÂNDIDO, Antônio. *Formação da Literatura brasileira: momentos decisivos*. 5 ed. São Paulo, Ed. Itatiaia, 1975, 1 vol.
- CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária*. 8 ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.
- CÂNDIDO, Antônio. *O Romantismo no Brasil*. São Paulo. Humanitas USP, 2002.
- CÂNDIDO, Antônio. *O significado de Raízes do Brasil*. In: Sérgio Buarque de Holanda. **Raízes do Brasil**. 7 ed. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1973.
- CÂNDIDO, Antônio. *Sérgio em Berlim e depois*. In: BARBOSA, Francisco de Assis (org.). **Raízes de Sérgio Buarque de Holanda**. São Paulo, Rocco 1988.
- CÂNDIDO, Antônio. *Sérgio, O Radical*. In: *Sérgio Buarque de Holanda: vida e obra*. São Paulo, Secretaria de Estado da Cultura: Arquivo do Estado: Universidade de São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1988.
- CAPELATO, Maria Helena. *Propaganda Política e Construção da Identidade*. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 16, nº 31 e 32, 1996.
- CARBONEL, Charles-Oliver. *O século da história*. In: *Historiografia*. Lisboa – Portugal, Editorial Teorema, 1992.

- CARVALHO, Marcus Vinícius Corrêa. *Raízes do Brasil, 1936: tradição, cultura e vida*. Dissertação de mestrado. Campinas, SP: {s.n.}, 1997.
- CELSONO, Affonso. *Porque me ufano de meu país*. 7 ed. Rio de Janeiro, Livraria Garnier, s/d.
- CERTEAU, Michel de. *Fazer história*. In:--- *A escrita da história*. 2 ed. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2000.
- CHABOT, Jean-Luc. *O Nacionalismo*. Portugal, Coleção RésEditora, S/D.
- Chartier, Roger. *O Mundo como Representação*. In: Revista *Estudos Avançados*. Nº 11, São Paulo, Universidade de São Paulo, Maio/1991.
- CHARTIER, Roger. *Textos, Impressão, Leituras*. In Hunt, Lynh (Org.). **A Nova História Cultural**. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.
- CHAUÍ, Marilena. *A Nação como semióforo*. In: *Brasil fundador e sociedade autoritária*. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 2001.
- CHAUÍ, Marilena. *Ideologia*. In: PRADO, Caio Jr.; CHAUÍ, Marilena e KONDER, Leandro. *O que é: Filosofia, Ideologia, Dialética*. Volume 6, São Paulo, Círculo do Livro, 1981.
- CHAUNU, Pierre. *A história como ciência social: a duração, o espaço e o homem na Europa Moderna*. Rio de Janeiro, Editor Zahar, 1976.
- CINTRA, Ana Maria. *Para entender as linguagens documentárias*. 2 ed. São Paulo, Polis, 2002.
- COSTA, Emília Viotti da. *Da Monarquia à República: momentos decisivos*. São Paulo, Livraria Editora Ciências Humanas LTDA, 1979.
- CUNHA, Euclides. *Os Sertões*. São Paulo, Nova Cultural, 2003.
- D'ALLESSIO, Marcia Mansor. *Os Annales no Brasil. Algumas reflexões*. In: **anos 90, revista do curso de pós-graduação em história**. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 1994.
- DECCA, Edgar S. *Raízes do Brasil: um ensaio das formas históricas*. www.unicamp.br
- DELUMEAU, Jean. *Nascimento e afirmação da Reforma*. São Paulo: Pioneira, 1989.
- DIAS, Maria Odila (org.). *Sérgio Buarque de Holanda*. São Paulo, Ática, 1985.
- DIAS, Maria Odila da Silva. *Estilo e Método na Obra de Sérgio Buarque de Holanda*. In: *Sérgio Buarque de Holanda: vida e obra*. São Paulo, Secretaria de Estado da Cultura: Arquivo do Estado: Universidade de São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1988.

- DIAS, Maria Odila da Silva. *Política e sociedade na obra de Sérgio Buarque de Holanda*. In: Cândido, Antônio (org.). *Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil*. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 1998.
- DIEHL, Astor A. *Do método histórico*. 2 ed. Passo Fundo: UPF, 2001.
- DOSSE, François. *A história à prova do tempo: da história em migalhas ao resgate do sentido*. São Paulo: Editora UNESP, 2001.
- DOSSE, François. *A História em migalhas: Dos Annales à Nova História*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1992.
- DOSSE, François. *O Tempo de Marc Bloch e Lucien Febvre*. In:--- **História em migalhas: Dos Annales à Nova História**. São Paulo: Editora da Universidade E. de Campinas, 1950.
- ELIAS, Norbert. *Uma digressão sobre nacionalismo*. In: --- **Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.
- FALCON, Francisco. *História das idéias*. In: CARDOSO, Ciro F. & VAINFAS, Ronaldo (org.). *Domínios da História*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- FAORO, Raymundo. *Sérgio Buarque de Holanda: analista das instituições brasileiras*. In: CANDIDO, Antônio (org.). **Sérgio Buarque Holanda e o Brasil**. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 1998.
- FAUSTO, Boris. *A Revolução de 1930*. In:--- MOTA, Carlos G. (org.). **Brasil em Perspectiva**. 10 ed. Rio de Janeiro, DIFEL, 1978, p. 229.
- FEBVRE, Lucien. *Combates pela História*. 2 ed. Paris, A. Colin, 1965.
- FERRER, Francisca Carla. *O Recrutamento Militar na Guerra do Paraguai*. Dissertação defendida na PUCRS, 2004.
- FERRO, Marc. *A história Viglada*. São Paulo, Martins Fontes, 1989.
- FLORES, Moacyr. *Dicionário de História do Brasil*. 2 ed. rev. ampl. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2001.
- FONTANA i LAZARO, Josep. *História: análise do passado e projeto social*. Bauru, EDUSC, 1998.
- FOUCAULT, Michel. *A Ordem do discurso*. São Paulo. Edições Loyola, 1996.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro. 17 ed. Editora Graal, 1979.
- FURET, François. *Da história-narrativa à história-problema*. In: *A oficina da história*. Lisboa, Gradiva, S/D.

- GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das letras, 1989.
- GLÉNISSON, Jean. *Introdução aos estudos históricos*. 3 ed. Rio de Janeiro, DIFEL, 1979.
- GRAHAM, Richard. *An interview with Sérgio Buarque de Holanda*. In: **The Hispanic American Historical Review**. Nº 62, 1982, p. 03-17.
- HABERMAS, Jürgen. *Modernidade – um projeto inacabado*. IN: ARANTES, Otília B. F. & ARANTES, Paulo E. **Um ponto cego no projeto moderno de Jürgen Habermas**. Editora Brasiliense, 1981.
- HOBSBAWM, Eric. *1917- Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.
- HOBSBAWM, Eric. *A produção em massa de tradições, Europa, 1870 a 1814*. In: *A invenção das tradições*. 2 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997.
- HOBSBAWM, Eric. *Era dos Impérios*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- HOBSBAWM, Eric. *O apogeu do nacionalismo: 1918-1950*. In: **Nações e Nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade**. 3 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 7 ed. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Tentativas de Mitologia*. São Paulo, Editora Perspectiva, 1979.
- HORCH, Rosemarie Erika. *Bibliografia de Sérgio Buarque de Holanda*. In: **Sérgio Buarque de Holanda: vida e obra**. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura; Arquivo do Estado; Universidade de São Paulo; Instituto de Estudos Brasileiros, 1988.
- HUIZINGA, Johan. *Definição do conceito de história*. In: **El concepto de história**. Fondo de Cultura Económica, México, 1946, p. 91-92. *Apud* – DECCA, Edgar S. *Raízes do Brasil: um ensaio das formas históricas*. Unicamp.
- JIMENEZ, Marc. *O que é estética?* São Leopoldo. Ed. UNISINOS, 1999.
- KERN, Maria Lúcia Bastos. *Arte argentina: tradição e modernidade*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 1996.
- LE GOFF, Jacques. *A História Nova*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- LE GOFF, Jacques. *As Mentalidades: uma história ambígua*. In: **História: Novos Objetos**. Rio de Janeiro, Francisco Alves Editora, 1976.
- LE GOFF, Jacques. *História: novos problemas*. 2 ed. Rio de Janeiro, F. Alves, 1979.

LEITE, Dante Moreira. *O Caráter nacional brasileiro: História de uma ideologia*. 4 ed. São Paulo, Pioneira Editora, 1983.

LÉVI-STRAUSS, Claude, Didier Eribon: *De près et de loin*, Point, Paris, 1990, p.31. In: DAIX, Pierre. **Fernand Braudel: uma biografia**. Rio de Janeiro, Record, 1999.

LNDERS, Vasda Bonafini. *De Jeca a Macunaíma: Monteiro Lobato e o Modernismo*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1988, p. 21.

LOPES, Marcos A. *Os caminhos de constituição da história social*. In: GREGORY, VALDIR & LOPES, Marcos A. (org). *O ensino e a pesquisa em história na Unioeste*. Cascavel, Edunioeste, 1998.

LOPES, Marcos A. *Para ler os clássicos do pensamento político: um guia historiográfico*. Rio de Janeiro, Editora Fundação Getúlio Vargas, 2002.

LORIGA, Sabina. *A biografia como problema*. In:--- Revel, Jacques (org). **Jogos de Escalas: a experiência da micro-análise**. Rio de Janeiro, Editora Fundação Getulio Vergas, 1998.

MARSAL, Juan F. *Conhecer Max Weber e sua obra*. Portugal, Editora Ulisseia, p. 18, s/d.

MARTINS, Wilson. *A crítica literária no Brasil*. 2 ed. Rio de Janeiro, Editora Francisco Alves, 1983.

MEDINA, Cremilda Araújo. *A posse da terra: Escritor brasileiro hoje*. São Paulo, Imprensa Nacional Casa da Moeda – Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo, 1985.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *A linguagem indireta e as vozes do silêncio*. In:--- **Signos**. São Paulo, Editora Martins Fontes, 1991.

MOISÉS, Massaud, *História da Literatura: Modernismo (1922 – Atualidade)*. Vol. III, 5 ed. São Paulo, 2001.

MORAES FILHO, José Alexandre Mello. *Festas e Tradições Populares do Brasil*. Brasília, Senado Federal, Conselho Editorial, 2002, p. 21. grifo nosso.

MORAIS, Fernando. *Chatô: o rei do Brasil, a vida de Assis Chateaubriand*. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da Cultura Brasileira: 1933-1974*. 9 ed. São Paulo, Editora Ática 1994.

MOULLAUD, Maurice. *Da Forma ao Sentido*. In: --- PORTO, Sérgio Dayrell (org.). *O Jornal: da informação ao sentido*. 2 ed. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 2002.

MOUILLAUD, Maurice. *O Título e os Títulos*. In: --- PORTO, Sérgio Dayrell (org.). *O Jornal: da informação ao sentido*. 2 ed. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 2002.

NASCENTES, Antenor. *Novíssimo Dicionário Escolar*. Rio de Janeiro, Ediouro, s/d.

NICOLA, José. *Literatura Brasileira: das origens aos nossos dias*. 2 ed. São Paulo, Editora Scipione, 1990.

NOGUEIRA, Arlinda Rocha. *Sérgio Buarque de Holanda, O homem*. In: **Sérgio Buarque de Holanda: Vida e obra**. São Paulo, Secretaria de Estado da Cultura: Arquivo do Estado: Universidade de São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1988.

OLIVEIRA, Lucia Lippi. *A Questão Nacional na República*. In:---LORENZO, Helena C. de. *A Década de 1920 e as Origens do Brasil Moderno*. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *As idéias fora de tempo*. In: Simpósio sobre a Revolução de 30, Porto Alegre, out. 1980. Porto Alegre, ERUS, 1983.

PERRY, Marvin. *Civilização ocidental: uma história concisa*. 2 ed. São Paulo. Martins Fontes, 1999.

PESAVENTO, Sandra. *Paraísos cruzados: Diálogos do encantamento e desencantamento do Mundo (Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda)*. Publicado no site www.unicamp.br

RANKE, Leopold von. *Pueblos y estados em la história moderna*. México, Fondo de Cultura Econômica, 1979.

REIS, José C. *História entre a filosofia e a ciência*. São Paulo. 2 ed. Editora Ática, 1999.

REIS, José C. *Nouvelle Histoire e tempo histórico: a contribuição de Febvre, Bloch e Braudel*. São Paulo: Editora Ática, 1994.

REIS, José C. *Tempo do historiador, tempo do sociólogo*. In: **História e ciências sociais**. 5 ed. Lisboa, Editorial Presença, 1986.

REIS, José Carlos. *Escola dos Annales: a inovação em história*. São Paulo, Paz e Terra, 2000.

REMOND, René. *O retorno do político*. In:--- CHAUVEAU, Agnès. (org) *Questões para a história do presente*. Bauru, SP, EDUSC, 1999.

RIBEIRO, Renato Janine. *A filosofia política na história*. Revista Discurso, São Paulo, v. 2, n. 14, 1989.

RICHARD, Lionel. *Antigos espaços e fronteiras novas*. In: *A República de Weimer*. São Paulo. Companhia das Letras, 1998.

RODRIGUES, José Honório. *Introdução*. In: ABREU, João Capistrano de. **Capítulos da História Colonial, 1500-1800**. 5 ed. Brasília – DF, Editora Universidade de Brasília, 1963.

RODRIGUES, José Honório. *Introdução*. In: ABREU, João Capistrano de. *Capítulos da História Colonial, 1500-1800*. 5 ed. Brasília – DF, Editora Universidade de Brasília, 1963.

SCHMIDT, Benito B. *Biografia: um Gênero de Fronteira entre a história e a literatura*. In: --- RAGO, Margareth & Gimenes, Renato A.. de O. (org.), **Narrar o passado, repensar a história**. Campinas, SP. Unicamp Instituto de filosofia e Ciências Humanas, 2000.

SILVA, Rogério Forastieri. *História da historiografia: capítulos para uma história das histórias da historiografia*. Bauru, SP, EDUSC, 2001.

SILVEIRA, Helder Gordim da. *Joaquim Nabuco e Oliveira Lima: faces de um Paradigma ideológico da americanização nas relações internacionais do Brasil*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2003.

SIRINELLI, Jean-François. *Ideologia, tempo e história*. In: CHAUVEAU, A & TÉTART, Ph. **Questões para a história do presente**. Bauru, SP. EDUSC, 1999.

SKINNER, Quentin. Entrevista. In: PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *As Muitas faces da história: nove entrevistas*. São Paulo, Editora UNESP, 2000, p. 332.

SKINNER, Quentin. *Fundamentos do pensamento político moderno*. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

THOMSON, David. *Pequena história do mundo contemporâneo*. Rio de Janeiro, Zahar editores, 1973.

TORRES, Andréa Sanhudo. *Imprensa: política e cidadania*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 1999.

TOURAINÉ, Alain. *Crítica da Modernidade*. 5 ed. Petrópolis, Editora Vozes, 1998.

VAINFAS, Ronaldo. *Sérgio Buarque de Holanda: um historiador das representações mentais*. In: CANDIDO, Antônio (org). **Sérgio Buarque Holanda e o Brasil**. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 1998.

VANGELISTA, Chiara. *Formas de Fabulação na construção do Passado: História e Memória em torno da Brasilidade*. Seminário Internacional *Clópe*, Itália, 2001.

VECCHI, Roberto. *A insustentável leveza do passado que não passa: sentimento e ressentimento do tempo fora e dentro do cânone modernista*. In: Stella Bresciani e Márcia Naxara (org.). **A insustentável leveza do passado que não passa: sentimento e**

ressentimento do tempo fora e dentro do cânone modernista. Campinas, Editora da UNICAMP, 2001.

VELOZO, Mariza & MADEIRA, Angélica. *Leituras Brasileiras*. São Paulo, Editora Paz e Terra, 1999.

VIANNA, Oliveira. *O Caso do Império*. Brasília, Senado Federal, 2004.

VIANNA, Oliveira. *Pequenos estudos de psicologia social*. São Paulo, Edição Revista do Brasil, 1921, p.57.

VOVELLE, Michel. *Ideologias e mentalidades*. 1. ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1991.

VOVELLE, Michel. *Imagens e Imaginário na História*. São Paulo, Editora Ática, Volume 42, 1997.

WEBER, Max. *Apud* MARSAL, Juan F. *Conhecer Max Weber e sua obra*. Portugal, Editora Ulisseia, p. 18, s/d.

WEBER, Max. *Metodologia das ciências sociais*. São Paulo, Cortez/Unicamp, 1992. Prefácio de Maurício Tragtenberg.

WILMSEN, Ana P. *A argumentatividade e a heterogeneidade enunciativa de textos jornalísticos*. In: BORSTEL, Clarice von. **III Caderno de Língua e Literatura**. Cascavel: EDUNIOESTE, 2001.

ZILBERMAN, Regina. *Literatura Brasileira Contemporânea a Busca da Expressão Nacional*. In: **Anos 90: curso de pós-graduação em História**. Porto Alegre - RS, Editora da UFRGS, 1994.

ANEXOS

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)